

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO

TRANSNACIONALIDADE COMERCIAL, IDENTIDADES E DINÂMICAS DA
MIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO

SÃO LEOPOLDO

2025

Ivan Osvaldo Calderon Arrueta Ribeiro

**TRANSNACIONALIDADE COMERCIAL, IDENTIDADES E DINÂMICAS DA
MIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Linha de Pesquisa Sociedade, Economia e Emancipação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marília Verissimo Veronese

SÃO LEOPOLDO

2025

R484t Ribeiro, Ivan Osvaldo Calderon Arrueta.
Transnacionalidade comercial, identidades e dinâmicas da
migração boliviana em São Paulo / por Ivan Osvaldo Calderon
Arrueta Ribeiro. – 2025.
111 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais,
São Leopoldo, RS, 2025.
" Orientadora: Dra. Marília Verissimo Veronese".

1. Comércio transnacional. 2. Migração boliviana.
3. Identidade. 4. Empreendedorismo imigrante. 5. São
Paulo (SP). I. Título.

CDU: 316.722:314.15(815.6)

Ivan Osvaldo Calderon Arrueta Ribeiro

**TRANSNACIONALIDADE COMERCIAL, IDENTIDADES E DINÂMICAS DA
MIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marília Verissimo Veronese – Orientadora

Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea Castro

Prof. Dr. José Ivo Follmann

Prof. Dra. Adriane Vieira Ferrarini

Prof. Dra. Miriam Steffen Vieira

Dedico este trabalho à minha família, que me ama e se integrou neste projeto de vida, que perpassa os estudos e se torna um ideal familiar.

Também àqueles que deixaram sua terra natal e, muitas vezes, suas famílias e amigos em busca de tempos melhores e de sonhos que nem sempre se concretizam. A eles, desejo força para que, dia a dia, construam e alcancem seus ideais.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Marília Verissimo Veronese, pela dedicação e sabedoria com que me orientou e me ajudou passo a passo na construção deste trabalho. A todos os professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, que tem como vocação compartilhar de seus saberes e experiências, para com os demais.

À minha amada Lorena, que me faz ser melhor a cada dia, no seu apoio, na sua compreensão, mas principalmente no ideal de vida traçado por nós nesta construção de um mundo melhor para nós e nossos amados. Pelo seu apoio incondicional, sua perspicácia em observar o mundo e por seu amor. À minha preciosa joia de valor inestimável, Hadassa, presente dos céus para minha realização e alegria diária, que também se sacrificou por este projeto nas horas que não pude estar com ela.

Aos meus pais Carlos e Marianela, por me amarem, e nesta demonstração sublime, inculcar em mim o desejo e o amor pela sabedoria. Sou o que sou graças a vocês. À minha querida irmã Maura e à sua família, que tanto me apoia e torce por mim.

A toda a minha família, “daqui e de lá”, que se alegram com meus logros e estão sempre no meu coração.

“Emigrar es dejar todo para encontrarlo todo de nuevo. El mundo es grande, y cada país ofrece una nueva oportunidad. No me fui, me llevé mi esencia a otro lugar. Salir de tu zona de confort es el primer paso hacia un futuro mejor”.

Autor Anônimo

RESUMO

A presente pesquisa investiga as dinâmicas sócio-laborais de imigrantes bolivianos em São Paulo-SP, chegando na análise do comércio transnacional como uma categoria de estudo complementar à transnacionalidade familiar e empresarial. Analisa-se as implicações para os imigrantes bolivianos em São Paulo, que constroem e mantêm suas identidades em contextos sociais, econômicos e culturais, numa perspectiva multiescalar e multidimensional. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória, descritiva e explanatória. A metodologia incluiu uma revisão bibliográfica aprofundada, pesquisa de campo com entrevistas em profundidade e observação participante realizadas em São Paulo, cidades fronteiriças, como Puerto Quijarro e Corumbá e de origem na Bolívia, a exemplo de La Paz e Cochabamba, além de análise bibliométrica para identificar lacunas na produção científica sobre o tema. A investigação empírica focou na transformação dos imigrantes bolivianos de trabalhadores precarizados (análogos a escravos) para comerciantes, evidenciada em espaços como a Rua Coimbra, que se tornou um ponto emblemático da cultura e presença boliviana na cidade. Os resultados demonstram como os fluxos de bens e mercadorias, carregados de significados culturais e sociais, representam e fortalecem os vínculos e a identidade desses imigrantes com seu país de origem, superando os desafios logísticos e operacionais por meio de redes de confiança e cooperação. O trabalho ressalta a relevância do perfil do "transmigrante" e a abordagem multifacetada do "fato social total" (Sayad) para uma compreensão holística das migrações contemporâneas, contribuindo para o campo ao propor e caracterizar a necessidade de uma nova categoria para a análise de comércios informais transnacionais, que se situam entre o familiar e o empresarial.

Palavras-chave: Comércio Transnacional; Migração Boliviana; Identidade; Empreendedorismo Imigrante

ABSTRACT

This research investigates the socio-labor dynamics of Bolivian immigrants in São Paulo-SP, thinking about the transnational trade as a complementary category of study to family and business transnationality. The implications for Bolivian immigrants in São Paulo, who build and maintain their identities in social, economic and cultural contexts, are analyzed from a multi-scalar and multi-dimensional perspective. Methodologically, the study adopts a qualitative, exploratory, descriptive and explanatory approach. The methodology included an in-depth literature review, field research with in-depth interviews and participant observation carried out in São Paulo, border cities, such as Puerto Quijarro and Corumbá and originating in Bolivia, for example La Paz and Cochabamba, as well as bibliometric analysis to identify gaps in scientific production on the subject. The empirical research focused on the transformation of Bolivian immigrants from precarious workers (analogous to slaves) to traders, evidenced in spaces such as Rua Coimbra, which has become an emblematic point of Bolivian culture and presence in the city. The results show how the flow of goods and merchandise, loaded with cultural and social significance, represents and strengthens the bonds and identity of these immigrants with their country of origin, overcoming logistical and operational challenges through networks of trust and cooperation. The work emphasizes the relevance of the “transmigrant” profile and the multifaceted approach of the “transmigrant”.

Keywords: Transnational Commerce; Bolivian Migration; Identity; Immigrant Entrepreneurship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografias da Rua Coimbra num sábado de manhã	16
Figura 2 – Imagens das festas pátrias da Bolívia em São Paulo.....	64
Figura 3 – Imagens dos locais de abastecimento de alimentos em La Paz – Bolívia.	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisa do termo Comércio Transnacional no buscador Scielo.....	59
Quadro 2 – Pesquisa do termo Comércio Transnacional no catálogo de teses e dissertações da Capes	60
Quadro 3 – Pesquisa do termo Comércio Transnacional no portal de Periódicos da CAPES.....	60

LISTA DE SIGLAS

ACFBB	Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil
ANT	Actor-Network Theory
CadÚnico	Cadastro Único (para Programas Sociais do Governo Federal)
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAGESP	Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo
MASP	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
MEI	Microempreendedores Individuais
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
SEBRAE-SP	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - São Paulo
SISMIGRA	Sistema de Registro Nacional Migratório
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 OBJETIVOS.....	14
1.1.1. OBJETIVO GERAL.....	14
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.2 PROBLEMA.....	15
2. CONTEXTUALIZAÇÃO EMPÍRICA.....	17
2.1. Universo Empírico.....	19
3. REVISÃO DA LITERATURA DA ÁREA SOBRE A TEMÁTICA.....	28
4. MARCO TEÓRICO	37
4.1. Noções de vida social e biografia cultural das coisas.....	37
4.2. O Capital Social e a sua importância para o fenômeno migratório.....	41
4.3. Crise do estado-nação a partir da territorialidade.....	43
4.4. Teoria do ator-rede.....	47
4.5. As fronteiras e dinâmicas da sociabilidade	48
4.6. A transnacionalidade como um fenômeno contemporâneo.....	50
5. METODOLOGIA.....	53
8. IDENTIDADE, CAPITAL SOCIAL E EMPREENDEDORISMO IMIGRANTE.....	60
8.1. ESPAÇOS DE EXPRESSÃO, IDENTIDADE E CULTURA	62
8.2 EMPREENDEDORISMO IMIGRANTE	67
8.3 HISTÓRIAS DE VIDA DE FAMÍLIAS E COMÉRCIOS TRANSNACIONAIS	68
8.3.1 Família Mamani.....	69
8.3.2 Família Quispe	70
8.3.3 Família Salazar	70
8.3.4 Família Flores	71
8.3.5 Família Ticona	72
8.3.6 Família Rojas	73

8.3.7 Família Peres.....	73
8.3.8 Família Coca	75
8.3.9 Família Tejada	76
8.3.10 Família Añez	76
8.3.11 Família Choque.....	77
8.3.12 Família Huanca e Ayaviri	78
8.3.13 Família Vargas.....	79
8.3.14 Família Espinoza.....	80
8.3.15 Família Quiroga.....	80
8.3.16 Família Solis	82
8.4 FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS.....	83
8.5 FRONTEIRAS E FLUXO DE MERCADORIAS.....	86
9 COMÉRCIOS TRANSNACIONAIS	89
9.1 Famílias transnacionais.....	89
9.2 Empresas transnacionais	91
9.3 Entre o familiar e o empresarial	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS	110
ANEXO I - ESTRUTURA DE TÓPICOS PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	110
ANEXO II – RESULTADOS QUANTITATIVOS DA PESQUISA BIBLIOMÉTRICA	111

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal investigar as práticas dos imigrantes bolivianos em São Paulo, e como constroem e mantêm suas identidades em contextos sociais, econômicos e culturais. A pesquisa partiu do tema trabalhado no mestrado em ciências sociais (ARRUETA, 2017), avançando a uma perspectiva multiescalar e multidimensional. Elaborou-se, a partir da literatura revisada e do trabalho de campo empírico, uma hipótese, versando sobre a possibilidade de descrever a *transnacionalidade comercial* como uma categoria complementar de estudo, distinta das transnacionalidades familiar e empresarial, pontuadas na literatura acerca do tema.

Define-se transnacionalidade como a interconexão contínua de fluxos de pessoas, ideias, objetos e capital através das fronteiras dos Estados-nação, em contextos nos quais o Estado modela, mas não pode considerar como próprios tais vínculos e movimentos (LEVITT e GLICK-SHILLER, 2004a). Na literatura de referência, é possível observar duas categorias de estudo consolidadas, a transnacionalidade familiar e a empresarial.

As famílias transnacionais são um fenômeno crescente na sociedade contemporânea, refletindo as complexidades das migrações e das conexões globais. Elas desafiam as noções tradicionais de família e oferecem novas perspectivas sobre como os laços familiares são mantidos em um mundo globalizado, já as empresas transnacionais se caracterizam por ser organizações que operam em múltiplos países, tendo uma estrutura e um funcionamento que transcendem as fronteiras nacionais. Estas duas categorias diferem em suas naturezas, objetivos e estruturas.

A lacuna que se percebe é quando famílias se tornam de certa forma empresas, mas com naturezas, objetivos e estruturas totalmente diferentes das empresas tradicionais, mediante o comércio, muitas vezes informal, de bens e mercadorias que transpassam as fronteiras.

Enquanto as famílias transnacionais se concentram em laços emocionais e sociais, as empresas transnacionais estão voltadas para a maximização de lucros e a operação em um mercado global, ficando os comércios transnacionais familiares, de certo modo, entre estas duas categorias ou formas de se estudar o fenômeno da transnacionalidade.

A pesquisa parte do interesse em entender como os imigrantes bolivianos, em busca de melhores condições de vida, se inserem no mercado de trabalho paulista, muitas vezes em condições precárias, e como mantêm vínculos com seu país de origem por meio do comércio de bens e mercadorias. A Rua Coimbra, no bairro do Brás, é um exemplo emblemático da presença boliviana na cidade, com seus restaurantes, serviços de envio de dinheiro, venda de

passagens, comércios de produtos típicos e outros estabelecimentos que criam um ambiente que remete à Bolívia.

A partir da década de 1980, o fluxo de imigrantes bolivianos para São Paulo se intensificou, tornando-se o maior grupo de imigrantes latino-americanos na cidade. A maioria se concentra no setor de confecções, muitas vezes em condições de exploração, como o sistema de "camas calientes", caracterizado por longas jornadas de trabalho, condições precárias de alojamento e baixos salários.

O estudo se debruçou sobre o processo pelo qual os imigrantes bolivianos constroem campos sociais e econômicos que unem São Paulo à Bolívia. Essa transnacionalidade se manifesta na circulação de bens e mercadorias, carregados de significados culturais e sociais, que representam os vínculos e a identidade dos imigrantes com seu país de origem.

A pesquisa se baseou, metodologicamente, em uma abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica, pesquisa de campo exploratória e descritiva, entrevistas em profundidade, observação participante e análise de discurso. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliométrica para analisar a produção científica sobre transnacionalidade, buscando identificar lacunas e oportunidades para a compreensão da transnacionalidade comercial como uma categoria complementar de estudo.

Espera-se que este estudo tenha contribuído para a compreensão da complexidade do fenômeno migratório e da transnacionalidade, lançando luz sobre a experiência dos imigrantes bolivianos em São Paulo e a importância do comércio como um elo entre os dois países, pois em parte do contexto empírico de imigrantes que chegaram em São Paulo há dez anos ou mais, pode-se perceber que houve alguma mudança no que diz respeito ao trabalho e aos meios de sustento: uma surpreendente mudança social de quase escravo a comerciante.

1.1 Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral

Investigar as práticas sócio-laborais dos imigrantes bolivianos em São Paulo, e como constroem e mantêm suas identidades em contextos sociais, econômicos e culturais, numa perspectiva multiescalar e multidimensional.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Explicar as dinâmicas da migração internacional em relação ao trabalho desde uma perspectiva global, histórica e transnacional;
- Caracterizar os fluxos migratórios laborais de bolivianos na cidade de São Paulo nas últimas duas décadas;
- Verificar quais os motivos que levam a esta população específica a migrar para a cidade de São Paulo.
- Analisar as relações e vínculos transnacionais de imigrantes bolivianos em São Paulo com seu país de origem, antes e depois do processo migratório;
- Descrever metodologicamente o comércio transnacional como uma categoria de estudo complementar ou paralela à transnacionalidade familiar ou empresarial.

1.2 Problema

A problematização partiu da observação das práticas sociais, culturais e comerciais/laborais dos imigrantes bolivianos em São Paulo. Estes, constroem e mantêm suas identidades em contextos sociais, econômicos e culturais diversos, e pretendeu-se analisá-las numa perspectiva multiescalar e multidimensional. A análise descritiva, exploratória e explanatória se configurou numa importante ferramenta para conhecer, descrever e explicar os motivos que levam tais populações a migrarem do seu País natal, provavelmente sem a certeza de uma condição melhor no País escolhido, bem como os novos vínculos que se desenvolvem em diversas escalas e facetas, do seu cotidiano.

Inicialmente, nos perguntamos quais seriam as características dos deslocamentos de imigrantes bolivianos em São Paulo, como se configurariam os “retratos” dos fluxos de bens e mercadorias entre Bolívia e Brasil, que poderiam auxiliar na compreensão do fenômeno das migrações contemporâneas, na forma de um deslocamento socioeconômico desta população migrante, que por vezes passou de trabalhador análogo ao escravo, a comerciante?

Sendo o estado de precariedade indissociável da imigração laboral contemporânea - algo demonstrado nos estudos efetuados mundo afora (Coutinho 2015) e considerando a manutenção dos vínculos percebidos em vários imigrantes, especialmente os que chegaram ao Brasil há mais de 10 anos, foi possível a emergência de uma categoria complementar de estudo e de análise de transnacionalidade, a de comércios informais.

Como problema de pesquisa, chegamos, então, ao seguinte questionamento: Como se configuram as práticas dos imigrantes bolivianos em São Paulo, e como eles constroem suas

identidades em contextos sociais, econômicos e culturais, numa perspectiva multiescalar e multidimensional?

Consideramos elaborar uma hipótese para esta tese, que adveio do trabalho de campo, da empiria na qual mergulhamos e da busca bibliográfica-teórica, a fim de responder o problema. A ideia que emergiu foi a de que a transnacionalidade comercial, por se tratar de negócios informais nos quais os imigrantes mantêm fortes vínculos com o País de origem, seria uma categoria complementar de estudo ou de análise, diferente da empresarial e familiar.

Para refletir criticamente acerca da hipótese foi necessário observar com amplitude o que a literatura internacional descreve como transnacionalidade, por meio de uma metodologia bibliométrica dos principais termos que caracterizam este campo de estudos. Foi ainda necessário observar, dentre a população de estudo, bolivianos que moram em São Paulo e que estabeleceram comércios formais e informais, cujos bens e mercadorias são oriundas de seu País natal.

Ainda foi importante observar quais os significados culturais e sociais representam para estes imigrantes os bens e mercadorias comercializadas? Esta análise auxiliou a refletir sobre a hipótese emergente, quanto à ideia da categoria complementar de estudo, diferente das já descritas em estudos teóricos e de campo, empresas e famílias transnacionais, para uma transnacionalidade comercial ou de comércios.

Para dar conta deste estudo foi importante compreender a necessidade de adoção do formato de análise inter escalar, pois permitiu contextualizar o fenômeno nas suas múltiplas escalas: global, nacional, regional e local, retomando aqui a perspectiva Sayadiana. Ao mesmo tempo, trata-se de uma análise multifacetada, a partir do “fato social total” de Mauss, pois buscou-se analisar a migração de forma a que seja interpretável em vários níveis de análise inter-relacionados entre si: social, histórico, geográfico e econômico.

Buscamos elencar assim uma análise simultaneamente vertical (em escalas) e horizontal (em dimensões) do fenômeno, para a compreensão do chamado “migrante total”, que possibilita consistência e dignidade ao trato científico desse complexo fenômeno e desses sujeitos sociais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO EMPÍRICA

Buscou-se, centralmente, compreender mais sobre os deslocamentos e os modelos de vida dos imigrantes bolivianos, realizando uma análise dos motivos da migração e das relações de trabalho antes e depois do processo migratório de bolivianos em São Paulo.

A transnacionalidade é uma categoria muito abordada em estudos de famílias imigrantes, a exemplo de vários trabalhos (Brettell 2022; Glick Schiller, 2004; Basch, 2006; Blanc-Szanton, 2006; Hollifield, 2022; Levitt, 2004; Faist, 2000; e Feldman-Bianco 2011). Do mesmo modo, destacam-se numerosos estudos sobre empresas que atuam em mais de um país, a exemplo de (Gereffi, Humphrey e Sturgeon, 2005; Dunning, e Lundan, 2008; Anner, 2006; Dunning, 2013; Helfen e Fichter, 2013 e Hiratuka, 2003). A partir dos interesses despertados com o trabalho empírico, notou-se certa carência quando se trata de comércios menores, familiares e com lastro e fluxo de objetos, bens ou materiais que carregam consigo um vínculo e valor emotivo e que se remetem às origens ou à nação de origem.

O intuito motivacional para investigar este tema se remete, em primeiro lugar, à minha ascendência boliviana, o que me familiariza, em certo ponto, com a população pesquisada. Já no mestrado, ao investigar as condições precárias de trabalho de bolivianos em São Paulo, pude me deparar com a existência de inúmeros comércios estabelecidos há alguns anos e que demonstravam um avanço quanto à precariedade inicial destes primeiros imigrantes, gerando a curiosidade científica de descobrir quais fluxos seguiram estes bens comercializados na metrópole paulista.

Uma das curiosidades que mais chamou a minha atenção foi da Rua Coimbra, localizada no bairro do Brás e com proximidades ao Pari e outros bairros nos quais se estabeleceram a maioria de bolivianos em São Paulo. Foi nesta rua que pude observar a transformação de um espaço territorial de um país, quase que convertido em outro. Assim comenta também o antropólogo Thiago Haruo Santos (2020): "Você entra aqui e não dá nem a impressão de que você está no Brasil. Tem comida típica, coisas das cidades deles, do país deles. Eles são muito acolhedores, eu acho que só vem acrescentar e valorizar a cidade".

Figura 1 - Fotografias da Rua Coimbra num sábado de manhã



Fonte: o autor da tese, (2017).

Esta e outras "leituras" e observações feitas por mim durante minhas estadias na cidade, no período em que pesquisava para o mestrado, foram as que despertaram, não somente o interesse pelo tema, mas ao mesmo tempo me inquietaram como pesquisador a buscar compreender estes fenômenos migratórios. Estes são observados pela valorização do espaço, dos objetos, das "mercadorias", dos aromas, cores e sabores que não somente representam, mas declaram viva a presença destes imigrantes aqui instalados e sua cultura de origem.

Assim, ao avançar nas leituras sobre o tema, percebi que não há referências quanto à possível transnacionalidade comercial como uma categoria analítica própria, o que levou a me interessar ainda mais pelo tema, no intuito de contribuir para a descrição desta possível categoria complementar de estudo, que emergiu de minhas reflexões sobre o que encontrei na empiria, buscando referências na literatura. Para tal foi necessário, além de ampliar a revisão da literatura, fazer a análise empírica do fenômeno, para procurar demonstrar o potencial heurístico da categoria analítica emergente, ao mapear e seguir o fluxo dos bens que se comercializam. Fiquei curioso acerca da sua representatividade e do que eles simbolizam para os envolvidos, caracterizando assim o transnacional, bem como os laços e vínculos afetivos dos imigrantes com seu país de origem.

Os bolivianos constituem uma das maiores colônias de estrangeiros em São Paulo – levando em conta os ilegais, seriam mais de 100 mil indivíduos. Boa parte dos imigrantes do país vizinho, em busca de melhores condições de vida, vem à capital paulista para trabalhar em confecções.

Na rua Coimbra, além de restaurantes com comida típica, os bolivianos encontram uma série de serviços, como envio de dinheiro ao exterior, venda de passagens e centro de chamadas telefônicas. Há cabeleireiros, comércio de CDs e DVDs, avisos de moradia e anúncios de empregos.

“A rua Coimbra virou uma referência boliviana em São Paulo. É como se fosse uma pequena Bolívia. Cheguei ao Brasil com 20 anos e já estou com 53. Ou seja, fiz mais da metade da minha vida aqui. Sempre vou ser boliviano, mas amo o Brasil”, comenta o comerciante Jorge Meruvia, pai de quatro filhos brasileiros.

2.1. Universo Empírico

Para contextualizar o universo empírico desta pesquisa foram levantados dados quanto à população boliviana na cidade de São Paulo, de acordo com fontes governamentais e não governamentais, como é o caso da Pastoral do Imigrante.

De acordo com Coutinho (2015), de forma crescente, desde a década de 1980, a capital do estado de São Paulo presencia o surgimento de oficinas de costura, nas quais os trabalhadores e os empregadores são imigrantes, comumente sob o status jurisdicional de ilegalizados. Nessas pequenas fábricas clandestinas, os imigrantes constroem suas estratégias de mobilidade social ascendente entre os meandros da economia informal.

A imigração boliviana orienta-se, de maneira quase exclusiva, para as cidades. Ela privilegia poucas cidades que, no entanto, encontram-se espalhadas em áreas muito diferenciadas do território. Em 2000, mais de 50% do total dos imigrantes morava nas zonas urbanas de quatro municípios que são, segundo a importância dos volumes: São Paulo-SP, Corumbá-MS, Guajará-Mirim-RO e Rio de Janeiro-RJ. De um lado, observa-se uma forte polarização das cidades de fronteira, onde a população nascida na Bolívia e recenseada pelo IBGE chega a representar 3% da população total. Por outro lado, nota-se a hiperconcentração dessa imigração em São Paulo (SOUCHAUD, 2010, p. 3).

Importante observar que, de acordo com Ribeiro (2021), existe um fluxo migratório interno de bolivianos para outras regiões e cidades brasileiras.

A migração interna de imigrantes internacionais, realidade de grande parte dos sujeitos da pesquisa, que saem de São Paulo em direção à Região Metropolitana de Belo-Horizonte/MG, tem contribuído com o aumento de migrante neste recorte especial, e este estudo ainda identificou a migração direta de bolivianos da Bolívia para Belo-Horizonte/MG. (RIBEIRO, 2021, p. 61).

Ainda segundo Ribeiro (2021), a Região Metropolitana de Belo-Horizonte/MG, vem ganhando espaço na questão migratória de bolivianos estabelecidos na metrópole, muitos deles, deslocados de São Paulo.

Novos lugares de trânsito apresentam-se como novos nós nas redes migratórias. Fugindo da crise que afeta a demanda pelo trabalho de migrantes bolivianos e buscando melhores rendimentos, os sujeitos da pesquisa são impelidos a continuarem seus processos migratórios para regiões metropolitanas de outros estados. Neste contexto, Minas Gerais apresenta-se entre os estados buscados pelos imigrantes que vem abandonando São Paulo. (RIBEIRO, 2021, p. 231).

A partir dos anos 80 e 90, com a intensificação do fluxo de bolivianos na cidade de São Paulo, se pôde estabelecer um marco importante de análise, já que os dados anteriores a este período apontam somente para pequenos fluxos de profissionais qualificados e estudantes.

Menciona Silva (2008) que, antes dos anos 80, os primeiros migrantes eram estudantes com o objetivo de complementar seus estudos e permaneciam na cidade como profissionais liberais. Outros vieram por motivos políticos, motivados pelas crises e intervenções militares dos anos 60 e 70 pelas quais passou o país vizinho.

Desde meados dos anos 80 se intensificou o fluxo de imigrantes bolivianos para a cidade de São Paulo. Rapidamente eles se tornaram o maior grupo de imigrantes latinos na cidade. Estas migrações não podem ser explicadas apenas pelo argumento das diferenças econômicas

entre Brasil e Bolívia, isto não explica o porquê de certos destinos peculiares e nem a ligação com atividades específicas (SILVA, 2008, p. 82-83).

Ainda sobre a emigração boliviana, é importante apresentar alguns dados gerais para entender melhor o contexto brasileiro. Em virtude da crise rural em consequência da chegada da industrialização, o fluxo migratório aos centros urbanos mantém as características da maioria das metrópoles da América do Sul, porém com uma diferença marcante: de acordo com Silva (1997), depois de uma reforma agrária que teve como efeito a evasão do campo e o inchaço das cidades em um processo de urbanização que não foi acompanhado pela formação de um mercado estável, a população urbana ultrapassou a rural e as cidades não ofereciam muitas perspectivas, apresentando altos índices de desemprego.

A partir deste ponto, e aliada à instabilidade da economia boliviana, novamente Silva (1997) afirma que a Bolívia se tornou um país fornecedor de migrantes. A emigração ganhou tamanho peso no país que hoje se estima que (20%) da população viva no exterior.

De acordo com informações do Ministério das Relações Exteriores da Bolívia, seriam 8 milhões de habitantes e 2 milhões de migrantes espalhados pelo mundo, tendo a Argentina como principal destino com aproximadamente 950 mil bolivianos; o Brasil apareceria com 280 mil, sendo destes apenas 40 mil em situação regularizada, migrando ainda grande número de pessoas para a Espanha e os Estados Unidos (SILVA, 1997, p. 87).

Não existem valores exatos quanto à população de imigrantes bolivianos em São Paulo; porém, apresentam-se estimativas a seguir, a partir do censo de 2022, para termos um comparativo do crescimento.

Contando apenas os imigrantes registrados, conforme Cavalcanti (2024), e segundo estatísticas do Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra), do Ministério da Justiça, 140.544 bolivianos viveriam no Brasil em março de 2022. No entanto, essa informação não considera, por um lado, possíveis falecimentos e retornos, e por outro, aqueles que não estão registrados.

Para apresentar estimativas mais próximas, mencionam-se Baeninger e Souchaud (2007) segundo os quais, conforme as estimativas da Pastoral do Migrante entre 150.000 a 200.000 bolivianos estariam em situação irregular na Grande São Paulo. Esta estimativa é baseada em Bassegio e Udovic (2006), de acordo com o relatório da rede social de justiça e Direitos Humanos (RSJDH).

Conforme o último Relatório Anual de da OBMigra, publicado em 2024, quanto às dinâmicas migratórias nas Macrorregiões do Brasil, afirmam Cavalcanti, Oliveira e Silva (2024), que

Os bolivianos foram os que mais obtiveram registros de residência, em 2022 e 2023, seguido pelos venezuelanos. Juntas essas duas nacionalidades foram responsáveis por 38,0% do total dos registros nesse último ano. Em seguida se encontram os colombianos, argentinos e peruanos. As cinco principais nacionalidades estão na América do Sul e responderam por 53,0% do total dos registros de residência concedidos, em 2023, nos postos da Região Sudeste. (CAVALCANTI *et al*, 2024, p. 13.)

No que se refere à nascimentos, divulga o relatório anual (2023) da OBMigra uma predominância de filhos de mães bolivianas de 2013 a 2018, no Brasil, sendo ultrapassada apenas a partir de 2019 por filhos de mães venezuelanas e haitianas. Sendo em relação à distribuição geográfica dos nascimentos, a Região Sudeste concentra a maior parte dos nascidos vivos.

Os nascimentos de mães imigrantes evoluíram no período de forma muito semelhante à dinâmica dos novos fluxos migratórios. Em 2013, foram registradas mais de 8,5 mil crianças nascidas de mães migrantes, em maioria bolivianas e paraguaias, chamando atenção para o volume de filhos de mulheres chinesas, que ficaram na terceira posição. Em 2016, as mães haitianas superam as chinesas, situação que permanece até 2018, uma vez que em 2019 as venezuelanas passam a ocupar o primeiro posto, seguidas por haitianas e bolivianas. (CAVALCANTI *et al*, 2024, p. 35.)

Outro dado importante refere-se quanto ao número de famílias e indivíduos imigrantes inscritos no Cadastro Único – CadÚnico entre 2012 e 2022, com considerável aumento de imigrantes bolivianos, conforme citam Cavalcanti *et al* (2023), “segundo os principais países de nacionalidade, em sua maioria, mostram um aumento expressivo, principalmente em imigrantes provenientes da Venezuela, Haiti, Bolívia e Paraguai”. (CAVALCANTI *et al*, 2023, p. 136).

Afirmam ainda Cavalcanti *et al* (2023), que “os imigrantes da Bolívia e do Paraguai também mostram um crescimento considerável, embora mais gradual em comparação com aqueles da Venezuela e do Haiti. No caso boliviano, o número de imigrantes inscritos no CadÚnico passou de 1.504 em 2012 para 28.276 em 2022”. (CAVALCANTI *et al*, 2023, p. 136).

Por fim, conforme o este mesmo relatório, destacam Cavalcanti *et al* (2023), que “em 2022, São Paulo se destaca como o estado brasileiro com o maior número de imigrantes inscritos no CadÚnico, contabilizando 93.971 registros. No estado, há maior presença de bolivianos, haitianos e venezuelanos entre os cadastrados”. (CAVALCANTI *et al*, 2023, p. 141).

Um aumento expressivo de inscrições de bolivianos também é evidente, principalmente no estado de São Paulo, que detinha um número significativo em 2012 (927) e cresceu consideravelmente para 22.215 em 2022. Além disso, alguns outros estados também mostram um aumento notável no número de bolivianos inscritos no CadÚnico, como Rondônia, que passou de 167 em 2012 para 1.746 em 2022. Acre, Amapá, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe, Alagoas, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso também tiveram acréscimos em seus registros. Na comparação entre 2012 e 2022, houve um aumento no número de bolivianos inscritos nesses locais, refletindo uma dispersão desses registros em diferentes partes do país. (CAVALCANTI et al, 2023, p. 146).

Quanto à situação de pobreza e dinâmicas raciais dos imigrantes no Brasil, afirmam Cavalcanti *et al* (2023), que

Os dados sobre a situação de pobreza entre as populações imigrantes no Brasil mostram que as pessoas negras e indígenas são as que mais vivenciam as situações de precariedades, principalmente aquelas originárias da Bolívia, da Venezuela, do Paraguai e do Haiti. Mas também são as que mais acessam os programas de transferência de renda, como o Auxílio Brasil e o Bolsa Família, além do auxílio Emergencial nos primeiros anos da pandemia. (CAVALCANTI et al, 2023, p. 162).

Paralelamente à questão da precariedade, observa-se, no entanto, um aumento das remessas monetárias, de bolivianos à sua pátria natal, conforme menciona o relatório da OBMigra de 2023. Expressado em milhões de dólares (US\$), as remessas bolivianas aumentaram de 14,6 em 2011, para 74,8 em 2022, sendo o terceiro maior exportador de remessas monetárias para fora do Brasil em 2011, mas caindo para o sétimo lugar em 2022. Possível reflexo da pandemia e outras crises econômicas vividas nos últimos anos.

Para Cavalcanti *et al* (2023), “essa nova dinâmica migratória no país, também se refletiu nas remessas monetárias. De fato, as remessas enviadas para pessoas residentes na América Latina e Caribe, principalmente Bolívia, Haiti e Peru, figuram no rol dos 12 países que mais vêm recebendo remessas do Brasil, desde 2011”. (CAVALCANTI *et al*, 2023, p. 179).

Na visão de Cavalcanti *et al* (2023),

Não sendo destinos privilegiados da emigração brasileira, pode-se supor que imigrantes destes países residentes no Brasil é que estão remetendo recursos para seus familiares, evidenciando, também, no caso latino-americano a centralidade dos laços econômicos – geração de renda e remessas – no bojo do projeto migratório. Enquanto as remessas para o Haiti caíram levemente entre 2021 e 2022, passando de 90,9 a 87,1 milhões de dólares, as remessas para a Bolívia e para o Peru tiveram variações positivas nestes mesmos anos, passando de 57,2 a 74,8 milhões de dólares e de 28,4 a 31,3 milhões de dólares, respectivamente. (CAVALCANTI et al, 2023, p. 179).

Para Cavalcanti *et al* (2023), demonstra-se, assim, que as remessas são efetivamente um forte componente do projeto migratório, não apenas para aqueles que se instalaram no país, mas

para os familiares e pessoas próximas dos imigrantes que permaneceram no lugar de origem. Este é um ponto que merece a atenção, quando se fala em comércios e famílias transnacionais, tópico que será abordado adiante.

No que se refere a amparo legal, afirmam Ribeiro e Baeninger (2022), que o principal amparo legal para a presença de bolivianas e bolivianos no País é o Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), Bolívia e Chile¹.

[...] analisando-se dados divulgados pelo SISMIGRA, observa-se uma importante concentração no Decreto nº 6.975/09 — que promulgou o mencionado Acordo. De 2000 a 2019, 90.967 dos 133.469 migrantes bolivianas e bolivianos registrados — 68,15% — encontravam-se amparados por este Decreto; e esta cifra é ainda maior no período subsequente — de 2020 a maio de 2021, ele ampara 3.169 dos 3.646 registrados — 86,92%. (RIBEIRO e BAENINGER, 2022. p. 4).

Afirmam ainda Ribeiro e Baeninger (2022), que “a segunda maior frequência de amparo legal para bolivianas e bolivianos registrados pelo SISMIGRA entre 2000 e 2019 coube ao Artigo 7 da Lei nº 11.961/09”. (RIBEIRO e BAENINGER, 2022. p. 4).

De acordo com reportagem para o portal G1, Santos (2020), afirma que pela primeira vez os bolivianos são a maioria dos estrangeiros que vivem em São Paulo, superando a comunidade portuguesa, que até então liderava o ranking na capital. Segundo dados da Polícia Federal e da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), em 2019, mais de 75 mil bolivianos viviam em São Paulo, contra 52 mil portugueses. O levantamento mostra ainda que a população de chineses superou a de japoneses na capital.

Segundo o pesquisador Thiago Haruo Santos (2020), do Museu da Imigração, a imigração boliviana é fomentada por uma estrutura de apoio que atrai contrerrâneos à cidade.

De acordo com Ribeiro e Baeninger (2022), entre 2000 e 2019, São Paulo era o município de residência de 74,75% de bolivianos que chegavam ao País. Isto representa em números 99.291 dos 133.469. Já entre 2020 e 2021, esta cidade passou a abrigar 56,99% deles, o que representa 2.078 dos 3.646.

Tal realidade, conforme Ribeiro e Baeninger (2022), revela o espraiamento do fluxo e a consequente territorialização de espaços para além de São Paulo. Ressalta-se que os fluxos migratórios contribuem sobremaneira para a conformação de espaços regionais e locais cuja concretude se deve, entre outros fatores, à presença desses sujeitos.

¹ Em 7 de outubro de 2009, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretou a execução e cumprimento deste acordo a partir do Decreto nº 6.975. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm. Acesso em: 10 out. 2024.

Ressalta-se que uma análise demográfica, realizada por Oliveira e Baeninger (2014), apresenta as seguintes considerações: quanto ao tempo de residência no estado de São Paulo em 2010, a maior parte dos imigrantes, 53%, residia há menos de cinco anos, enquanto 14%, entre 6 a 10 anos; 8%, entre 11 a 20 anos e 26%, há mais de 20 anos.

Ao analisar dados históricos, afirmam os autores, em 2010 a pesquisa demonstrava uma presença maior de homens (56%) do que mulheres (44%). Sendo ainda o perfil etário nos homens, em sua maioria, de idade de 25 a 39 anos, enquanto as mulheres se concentravam na faixa etária de 20 a 39 anos.

A pesquisa sobre o nível de instrução de Oliveira e Baeninger (2014) apresentou ainda que, em 2010, 28% dos imigrantes não tinham instrução ou tinham fundamental incompleto; 11% tinham o fundamental completo e médio incompleto, enquanto 30% tinham o ensino médio completo e o superior incompleto; e 31% tinham o superior completo. Dos imigrantes que tinham o superior completo, 1,4% tinham curso de especialização, 1,5% de mestrado e 4,5% de doutorado.

Observa-se, por outro lado, aumento percentual da ocupação “Estudante” — grupo formado, em sua maioria, por filhas e filhos de migrantes nascidos na Bolívia e em idade escolar e que, em ambos os períodos, corresponde à segunda mais importante ocupação. Enquanto o SISMIGRA apontou que 11,66% de bolivianas e bolivianos que deram entrada no País entre 2000 e 2019 eram estudantes — 15.560 dos 133.469 —, entre 2020 e maio de 2021 esse percentual aumentou para 17,14% — 625 dos 3.646. (RIBEIRO e BAENINGER, 2022, p. 6).

Quanto aos locais de trabalho, afirma Silva (2008) que, no caso dos bolivianos, este fenômeno está mais vinculado ao circuito das confecções. O autor fundamenta que foram as mudanças no setor de confecções que deram o impulso para que aumentasse o fluxo de imigrantes bolivianos. Não coincidentemente, os migrantes bolivianos empregam-se nas confecções; inclusive, muitos deles já vêm da Bolívia com um destino certo de trabalho.

Constatam Oliveira e Baeninger (2014) que, em relação ao ramo de atividade, é possível notar que 34% exerciam atividades de confecção de artigos de vestuários e acessórios; 11%, atividades de atendimento de saúde e hospitalar; 6%, atividades de educação superior; 5%, serviços domésticos; 8%, atividades de construção; 4%, atividades de comércio; o restante, atividades diversas.

Paralelamente, ao observar dados mais atuais afirmam Ribeiro e Baeninger (2022), que no desenho do perfil da imigração boliviana no Brasil neste século 21, a análise da ocupação laboral demonstra a importância do grupo de funções “decorador, costureiro, alfaiate, modista, peleteiro, tapeceiro ou assemelhado” entre as diversas ocupações apontadas pelos sujeitos da

pesquisa, o que é esperado, uma vez que o nicho da costura absorve a maior parte dessa população.

Este grupo foi apontado por 60,58% do total de migrantes bolivianas e bolivianos registrados pelo SISMIGRA entre 2000 e 2019 — 80.853 dos 133.469 — e por 39,88% dos registrados entre 2020 e maio de 2021 — 1.454 dos 3.646. Uma provável hipótese para a queda do percentual entre os dois períodos é o impacto na economia em função da pandemia de COVID-19 — e a consequente queda da demanda por costura. Porém, apesar de o percentual de bolivianas e bolivianos abraçados por este grupo de ocupações ter sido drasticamente reduzido, ele é o que mais emprega os sujeitos da pesquisa em ambos os períodos sob análise. (RIBEIRO e BAENINGER, 2022. p. 6).

Observa-se que, dentre os migrantes bolivianos, existe um número alto de pessoas indocumentadas, o que de certa forma facilita a manipulação e o abuso por parte dos empregadores para trabalhos com cargas horárias extensas, pouca ou nenhuma condição favorável no ambiente de trabalho, muitos deles seguindo a política das “camas calientes”, com déficit alimentício e risco de contração de doenças infectocontagiosas, pelo grande número de pessoas em pequenos recintos.

No entanto, de acordo com Ribeiro (2021), quando imigrantes superam a condição irregular, tornam-se aptos à migração interna.

O processo de regularização migratória promove a possibilidade de circulação de migrantes no território nacional, atenua as possibilidades de superexploração do seu trabalho, mas não garante a criação de uma nova especialidade livre de “cativeiros”. De todo modo, seguros a partir da regularização de sua situação migratória, estes sujeitos conseguem romper com maior facilidade os processos de superexploração. (RIBEIRO, 2021, p. 59).

Este fator pode ter contribuído para o deslocamento laboral, para outros setores, inclusive fomentando um “certo empreendedorismo” de pequenos comércios, no início informais, e principalmente de mercadorias oriundas do seu país de origem.

O grupo de ocupações “Vendedor ou empregado de casa comercial, comerciário, vendedor ambulante, vendedor a domicílio, jornaleiro, ou assemelhado” também observou aumento percentual. O ganho de importância pode ser contextualizado na crise provocada pela pandemia de COVID-19, quando este grupo passa a absorver bolivianas e bolivianos ocupados em trabalhos informais, sobretudo vendedores ambulantes e vendedores a domicílio. Enquanto ele respondia pela ocupação de 2,07% entre 2000 e 2019 — 2.759 dos 133.469 —, esse percentual passou para 7,19% entre 2020 e maio de 2021 — 262 dos 3.646. (RIBEIRO, 2021, p. 59).

Quanto à questão laboral e meios de sustento, importante observar também que, segundo os dados do IBGE (2022), os bolivianos são a nacionalidade com maior número de

Microempreendedores Individuais (MEIs) entre estrangeiros no Brasil, pois correspondem a 14,9% dos MEIs estrangeiros no país, com mais de 12,7 mil pessoas.

Este último dado corrobora com a quantidade negócios comerciais de pequeno porte, além da prestação de serviços observados na cidade de São Paulo e em outras regiões metropolitanas do Brasil.

Ainda, o presente tema torna-se relevante para o autor deste projeto, pois, em se tratando de imigrantes, e neste caso bolivianos, têm grande proximidade com esta população, pois é de descendência materna boliviana, morou e fez quase todo o ensino fundamental e médio neste País. Foi possível observar neste período, mesmo que de forma intuitiva, as diversas razões pelas quais a cada ano centenas de trabalhadores realizam o êxodo migratório para países da América do Sul, como Brasil e Argentina, ou para países da América do Norte, como Estados Unidos, e países da Europa, o que aumentou o interesse do autor por compreender de maneira mais profunda este fenômeno.

Merece destaque ainda, a facilidade de entrosamento que o autor deste projeto tem com a população pesquisada, pelo domínio da língua e pelo conhecimento da cultura e dos costumes bolivianos. Estes são aspectos facilitadores a serem utilizados na observação e nas entrevistas durante o estudo, mediante a compreensão de algumas características, percebidas somente nas entrelinhas das narrativas, ou no cotidiano da vida destes imigrantes.

3. REVISÃO DA LITERATURA DA ÁREA SOBRE A TEMÁTICA

Os processos internacionais de migração tornaram-se dentre os mais importantes acontecimentos sociais dos últimos tempos. Paralelamente, vem crescendo o interesse de análise deste fenômeno entre os pesquisadores e estudiosos, a partir de diferentes marcos analíticos e fenômenos empíricos particulares.

A busca de melhores condições de vida e sobrevivência leva populações inteiras a migrar e assentar-se em outros territórios, fugindo da exclusão e da miséria. A cidade de São Paulo, a exemplo de outras, como Buenos Aires, Madrid ou Nova Iorque, conforme Coutinho (2014) é um lugar que permite a esses migrantes sonharem com um futuro melhor para seus filhos.

Entretanto, a precarização do trabalho, para alguns grupos de imigrantes, tem sido imposta, de forma regular na América do Sul, conforme diversos estudos realizados nas cidades de Buenos Aires, a exemplo de (Feldman-Bianco, 2011) e São Paulo (Coutinho, 2015). Principalmente para os imigrantes que se encontram vulneráveis pela falta de documentação ou que ingressam de forma ilegal.

Dentre as diversas formas de precarização do trabalho é possível citar: quando o exercício do trabalho humano tem restrição, em qualquer forma, à liberdade de trabalhadores; quando não são respeitados os direitos mínimos para resguardo do trabalhador; quando as condições são insalubres e/ou degradantes.

Desde o final dos anos 1990, o mundo observou um aumento extraordinário das desigualdades e nas duas últimas décadas o Brasil tem sido cenário de rotas migratórias de trabalhadores em busca de melhores condições de vida, oriundos de países vizinhos latino-americanos como a Bolívia, Peru, Haiti, Cuba etc., africanos de Angola e Moçambique, e asiáticos como Coréia e China são somente alguns exemplos.

Destaca ainda Dias (2010), que o processo migratório tem como fator principal o mercado de trabalho, em decorrência da globalização e da dificuldade de geração de empregos nos países de origem e a consequente desigualdade social.

Sobre a emigração boliviana é importante apresentar alguns dados gerais para entender melhor o contexto brasileiro. Em virtude da crise rural em consequência da chegada da industrialização, o fluxo migratório aos centros urbanos mantém as características da maioria das metrópoles da América do Sul, porém com uma diferença marcante.

De acordo com Silva (1997), depois de uma reforma agrária que teve como efeito a evasão do campo e o inchaço das cidades em um processo de urbanização, que não foi

acompanhado pela formação de um mercado estável, a população urbana ultrapassou a rural e as cidades não ofereciam muitas perspectivas, apresentando altos índices de desemprego. A partir deste ponto, e aliada à instabilidade da economia boliviana, novamente Silva (1997), e Ribeiro (2021), afirmam que a Bolívia se tornou um país fornecedor de migrantes. A emigração ganhou tamanho peso no país que hoje se estima que (20%) da população viva no exterior.

Estimativas apontam que aproximadamente 20% da população boliviana tenha emigrado, e fluxos de bolivianas e bolivianos continuam se dirigindo para a Argentina – principal espaço da migração (BAENINGER, 1999) boliviana desde o século 19 - ; para os Estados Unidos; para países da União Europeia – dos quais se destacam Espanha e Itália - ; para Israel, para o Japão e para a Austrália; bem como, mais recentemente, para o Brasil, para o Peru e para a Venezuela. (RIBEIRO, 2021. p. 51).

Quanto aos locais de trabalho, afirma Silva (2008), que no caso dos bolivianos este fenômeno está mais vinculado ao circuito das confecções. O autor fundamenta que foram as mudanças no setor de confecções que deram o impulso para que aumentasse o fluxo de imigrantes bolivianos.

Não coincidentemente, os migrantes bolivianos empregam-se nas confecções, inclusive, muitos deles já vêm da Bolívia com um destino certo de trabalho. De acordo com Conceição (2021) a migração boliviana cresceu exponencialmente, sempre atrelada ao trabalho em setores específicos da economia, como o comércio informal.

Afirmam Oliveira e Baeninger (2014), que em relação ao ramo de atividade é possível notar que (34%) exerciam atividades de confecção de artigos de vestuários e acessórios, (11%) atividades de atendimento de saúde e hospitalar, (6%) de atividades de educação superior, (5%) serviços domésticos, (8%) atividades de construção, (4%) atividades de comércio e o restante, atividades diversas.

Descrevem ainda Amaral, Baís e Silva (2020), que os bolivianos, atualmente, são o segundo maior grupo de imigrantes no Brasil, sendo a sua maioria estabelecida na cidade de São Paulo, trabalhando em oficinas de confecções têxteis. Para os autores, esse número expressivo apresenta uma subnotificação, considerando os imigrantes que não possuem documentação, vivendo por muitas vezes em condições precárias e análogas ao trabalho escravo.

Quanto ao fenômeno migratório em si, segundo Zanella (2014), o que difere o “hoje” do “ontem” na temática migratória são seis principais transformações e tendências das migrações na contemporaneidade, a saber: “i. a globalização das migrações; ii. a mudança de direção dos fluxos migratórios dominantes; iii. a diferenciação das migrações; iv. a proliferação

da transição da migração; v. a feminização da migração laboral; e vi. a crescente relevância política das migrações”. (ZANELLA, 2014, p. 48).

Outros autores, como Portes e Böröcz (1995), compreenderam que estas “novas migrações internacionais”, na contemporaneidade, representam um fenômeno global, e possuem centralidade nas políticas doméstica e internacional, com importantes reflexos ou consequências sociais e econômicas.

Assim, para Zanella (2014),

[...] como importante premissa, entende-se que o fenômeno migratório é condicionado de maneira particular na contemporaneidade devido às transformações estruturais econômicas, sociais e políticas que envolvem a história da globalização, bem como o processo que abrange a sua proliferação ao redor do mundo de maneira tão desigual, fatores que influenciam diferenciadamente e diretamente a mobilidade humana nos dias de hoje. (ZANELLA, 2014, p. 49).

No que tange ao aspecto migratório e a sua relação com o mercado de trabalho, assinala a OIM (2012) para migração econômica ou laboral quanto a estas categorias que:

[...] *el término migrante económico algunas veces se usa como un equivalente al término migrante de trabajo o trabajador migrante. Sin embargo, los dos conceptos pueden abarcar categorías diferentes. El término “migrante de trabajo” puede usarse de manera restrictiva para abarcar solamente el desplazamiento con el propósito de empleo, mientras que el término “migrante económico” puede usarse en un sentido limitado, el cual incluye sólo el desplazamiento con el propósito de empleo, o en un sentido más amplio que incluye a personas que entran a un Estado para realizar otros tipos de actividades económicas como inversionistas o viajeros de negocios*. (OIM, 2012, p. 7).

De acordo com Garcia (2015), e no intuito de definir esta relação existente entre migração e trabalho, citando a OIM, afirma que:

En esta dirección, la Organización Internacional para las Migraciones - OIM (2012) señala que “[...] no existe una definición universalmente aceptada de la migración de trabajo. [...] La clasificación de la migración de trabajo generalmente se basa en la duración de las actividades, así como en las distinciones hechas por los países de destino en su esquema de regulación donde están establecidas las condiciones de admisión y estancia. [...] El concepto y la definición de migración de trabajo a menudo refleja las perspectivas actuales de las políticas nacionales y varía entre países y con el tiempo. Una razón de confusión acerca de quién se incluye en la categoría de trabajador migrante resulta de las definiciones ambiguas de empleo o actividad remunerada en el país de destino”. (GARCIA, 2015, p. 7).

Há, no entanto, discrepância quanto aos termos, já que enquanto para a Convenção internacional sobre a proteção dos direitos de todos os trabalhadores migratórios e de seus

familiares (ONU, 1990) um trabalhador migrante é uma pessoa que se dedicará, se dedica, ou se dedicou a uma atividade remunerada num Estado do qual não possui cidadania, para a OIT (2010) a definição refere-se a uma pessoa que migra de um país a outro, com a ideia de ser empregado de outra maneira que não seja por conta própria e inclui qualquer pessoa regularmente admitida como um migrante para trabalhar.

Importante ressaltar aqui as distinções que a OIM (2012) aponta sobre as categorias, nas quais é possível subdividir o que eles denominam de migração de trabalho ou a trabalho. Destaca-se que se diferenciam os trabalhadores migrantes por contrato, que comporta pessoas que trabalham num país distinto do seu, sob acordos contratuais que estabelecem limites ao período de emprego e a emprego específico a ser desempenhado pelo migrante; e os trabalhadores migrantes estabelecidos que, depois de ficarem alguns anos no país de emprego, receberam permissão para residir de maneira indefinida e para trabalhar sem maiores limitações nesse país.

Considera a OIM (2012) um terceiro grupo, aquele de trabalhadores migrantes altamente qualificados, cujas habilidades lhes asseguram um trato preferencial a respeito da admissão em um país distinto do seu e pelo que estão sujeitos a menores restrições quanto ao período de permanência, mudança de emprego e reunificação familiar; os trabalhadores ligados a um projeto também compõem esse grupo, eles são admitidos no país de emprego por período definido de tempo para trabalhar unicamente num projeto específico realizado nesse país pelo empregador desses trabalhadores migrantes.

Classifica ainda a OIM (2012) os temporalistas migrantes como pessoas empregadas em país distinto do seu somente por um período do ano, quando o trabalho a ser realizado depende das condições de temporada; os trabalhadores migrantes temporais, por sua vez, são pessoas admitidas por um país distinto do seu para trabalharem por um período limitado numa ocupação em particular ou um emprego específico.

E por fim, ainda na classificação da OIM (2012) estão os viajantes de negócios, que são estrangeiros admitidos temporariamente com o propósito de exercer uma atividade econômica que seja remunerada de fora do país de admissão; e os investidores imigrantes qualificados como estrangeiros, para os quais é outorgado o direito de residência permanente com a condição de que invistam uma quantidade mínima no país de destino ou iniciem um negócio que gere emprego a um número mínimo de pessoas do país de destino.

No que se refere às teorias migratórias e a sua relação com o mercado de trabalho afirma Garcia (2015), que a migração é um fato social multidimensional de profunda complexidade

que inter-relaciona diferentes níveis e escalas de análise, num contexto dinâmico e mutante que experimenta um desenvolvimento histórico globalmente interconectado.

Afirma ainda Garcia (2015) citando Castles (2007) que “*Dichos procesos, entre otros, forman parte de la “nueva arquitectura socioeconómica global”, en la que no se puede desvincular la naturaleza de la actual reestructuración del capital y su relación con la migración*”. (GARCIA, 2015, p. 9).

Desta forma, na visão de Quijano (2014, *apud* Garcia, 2015), a mobilidade laboral vem se desenvolvendo como parte do processo de integração econômica conhecido como globalização, fenômeno que “[...] integra toda a população mundial numa rede comum de relações econômicas e de comunicação e integração que seria produto do alto nível da tecnologia disponível, que está ainda em constante inovação”. (QUIJANO, 2014, p. 263).

Outra questão relevante, conforme pontua Cavalcanti (2015), é que:

[...] os movimentos migratórios se inserem como um processo inerente às grandes mudanças internacionais, fazendo com que países caracterizados pela imigração se transformem, em pouco tempo, em países exportadores de mão de obra ou vice-versa. Além disso, alguns países observam o crescimento, nas suas cidades e estados, da chamada "cultura de emigração" e, em alguns casos, passam a ter seus PIBs diretamente dependentes das remessas dos emigrantes. (CAVALCANTI, 2015, p. 35).

Observe-se então, segundo Cavalcanti (2015), que existe muita diversidade e alta complexidade na análise da questão migratória na atualidade, principalmente a relacionada com o mercado de trabalho, sendo necessários olhares interdisciplinares para compreender o “fato social total²”, pois, citando Sayad (2000), a migração está formada por deslocamentos de pessoas no espaço geográfico, mas também em outros espaços, como podem ser o social, o político, o econômico ou o cultural.

A perspectiva multifacetada de Sayad (2000), em relação ao conceito de "migrante total" oferece uma compreensão abrangente das complexas experiências dos imigrantes. Segundo Sayad (2000), o "migrante total" não é apenas um indivíduo que se desloca fisicamente de um lugar para outro, mas é também alguém que navega por múltiplas dimensões sociais, econômicas e culturais. Essa abordagem reconhece que a migração envolve uma série de processos interligados, onde as identidades dos migrantes são moldadas não apenas pela

² Sayad (2000) descreve a noção de “fato social total” de Mauss (1986) para analisar as migrações de forma multifacetada, interpretável em vários níveis de análise inter-relacionados entre si: social, histórico, geográfico, econômico, entre outros, protagonizado pelo chamado "migrante total", na perspectiva sayadiana.

experiência de deslocamento, mas também pelas interações que mantêm com suas comunidades de origem e de destino.

Como afirma Sayad (1998), "a migração é um fenômeno que transcende fronteiras geográficas, envolvendo uma rede complexa de relações que definem a vida dos migrantes".

Além disso, a perspectiva Sayadiana (2000), enfatiza a importância das relações transnacionais na formação da identidade do migrante total. Os migrantes não apenas se adaptam às novas realidades em seus países de acolhimento, mas também mantêm laços significativos com suas culturas e comunidades de origem. Isso é particularmente evidente no caso dos imigrantes bolivianos em São Paulo, que, segundo Sayad (1998), "constroem suas identidades em um espaço onde o passado e o presente se entrelaçam, criando um mosaico cultural que reflete tanto suas raízes quanto suas novas experiências". (SAYAD, 1998, p. 27). Essa dinâmica revela como a migração pode enriquecer a identidade dos indivíduos, permitindo que eles incorporem múltiplas influências em suas vidas.

Por fim, a visão multifacetada de Sayad (2000), sobre o migrante total sugere que a migração deve ser entendida como um processo dinâmico e contínuo. Os migrantes estão constantemente (re)negociando suas identidades em resposta a contextos sociais e econômicos em mudança. Como enfatiza Sayad (2000), "a experiência migratória é uma jornada de transformação que desafia as categorias fixas de identidade, permitindo que os migrantes se tornem agentes ativos na construção de suas próprias narrativas". (SAYAD, 2000, p. 3).

Essa perspectiva não apenas amplia a compreensão acadêmica da migração, mas também oferece insights valiosos para políticas que buscam apoiar a integração e o bem-estar dos migrantes em suas novas comunidades.

Para aprofundar esta questão, observa Cavalcanti (2015), que a exemplo do Brasil, os movimentos migratórios tiveram as suas etapas, idades e gerações, não de forma sincrônica, mas à medida de fatores circunstanciais. Exemplo disto é a mais recente crise econômica ocorrida em 2007, que provocou "uma maior complexidade nos eixos de deslocamentos das migrações sul-americanas, especialmente no Brasil". (CAVALCANTI, 2015, p. 36).

Cavalcanti (2015) acredita que o Brasil compreende diferentes cenários migratórios, pois ainda existem fortes movimentos emigratórios, ao mesmo tempo em que o país passa a receber novos e diversificados fluxos de imigrantes diversificados. Isto ainda levando em consideração os fluxos de retorno.

De acordo com Coutinho (2015), quanto à relação da migração e trabalho, uma vasta e rica literatura abordou a migração internacional sob os auspícios da capacidade do capital em mobilizar mão de obra nos países economicamente subdesenvolvidos, a fim de suprir a

demanda dos mercados dos países ricos e/ou reduzirem os seus custos com o trabalho. Esta observação serve como ponto de partida para entender melhor o panorama atual das relações de trabalho e migração existentes, com especial ênfase às de Sul para Sul e da precarização do trabalho.

Assim, afirma Coutinho (2015) que:

[...] é quase consensual o papel desempenhado pelas desigualdades econômicas entre os países de origem e os países de destino para configurar áreas de expulsão e áreas de recepção da imigração laboral, roteiros em constante transformação seguindo movimentos mais amplos do capital, de recrutamento de trabalhadores realizados por empregadores e pelos Estados, as políticas nacionais e supranacionais de incentivo ou recrudescimento à entrada de imigrantes e os imperialismos e seus rastros. (COUTINHO, 2015, p. 82-83).

Talvez uma das mais claras apresentações da relação entre migração e trabalho seja a de Cavalcanti (2015), que aponta em seus estudos, a partir de uma breve conceituação das teorias migratórias macro e micro sociais, a impossibilidade de desassociar estes dois conceitos.

Não é possível explicar a presença desses novos fluxos no Brasil (a referência aqui é ao fluxo de haitianos da última década) sem recorrer ao mercado de trabalho. Ademais, é no mercado de trabalho que é possível compreender a posição social que ocupam os imigrantes e que ocuparão os seus descendentes. No entanto, reduzir os movimentos migratórios exclusivamente a questões laborais implica reconhecer uma limitação analítica: as pessoas também migram por outros motivos (reuniões familiares, refúgio, asilo, entre outros fatores) que também são determinantes na mobilidade humana. Todavia, é preciso ressaltar que uma vez no país de acolhida o lugar social dos imigrantes estará marcado pela posição que ocupam no mercado do trabalho. (CAVALCANTI, 2015, p. 37).

Voltando em Coutinho (2015), particularmente na imigração laboral, vê-se que enquanto uma minoria de trabalhadores altamente qualificados movimenta-se legalmente por entre as fronteiras nacionais, a maioria desloca-se e/ou mantém-se irregularmente nos países de destino, atrelados a trabalhos precários, pouco qualificados e imersos na economia informal dos grandes centros urbanos.

Isto acarreta novamente na possibilidade de exploração do trabalho digno e na precarização dos postos de trabalho, como será analisado adiante. Afirma ainda Coutinho (2015), em se tratando da vulnerabilidade destas populações migrantes, que:

Esse cenário é favorecido pelo status jurisdicional de ilegal dos trabalhadores estrangeiros - o que envolve a condição de “não sujeito” na sociedade receptora - e por uma lógica perversa em atividade nas migrações internacionais, a de que a busca pela mobilidade social ascendente é sempre acompanhada do trabalho duro e, muitas vezes, aviltante. Essa lógica manifesta-se nos dois pontos do deslocamento laboral, nos países de origem e nos países de destino, faz parte dos projetos migratórios desses sujeitos e aparece de forma corrente em suas falas, como o mostra um sem-número de

pesquisas realizadas com diferentes grupos de imigrantes, internacionalmente. (COUTINHO, 2015, p. 83-84).

Além disso, segundo Coutinho (2015), o estado de precariedade tornou-se indissociável da imigração laboral contemporânea nos estudos efetuados mundo afora e a temática floresceu nos anos de 1980.

Como bem colocou Castles (2010) foi justamente o “interesse provocado pela temática da precariedade” com início naquela época que abriu passagem à reflexão sobre os trabalhadores que o autor nomeou “periféricos” ou “residuais”, compostos em larga escala por mulheres, por imigrantes, por jovens com pouca qualificação e por trabalhadores mais velhos. (COUTINHO, 2015, p. 83-84).

Cabe ressaltar também, na visão de Coutinho (2015), que tal proceder estabelece convenções e regras para os grupos de trabalhadores estrangeiros que estruturam os elementos da natureza do trabalho imigrante para esses sujeitos, de forma bastante própria e brumosa a respeito das condições de precariedade e exploração.

Neste sentido, observa-se ainda que “[...] assim acontece nas pequenas oficinas onde trabalham costureiras e costureiros subcontratados no Brasil – bolivianas e bolivianos migrantes”. (RIBEIRO, 2021. p. 48).

As oficinas-moradias improvisadas têm maior dificuldade de serem realizadas nos territórios dos países do Norte devido às leis e fiscalização, enquanto nos países do Sul se tornam uma realidade em expansão. No Norte, o produto chega direto para o comércio e para as mãos do mercado consumidor, enquanto a produção é efetivada no Sul, pelo “precariado”. (RIBEIRO, 2021. p. 48).

No fim dos anos oitenta, no âmbito antropológico, inicia-se a utilização do termo transnacionalidade como um aporte à reflexão das mudanças produzidas pela globalização nas diferentes sociedades e aplicada aos estudos migratórios. Esta perspectiva, mais do que se ocupar das questões clássicas como as causas para emigrar e os processos de adaptação, foca a sua atenção nas relações que mantêm os imigrantes com os lugares de origem e destino, e no movimento de pessoas, bens, informações e material simbólico que atravessa as fronteiras nacionais. (CIURLO, 2014).

A transnacionalidade, adotada também no âmbito sociológico, dá um passo além na visão migratória ao conceitualizar como o processo pelo qual os migrantes constituem campos que unem os países de origem com os de destino. Estes campos ou espaços sociais transpassam as fronteiras geográficas, políticas e culturais, e permitem aos migrantes viverem simultaneamente nas duas sociedades e manter um amplo arco de relações sociais e afetivas (BASH, SHILLER e SZANTON, 1992, 1994).

A análise com observação em campo, no intuito de conhecer e descrever os contextos das relações trabalhistas existentes antes e depois da migração de bolivianos na cidade de São Paulo configura uma importante ferramenta para compreender os motivos que levam a tais populações a migrarem do seu País natal, provavelmente sem a certeza de uma condição melhor no País escolhido.

Nessa perspectiva, percebe-se que o tema das migrações e a relação com o mercado de trabalho é de grande relevância na área das Ciências Sociais, pois analisa fenômenos relacionais de populações com diversos panoramas e necessidades sociais, econômicas e culturais.

4. MARCO TEÓRICO

4.1. Noções de vida social e biografia cultural das coisas

Como marco teórico introdutório, Arjun Appadurai, em sua obra "A Vida Social das Coisas", propõe que as mercadorias não são apenas objetos econômicos, mas também possuem uma vida social complexa que envolve significados culturais e sociais. Neste sentido, Appadurai (2008) argumenta que a biografia cultural das coisas se refere ao ciclo de vida das mercadorias, desde sua produção até seu consumo, incluindo as relações sociais que se estabelecem ao longo desse processo.

Destacam-se nesta perspectiva elementos em que Appadurai (2008) utiliza o termo da vida social das coisas no sentido em que as mercadorias têm uma vida própria, influenciada por contextos sociais, políticos e culturais. Estas adquirem significados diferentes dependendo de onde e como são utilizadas.

Ao mesmo tempo observa quanto aos bens, uma biografia cultural que se caracteriza por cada mercadoria ter uma história que inclui suas origens, trajetórias e transformações ao longo do tempo. Essa biografia é moldada por interações sociais e contextos culturais, que desenvolvem uma ideia de valor, este valor das mercadorias não sendo apenas econômico, mas construído socialmente e que pode sofrer variações conforme o contexto cultural. Appadurai (2008) ainda destaca a importância de entender como o valor é atribuído às coisas em diferentes sociedades.

Neste sentido as mercadorias também desempenham um papel na construção da identidade social e cultural, refletindo e moldando as relações de poder, classe e etnicidade ao compreender e discutir no texto, paralelamente, como a globalização afeta a circulação de mercadorias e a construção de significados, enfatizando o papel das redes transnacionais.

Em resumo, a análise de Appadurai (2008) propõe um olhar para as mercadorias não apenas como objetos de consumo, mas como entidades sociais que carregam significados e histórias, influenciando e sendo influenciadas pelas dinâmicas culturais e sociais.

Com significativa contribuição à sociologia do consumo e da concepção de valor, o sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel, explora como as mercadorias e o consumo estão interligados com as relações sociais e culturais. Em sua obra "A Filosofia do Dinheiro", destaca Simmel (2013), num primeiro momento, que o valor das mercadorias não é apenas determinado por fatores econômicos, mas também por suas significações sociais, sendo este valor construído nas interações sociais e que varia conforme o contexto em que as mercadorias são consumidas.

Em seguida o autor faz uma distinção importante: entre o consumo como um ato individual e como uma prática social, ao compreender este fenômeno como uma "dualidade do consumo", descrevendo o consumo não como apenas uma necessidade, mas também uma forma de expressão da identidade e status social e as mercadorias utilizadas para comunicar valores e pertencimento a grupos sociais.

Discorre ainda o autor supracitado, ao fazer uma importante análise quanto à sociologia do consumo, que este se torna um fenômeno social, influenciado por modas, tendências e dinâmicas de grupos, pois observa que o consumo pode criar laços sociais, mas também pode levar à alienação, pelo fato das pessoas poderem se tornar excessivamente focadas nas mercadorias. Paralelamente, ele observa uma tendência que denomina a estética do consumo, ao enfatizar a importância da estética nas escolhas de consumo e a maneira como as mercadorias são apresentadas e percebidas, o que influencia sua atração e valor social.

Simmel (2013) vê a modernidade como um período em que o consumo se torna central na vida social e como a mercantilização das relações sociais transforma a maneira como as pessoas interagem e se relacionam com o mundo ao seu redor. Ao trazer um olhar profundo sobre a concepção de valor e a sociologia do consumo, destaca a complexidade das relações entre mercadorias, valor e sociedade, enfatizando que o consumo é uma prática social carregada de significados que vai além da simples troca econômica.

Ainda quanto às noções de vida social e a biografia cultural das coisas, é possível convidar neste diálogo a Marcel Mauss, com seu ensaio seminal "Ensaio sobre a Dádiva", publicado em 1925 e posteriormente revisado na sua obra "Sociologia e Antropologia", na qual apresenta a teoria do dom, que explora as relações sociais e culturais que emergem da tríplice "obrigação" de dar, receber e retribuir. Sua análise das dinâmicas sociais do dom tem implicações profundas na compreensão da circulação de mercadorias.

Mauss (2003) apresenta a dádiva como prática social, ao argumentar que o ato de dar não é meramente altruísta, mas envolve obrigações sociais que criam laços entre os indivíduos. Neste sentido, o dom estabelece uma relação de reciprocidade, onde dar, receber e retribuir são partes fundamentais da interação social. Compreende Mauss (2003) três obrigações principais na troca de dádivas: dar como a necessidade de oferecer algo a outro; receber, como a aceitação do que foi dado, que também implica reconhecimento e valorização e retribuir, como a obrigação de devolver algo em troca, reforçando os laços sociais.

Sugere ainda Mauss (2003), que a circulação de mercadorias na economia moderna pode ser entendida à luz da teoria do dom, pois as mercadorias, assim como os dons, têm um valor

social que vai além do seu valor econômico, assim mesmo a troca de mercadorias também envolve relações de poder, status e identidade.

Para compreender esta relação de troca, argumenta Mauss (2003), que a economia não é um sistema isolado, mas está profundamente entrelaçada com a cultura e as relações sociais pois a maneira como as mercadorias são trocadas e valorizadas reflete normas culturais e sociais. Ao mesmo tempo faz severa crítica ao individualismo ou a visão individualista da economia, enfatizando que as relações sociais são fundamentais para entender tanto a dádiva quanto a circulação de mercadorias, propondo que a economia deve ser vista como um fenômeno social. Assim, Mauss (2003), descreve uma perspectiva rica sobre a circulação de mercadorias, destacando a importância das relações sociais e das obrigações culturais que moldam a troca e o valor das mercadorias na sociedade.

Para corroborar com o tema, Manuel Castells, em suas obras, especialmente na trilogia "A Era da Informação", explora a relação entre sociedade em rede e globalização, abordando como as novas tecnologias de comunicação transformam as dinâmicas sociais, econômicas e políticas.

Para Castells (1999), a sociedade contemporânea é caracterizada por redes de comunicação e informação que conectam indivíduos e instituições em escala global. Estas redes não apenas facilitam a troca de informações, mas também moldam as relações sociais e a organização do poder, enquanto paralelamente, a globalização, segundo Castells (1999), é um fenômeno multifacetado que envolve a interconexão econômica, cultural e política entre diferentes regiões do mundo e não é um processo uniforme, pois existem desigualdades e tensões que emergem dessa interconexão.

No aspecto da economia, introduz Castells (1999), o conceito de "economia informacional", na qual a produção e o consumo são impulsionados pela tecnologia da informação. Nessa nova economia, o conhecimento e a informação se tornam os principais motores do desenvolvimento econômico. Ao mesmo tempo, Castells (1999), faz uma análise de como o poder se reorganiza na sociedade em rede, pois são estas redes que permitem novas formas de mobilização social e resistência, oferecendo espaço para movimentos sociais que contestam estruturas de poder estabelecidas.

Aborda também Castells (1999), em se tratando de globalização a discussão de como as redes influenciam a formação da identidade e da cultura, pois afirma que globalização traz tanto a homogeneização cultural quanto a reafirmação de identidades locais, resultando em um complexo cenário cultural e conclui ainda que a tecnologia altera a percepção de espaço e tempo

da sociedade, permitindo a comunicação instantânea e a criação de comunidades virtuais que transcendem as fronteiras geográficas.

No aspecto da forma em que a globalização impacta as cidades e economias locais, enfatizando a complexidade das interações entre o global e o local, bem como os desafios sociais e econômicos que surgem nesse contexto, Saskia Sassen explora o conceito de "cidades globais", que são, segundo Sassen (1999), centros urbanos que desempenham papéis cruciais na economia global, a exemplo de cidades como Nova York, Londres e Tóquio, que seriam, para ela, *hubs* financeiros e culturais que conectam mercados e fluxos de capital.

Neste sentido argumenta ainda a autora que a globalização não elimina as particularidades locais, mas, ao contrário, as reconfigura, pois as cidades se tornam locais onde as forças globais interagem com as dinâmicas locais, resultando em uma complexa rede de interdependências. Paralelamente, destaca Sassen (1999) que a globalização pode exacerbar as desigualdades sociais e econômicas nas cidades, pois, enquanto algumas áreas se beneficiam do crescimento econômico e da atração de investimentos, outras podem sofrer com a exclusão e a marginalização.

Ela faz uma análise também sobre o papel da economia informal nas cidades globais ao compreender que muitas vezes, as populações marginalizadas dependem de atividades informais para subsistência, o que levanta questões sobre a regulamentação e a proteção dos direitos dos trabalhadores. Este fenômeno expõe como a globalização impulsiona os fluxos migratórios, levando a uma maior diversidade cultural nas cidades e compreende ao mesmo tempo, que esses movimentos podem enriquecer a vida urbana, mas também trazem desafios relacionados à integração e à coesão social (SASSEN. 1999).

Por fim, destaca Sassen (1999), que a globalização transforma a paisagem urbana, com a gentrificação sendo um fenômeno comum em muitas cidades globais, onde áreas antes negligenciadas são revitalizadas, mas muitas vezes à custa da população original.

Uma das questões que chama a atenção no fenômeno da globalização é o hibridismo cultural e suas implicações nas dinâmicas das mercadorias em contextos globais, destacando a complexidade das interações culturais e as novas formas de identidade que emergem nesse cenário. Néstor García Canclini (2011), aborda o conceito de hibridismo cultural e suas implicações nas dinâmicas das mercadorias em contextos globais e explora como a globalização transforma as culturas locais e a produção de bens, resultando em interações complexas entre diferentes tradições culturais.

Afirma Canclini (2011) que na era da globalização, as culturas não são mais ‘puras’ ou homogêneas, mas sim híbridas. As culturas se influenciam mutuamente, resultando em novas

formas de expressão cultural que combinam elementos de diferentes origens. Ao mesmo tempo, analisa como o hibridismo cultural afeta a produção e o consumo de mercadorias, ao compreender que as mercadorias não são apenas produtos econômicos, mas também portadoras de significados culturais, cujo valor é influenciado pelas narrativas culturais que as cercam.

No que tange à globalização e localidade, Canclini (2011), enfatiza ainda que a globalização não elimina as particularidades locais, mas as transforma e que as culturas locais se adaptam e incorporam elementos globais, criando novas identidades e formas de pertencimento. Assim, o consumo cultural se torna um espaço de negociação de identidades, pois as pessoas consomem produtos que refletem suas identidades híbridas, contribuindo para a construção de novos significados e práticas culturais.

Entre os desafios que o hibridismo cultural apresenta, como a homogeneização cultural e a perda de tradições, destaca Canclini (2011), que também existem oportunidades para a criatividade e a inovação cultural, onde novas formas de expressão emergem. Para o autor, o hibridismo cultural está ainda ligado a questões de poder e identidade, pela forma em como as identidades são negociadas em um contexto global, no qual diferentes grupos lutam por reconhecimento e visibilidade.

4.2. O Capital Social e a sua importância para o fenômeno migratório

A produção teórica de Alejandro Portes oferece uma contribuição fundamental para a compreensão das redes sociais e dos processos de mobilidade migratória transnacional. Ao realizar análise de dois de seus artigos “Capital Social: Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea” (2000) e “Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante” (2004), o autor desenvolve categorias analíticas que, embora tratadas separadamente, revelam importantes pontos de convergência quando articuladas.

Este capítulo propõe uma leitura integrada desses textos, com o objetivo de demonstrar como o conceito de capital social se entrelaça às práticas transnacionais dos imigrantes, contribuindo para uma análise mais densa das estratégias sociais em contextos de mobilidade.

Portes define o capital social como “a capacidade dos atores de obter benefícios por meio de sua participação em redes sociais e outras estruturas sociais” (PORTES, 2000, p. 137). Essa definição se insere em uma tradição teórica que inclui autores como Pierre Bourdieu e James Coleman, e destaca o caráter relacional desse tipo de capital, em contraste com o capital econômico e o capital humano, que têm natureza mais individual. Segundo o autor, “o capital

social reside na estrutura da relação entre os atores e entre os atores e a sociedade como um todo, não dentro dos próprios atores” (PORTES, 2000, p. 138).

Essa concepção relacional permite compreender como o capital social pode ser mobilizado em diferentes contextos, inclusive no processo migratório. As redes de parentesco, amizade e associação se tornam meios de acesso a informações, apoio emocional, inserção no mercado de trabalho e até mesmo a formas de mobilização política. No entanto, Portes (2000), adverte que o capital social não é inerentemente benéfico. Ele pode ter efeitos negativos, como o controle social coercitivo, a exclusão de indivíduos externos ao grupo e a manutenção de normas opressivas.

A análise é particularmente relevante quando confrontada com o conceito de transnacionalidade, pois argumenta o autor que a transnacionalidade deve ser compreendida como “um campo de atividades sustentadas que requerem contatos regulares e contínuos além das fronteiras nacionais” (PORTES, 2004, p. 20). Ao mesmo tempo, critica as abordagens que veem essas práticas como residuais ou secundárias, sustentando que a transnacionalidade constitui uma forma de inserção social distinta, que desafia os modelos clássicos de assimilação.

As práticas transnacionais envolvem não apenas viagens e remessas financeiras, mas também o envolvimento em associações comunitárias, partidos políticos, igrejas e empreendimentos econômicos que operam simultaneamente nos países de origem e de destino. Conforme argumenta esse autor, essas práticas não são episódicas, mas regulares e institucionalizadas. Propõe então o conceito de “campos sociais transnacionais”, definidos como “conjuntos de relacionamentos, organizações e padrões de atividades que ligam os países de origem e destino de forma contínua” (PORTES, 2004, p. 22).

Nesse sentido, torna-se evidente a interdependência entre capital social e transnacionalidade. O funcionamento dos campos sociais transnacionais depende, em grande medida, da existência de redes sociais densas, estruturadas por relações de confiança, reciprocidade e lealdade. O capital social funciona como o elemento que sustenta a continuidade dessas relações ao longo do tempo e do espaço. Portes afirma que “a estrutura das redes sociais transnacionais, baseada em laços de parentesco e solidariedade comunitária, constitui a base sobre a qual são construídas atividades econômicas e políticas transnacionais” (PORTES, 2004, p. 24).

Os dados empíricos apresentados por Portes (2004) reforçam esse argumento. Em estudos com imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos, o autor demonstra como empresários e líderes comunitários utilizam suas redes transnacionais para desenvolver negócios binacionais, organizar eventos culturais e participar da política de seus países de

origem. Essas práticas são sustentadas por um capital social que transcende as fronteiras nacionais e permite uma atuação em múltiplos contextos. Assim, os imigrantes não rompem com seus laços anteriores, mas constroem novas formas de pertencimento e ação social.

Essa perspectiva contrasta com os modelos clássicos de assimilação, que pressupõem um processo linear de adaptação à sociedade receptora.

A transnacionalidade, segundo ele, “representa uma ruptura com o paradigma assimilacionista, ao mostrar que os imigrantes podem manter vínculos com suas comunidades de origem ao mesmo tempo em que se integram nos países de destino” (PORTES, 2004, p. 27).

Esses vínculos, contudo, não são desprovidos de tensões. O capital social, embora funcione como recurso, pode também impor obrigações excessivas, gerar conflitos e reproduzir desigualdades internas (PORTES, 2000, p. 149).

Em conclusão, os estudos de Portes revelam que as práticas transnacionais dos imigrantes são profundamente atravessadas pelo uso e pela reprodução do capital social. As redes sociais são, ao mesmo tempo, condição e produto dessas práticas, e a análise conjunta dessas categorias permite uma compreensão mais complexa dos fenômenos migratórios contemporâneos.

Como ressalta Portes (2004), “as teorias sociais mais produtivas são aquelas que articulam categorias analíticas distintas em interpretações coerentes dos processos empíricos” (PORTES, 2004, p. 19). Essa articulação entre capital social e transnacionalidade oferece, portanto, uma chave importante para compreender os modos como os sujeitos imigrantes constroem suas trajetórias em contextos de mobilidade e fronteiras permeáveis.

4.3. Crise do estado-nação a partir da territorialidade

A globalização se apresenta como um fenômeno que desafia a estrutura e a eficácia do estado-nação, destacando a necessidade de novas formas de governança e colaboração internacional para enfrentar os desafios contemporâneos. Para David Held e Anthony McGrew (2001), a crise do estado-nação não implica necessariamente em seu colapso, mas sim em uma transformação de suas funções e responsabilidades em um mundo cada vez mais interconectado.

Held e McGrew (2001), argumentam que a globalização resulta em uma crescente interdependência entre países nos quais questões econômicas, sociais e ambientais transcendem fronteiras nacionais, desafiando a capacidade dos estados-nação de controlar e regular essas dinâmicas, desenvolvendo assim uma interconexão global. A crise do estado-nação, para Held

e McGrew (2001), se manifesta na diminuição do controle estatal sobre a economia e a política, pois a globalização permite que atores não estatais, como corporações multinacionais e organizações internacionais, exerçam influência significativa, muitas vezes em detrimento da soberania nacional.

Esta crise, ainda para Held e McGrew (2001), questiona a soberania dos estados por pressões externas, como acordos comerciais, fluxos de capital e migrações, levando a uma reavaliação das funções tradicionais do estado, que se vê incapaz de lidar com problemas globais, como mudanças climáticas e crises financeiras. Ao mesmo tempo, para Held e McGrew (2001), a globalização propõe a necessidade de uma nova forma de governança que vá além do estado-nação, sugerindo que soluções para problemas globais exigem cooperação internacional e instituições que possam lidar com as complexidades da globalização.

A globalização também afeta as identidades nacionais e a noção de cidadania, criando um cenário em que as identidades se tornam mais fluidas e múltiplas. Para Held e McGrew (2001), este fenômeno pode levar a tensões entre a identidade local e a global, trazendo assim reflexões sobre como os estados e sociedades estão respondendo a esses desafios, com algumas nações buscando reafirmar sua soberania, enquanto outras adotam uma abordagem mais cooperativa, reconhecendo a necessidade de enfrentar problemas globais de maneira conjunta.

Em contraponto à crise que a globalização ocasionou entre os estados-nação, apresenta Homi K. Bhabha (2005), no que se refere ao campo do nacionalismo, cultura e identidade, uma visão crítica e complexa da construção das identidades nacionais, enfatizando a ambivalência e a hibridização cultural, pela complexidade e fluidez das identidades culturais. Destaca Bhabha (2005), a importância da hibridização e da ambivalência na formação das identidades nacionais, desafiando narrativas simplistas e promovendo uma compreensão mais rica e diversificada da cultura local e global.

Uma abordagem inicial que apresenta Bhabha (2005), sobre as identidades culturais é que estas não são fixas, mas sim híbridas, resultantes da interação entre diferentes culturas. Essa hibridização desafia a ideia de uma identidade nacional homogênea e singular.

O conceito de ambivalência é central para Bhabha (2005), pois sugere que as identidades nacionais são frequentemente marcadas por tensões e contradições, em que elementos de dominação e resistência coexistem e isto gera um espaço de negociação cultural. O autor critica as narrativas nacionalistas que buscam uma identidade pura e estável, pois o nacionalismo muitas vezes ignora as complexidades e as diversidades que compõem uma nação, levando à exclusão de grupos minoritários, como é o caso dos imigrantes.

Paralelamente, Bhabha (2005) introduz a ideia de "interstício", como um espaço liminar em que as identidades se encontram e se transformam, espaço este que permite novas formas de expressão e resistência, desafiando as definições rígidas de identidade. É neste mesmo espaço que, para ele, a representação cultural desempenha um papel crucial na formação da identidade, na forma em que as representações culturais podem reforçar ou subverter relações de poder, destacando a importância de reconhecer as vozes marginalizadas.

Por fim, destaca Bhabha (2005) que a cultura é um campo de lutas, em que diferentes narrativas e identidades se confrontam e que a resistência cultural é uma forma de reimaginar e reconstruir identidades de maneira mais inclusiva.

Neste mesmo sentido, ao discorrer sobre nacionalismo, cultura e identidade, apresenta Ong (1999) uma perspectiva crítica sobre cidadania e transnacionalidade, ao destacar a complexidade das identidades e práticas de cidadania no contexto da globalização e a importância de entender a cidadania como um fenômeno dinâmico e multifacetado, que reflete as realidades contemporâneas de mobilidade e interconexão global e sobre como as identidades e as práticas de cidadania são moldadas por processos globais e dinâmicas de migração.

Para Ong (1999), a cidadania não é mais um conceito fixo e vinculado exclusivamente ao estado-nação, em vez disso, ela se torna transnacional, envolvendo múltiplas lealdades e identidades que transcendem fronteiras nacionais. A exemplo dos fluxos migratórios observa-se como os migrantes mantêm laços com seus países de origem enquanto se estabelecem em novos contextos. Essa dualidade, para ONG (1999), desafia a noção tradicional de cidadania, pois os indivíduos podem exercer direitos e deveres em mais de um país.

Em outro aspecto, para Ong (1999), as práticas de cidadania são diversas e variam conforme o contexto, pois destaca como grupos migrantes podem negociar sua posição e direitos em diferentes sociedades, criando novas formas de pertencimento, sem deixar de lado que a temática da cidadania transnacional pode resultar em desigualdades, pois embora alguns migrantes possam ter acesso a múltiplos direitos, outros podem enfrentar exclusão e discriminação, dependendo de fatores como classe, raça e status legal.

Por último, observa Ong (1999) que a cidadania transnacional está ligada a formas emergentes de governança global, em que instituições e políticas internacionais influenciam as experiências de cidadania, desafiando a soberania dos estados-nação, em concordância com Held e McGrew (2001), esta mobilidade de indivíduos e a construção de identidades transnacionais são centrais na análise sobre como as experiências de migração moldam as identidades dos indivíduos, criando novas formas de pertencimento e resistência.

Ainda nos estudos sobre nacionalismo e cidadania, observa Balibar (2021) a complexidade das identidades nacionais e os desafios que surgem na interseção entre nacionalismo e direitos de cidadania, fazendo assim uma crítica do nacionalismo e da cidadania, ao enfatizar a necessidade de repensar essas categorias em um mundo caracterizado pela diversidade e pela interconexão global e, ao mesmo tempo, considerar a importância de uma cidadania ativa e inclusiva, que reconheça as complexidades das identidades contemporâneas e promova a justiça social.

De acordo com Balibar (2021), o nacionalismo, embora muitas vezes associado à construção de identidades coletivas, pode também levar à exclusão e à discriminação de grupos considerados "outros". Neste contexto, a cidadania é frequentemente definida de maneira restritiva, pois para Balibar (2021), a cidadania não é apenas um status legal, mas uma prática que envolve direitos e deveres, ao enfatizar a importância da participação ativa dos cidadãos na vida política e social, questionando a passividade imposta por narrativas nacionalistas.

Ao mesmo tempo, destaca Balibar (2021), uma forte tensão entre o universalismo dos direitos humanos e o particularismo das identidades nacionais, pois defende que a cidadania deve ser entendida de forma a incluir a diversidade cultural e as experiências de diferentes grupos, deste modo e paralelamente observa como as crises econômicas, políticas e sociais contemporâneas afetam a noção de cidadania, no sentido de compreender que a crescente desigualdade e a desconfiança em relação às instituições podem levar a uma crise de representação e a um enfraquecimento dos direitos civis.

É neste sentido que Balibar (2021), aborda a ideia de cidadania transnacional, reconhecendo que as identidades e os direitos dos indivíduos não se limitam às fronteiras nacionais, mas sugere que uma nova concepção de cidadania deve levar em conta a mobilidade e as conexões globais. Isto ainda em detrimento aos desafios que o nacionalismo contemporâneo apresenta, como o populismo e a xenofobia, que ameaçam a coesão social e a inclusão.

Para trazer uma reflexão sobre este tema, é importante considerar a contribuição de Benedict Anderson, em sua obra "Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo". O autor explora a construção da nação como uma comunidade que, embora não tenha interação pessoal entre todos os seus membros, é percebida como uma unidade. Essa imaginação coletiva é o que une pessoas que nunca se encontram.

De acordo com Anderson (2008), a imprensa, especialmente a imprensa em língua vernacular, desempenhou um papel crucial na formação de identidades nacionais, sendo a leitura compartilhada de jornais e livros a responsável por criar um senso de pertencimento e

coesão entre os leitores. “O surgimento da impressão em massa e a alfabetização em massa, impulsionados pela Revolução Industrial, facilitaram a disseminação de ideias nacionalistas e a construção de uma identidade comum”. (ANDERSON, 2008, p. 81).

Para compreender o desenvolvimento da ideia de nação, é necessário, segundo Anderson (2008), observar como as narrativas históricas e a memória coletiva são fundamentais para a construção da identidade nacional, somada aos símbolos, rituais e mitos nacionais que ajudam a solidificar essa imaginação comunitária.

Assim mesmo, observa Anderson (2008), que o nacionalismo como fenômeno moderno, surge em resposta a mudanças sociais, políticas e econômicas, sendo que o nacionalismo não é uma continuidade de tradições antigas, mas uma construção recente e reconhece ao mesmo tempo que as nações são frequentemente compostas por múltiplas identidades e culturas, desafiando a ideia de uma homogeneidade nacional, assim a identidade nacional é um fenômeno complexo e dinâmico, moldado por práticas culturais e sociais, e não apenas por características étnicas ou históricas.

4.4. Teoria do ator-rede

Em sua obra sobre a teoria do ator-rede (ANT - Actor-Network Theory), Bruno Latour apresenta uma análise da construção social da ciência e da tecnologia ao desenvolver uma perspectiva crítica sobre a ciência e a tecnologia, enfatizando a interdependência entre atores humanos e não-humanos e a construção social do conhecimento. Sua abordagem desafia visões tradicionais e convida a uma análise mais complexa das dinâmicas que moldam a realidade científica e tecnológica.

Na visão de Latour (2012), tanto humanos quanto não-humanos (objetos, tecnologias) são considerados "atores" em uma rede, composta por interações complexas que moldam a realidade social e científica. Paralelamente, em sua análise, ele observa que a ciência não é um reflexo direto da realidade, mas sim uma construção social em que fatores sociais, políticos e culturais influenciam a produção do conhecimento científico.

Assim, também discute como as ideias e as práticas científicas são "inscritas" em artefatos e tecnologias, referindo-se ao processo pelo qual os interesses dos atores são alinhados e transformados ao longo da rede como uma tradução. Em outro aspecto, observa Latour (2012) a importância das controvérsias na ciência, pois diferentes atores disputam significados e verdades, ao mesmo tempo em que essas disputas são essenciais para a estabilização do conhecimento.

Outro ponto importante na análise de Latour (2012) é que a construção de uma rede de apoio é crucial para a validação de uma ideia ou tecnologia, neste sentido, a capacidade de mobilizar aliados, sejam eles humanos ou não-humanos, é fundamental para o sucesso de um projeto. Ao mesmo tempo enfatiza, quanto à desnaturalização da tecnologia, a ideia de que a tecnologia não é neutra ou inevitável, argumentando que as escolhas tecnológicas são influenciadas por contextos sociais e devem ser analisadas criticamente. Assim, a teoria do ator-rede sugere que não se pode separar a análise social da técnica, pois a ciência e a tecnologia devem ser vistas como sistemas sociotécnicos interdependentes.

Paralelamente a essa abordagem, apresenta Callon (2004) importantes contribuições que são fundamentais para entender a economia da inovação, dentro do que é a teoria do ator-rede na análise sobre como as inovações são desenvolvidas e disseminadas, enfatizando que esse processo não é apenas técnico, mas profundamente social. Ele investiga como as ideias se transformam em produtos e serviços.

Assim como Latour (2012), Callon (2004), traz ênfase em que tanto humanos quanto não-humanos (tecnologias, objetos, mercadorias, bens) são atores em uma rede. A interação entre esses atores é crucial para a inovação e é pelo processo de tradução que os interesses dos diversos atores são alinhados e transformados, pois é mediante esse processo que as inovações são aceitas e se tornam parte do mercado.

4.5. As fronteiras e dinâmicas da sociabilidade

Neste ponto, faz-se necessário um olhar à questão das fronteiras e das dinâmicas de sociabilidade que ocorrem para além delas. Nail (2016) propõe uma compreensão dinâmica e inclusiva na sua perspectiva sobre a migração e as fronteiras e destaca a importância do movimento e da interconexão, além de enfatizar a experiência dos migrantes como central para a análise das fronteiras contemporâneas.

Para Nail (2016), a migração vai além das explicações econômicas ou políticas tradicionais, pois a enxerga como um fenômeno intrinsecamente ligado à dinâmica social e histórica. Ao mesmo tempo não considera as fronteiras como linhas fixas e imutáveis, mas como processos dinâmicos que são continuamente moldados por movimentos de pessoas, ideias e culturas.

Nail (2016), enfatiza a importância do movimento, argumentando que a migração não é apenas sobre a chegada a um novo lugar, mas sobre o fluxo contínuo de pessoas e a interconexão entre diferentes regiões, introduzindo ainda o estudo da interseccionalidade

migratório, pois considera que fatores como raça, classe e gênero influenciam as experiências migratórias, reconhecendo que as fronteiras afetam diferentes grupos de maneiras diversas.

Esta análise teórica parte, conforme Nail (2015) dos seus estudos sobre a experiência dos migrantes, destacando as dificuldades e desafios que enfrentam, bem como a resistência e a resiliência que demonstram em busca de melhores condições de vida, e faz ainda críticas às políticas de controle de fronteira que tentam restringir a migração, argumentando que essas políticas são frequentemente baseadas em narrativas de medo e exclusão e propõe assim uma "teoria do movimento" que considera a migração como uma forma de resistência e transformação social, enfatizando que os migrantes desempenham um papel ativo na redefinição das fronteiras sociais e políticas.

Em outra perspectiva Kumar (2010), realiza uma análise sobre como o consumo, etnicidade e migração se entrelaçam em contextos contemporâneos, com destaque na importância das identidades culturais na experiência migratória e como o consumo pode ser uma forma de expressar e (re)negociar identidades em um mundo globalizado. Kumar (2010), argumenta que o consumo não é apenas uma atividade econômica, mas também uma forma de expressar e construir identidades étnicas e culturais, pois, na sua visão, o que consumimos pode refletir nossas origens e pertencimentos.

Quanto à etnicidade e globalização, analisa como a globalização afeta as identidades étnicas, ao mesmo tempo em que a migração e a diáspora criam novas dinâmicas onde as identidades são (re)negociadas em contextos diversos, influenciadas por práticas de consumo globais. Enfatiza ainda Kumar (2010), que a migração contemporânea é motivada não apenas por fatores econômicos, mas também por questões culturais e sociais em que a busca por pertencimento e identidade é uma força poderosa que impulsiona as pessoas a se moverem.

Compreende Kumar (2010), quanto à cultura do consumo, que esta se entrelaça com as experiências migratórias, no sentido dos migrantes muitas vezes consumirem produtos que refletem suas culturas de origem, ao mesmo tempo em que se adaptam às novas culturas de consumo em seus países de acolhimento. Por outro lado, afirma ele sobre a representatividade, que existe um forte papel da mídia na construção de narrativas sobre etnicidade e migração. A representação de grupos étnicos na mídia pode influenciar percepções e práticas de consumo, moldando identidades.

Dentro os desafios enfrentados por migrantes em relação à assimilação e à preservação de suas identidades culturais, observa ainda Kumar (2010) que o consumo pode servir como uma forma de resistência e afirmação cultural, ao tempo em que considera de que maneira diferentes fatores, como classe social, gênero e raça, interagem nas experiências de consumo e

migração, reconhecendo a complexidade das identidades contemporâneas, em interseccionalidades.

4.6. A transnacionalidade como um fenômeno contemporâneo

Dentro do campo de estudos das migrações contemporâneas, o termo transnacional denota um claro e evidente vínculo entre estados-nações, nos quais indivíduos, objetos (mercadorias ou bens), ideias, cultura e outras intercessões se deslocam em fluxos intensos em ambas as direções, fortalecendo os laços dos imigrantes em vários sentidos.

De acordo com Levitt e Glick Schiller (2004b), há muito tempo os cientistas sociais se interessam em observar como os imigrantes se incorporam aos países receptores, a exemplo da Alemanha e França. Observam as autoras que a expectativa de que os imigrantes se ajustem à cultura local se constituiu em um elemento central das políticas públicas, em vários países.

Já na perspectiva norte-americana (dos Estados Unidos), de acordo com Levitt e Glick Schiller (2004b), investigadores sobre imigração, a princípio, também argumentavam que, ao ascender na escala socioeconômica, os imigrantes tenderiam a abandonar seus costumes, linguagem, valores, vínculos e identidades originadas na sua terra natal. Quando “conservar um caráter étnico” (*remaining ethnic*), se tornou mais aceitável, a maioria dos pesquisadores assumiu que os vínculos com seu país, mesmo assim, em algum momento iriam se dissolver.

Por exemplo: “*ser ítalo-americano o irlandês-americano, en última instancia reflejaría un orgullo étnico dentro de Estados Unidos como país multicultural, en lugar de una relación duradera con la tierra de los ancestros*”. (LEVITT; GLICK SCHILLER, 2004b. p. 3).

Neste sentido, afirmam ainda Levitt e Glick Schiller (2004b), que

En la actualidad, los académicos reconocen, cada vez más, que algunos migrantes y su descendencia siguen estando fuertemente influidos por sus continuados lazos con su país de origen, o con las redes sociales que se extienden más allá de las fronteras nacionales. Observan los vínculos transfronterizos de los migrantes como una variable y argumentan que para entender la migración contemporánea deben evaluarse empíricamente la fuerza, la influencia y el impacto de estos nexos. (LEVITT; GLICK SCHILLER, 2004b. p. 3).

Neste sentido, resulta de grande relevância para os estudos migratórios compreender a indissociabilidade entre migração e transnacionalidade, pois denota uma série de possíveis análises que, isolada, paralela ou transversalmente, auxiliam numa maior compreensão da complexidade que apresenta o fenômeno das migrações contemporâneas.

De acordo com Levitt e Glick Schiller (2023), estes “transmigrantes” são imigrantes cujas vidas diárias dependem de interconexões múltiplas e constantes por meio de fronteiras internacionais e cujas identidades públicas estão configuradas em relação a mais do que um Estado-nação.

É a partir deste ponto de partida que as categorias de estudo do fenômeno da transnacionalidade surgem como lentes, que auxiliam nas pesquisas, principalmente nos universos empíricos específicos, ao analisar os fenômenos migratórios mediante diferentes focos. Na literatura revisada foi possível contextualizar e encontrar, consolidadas, duas principais categorias de estudo do fenômeno da transnacionalidade, a familiar e a empresarial.

A família transnacional, segundo Brettell e Hollifield (2022), refere-se a um tipo de estrutura familiar que se estende além das fronteiras nacionais, envolvendo membros que vivem em diferentes países. Esse conceito é particularmente relevante em contextos de migração, onde os laços familiares e as interações ocorrem independentemente das distâncias geográficas.

Nos estudos sobre famílias transnacionais, discorrem os principais autores (Brettell, 2022; Glick Schiller, 2004; Basch, 2006; Blanc-Szanton, 2006 e Levitt, 2004) que a família transnacional se caracteriza por apresentarem uma notória mobilidade geográfica, pois membros da família podem viver em diferentes países, mas mantêm laços emocionais e práticos, com comunicação regular, mediante a utilização de tecnologias de comunicação, como redes sociais, ligações telefônicas, chamadas de vídeo, dentre outras, para manter contato e fortalecer os vínculos.

Se caracterizam ainda, segundo os vários estudos (Brettell, 2022; Glick Schiller, 2004; Basch, 2006; Blanc-Szanton, 2006 e Levitt, 2004), por manter um fluxo de recursos mediante o envio de remessas financeiras e materiais entre os membros da família que vivem em diferentes locais. Mantém ainda, como característica das migrações contemporâneas, a identidade cultural, pois seus membros podem vivenciar identidades culturais diversas, influenciadas pela convivência em diferentes contextos sócio-culturais, bem como definir estratégias de apoio que em muitos casos se desenvolvem para apoiar uns aos outros, seja financeiramente, emocionalmente ou na educação dos filhos.

Em outra ótica, de acordo com Dunning (2013), empresas transnacionais são organizações que operam em múltiplos países, tendo uma estrutura e um funcionamento que transcendem as fronteiras nacionais, caracterizadas por sua capacidade de integrar e coordenar atividades em diferentes mercados globais.

E possuem, segundo Gereffi, Humphrey e Sturgeon (2005), suas principais características que são as de operações multinacionais, posse de filiais, subsidiárias ou *joint*

ventures em vários países, permitindo-lhes operar em diferentes mercados. Desenvolvem estratégias que consideram as particularidades de cada mercado, ao mesmo tempo em que buscam sinergias globais.

De acordo com Gereffi, Humphrey e Sturgeon (2005), as empresas transnacionais têm a capacidade de mover capital, tecnologia e recursos humanos entre suas operações em diferentes países. Uma característica que chama a atenção nelas é de que buscam lidar com uma diversidade de culturas e práticas de negócios, o que influencia suas operações e estratégias. Desenvolvem significativa flexibilidade organizacional para lidar com tantas diferentes exigências sócio-culturais e financeiras.

Torna-se importante apontar que, enquanto as famílias transnacionais se concentram em laços emocionais e sociais e as empresas transnacionais estão voltadas para a maximização de lucros e a operação em um mercado global, ambas, no entanto, refletem a complexidade das interações que transcendem fronteiras nacionais em um mundo cada vez mais globalizado e intercultural. Este aspecto, segundo Faist (2000), denota algumas importantes diferenças entre estas duas categorias, quanto à natureza e objetivos, estrutura e dinâmicas de interação.

As famílias transnacionais, de acordo com Faist (2000), têm como característica manter laços emocionais e de apoio entre os membros da família, independentemente da distância geográfica. Isso pode incluir o envio de remessas, visitas e comunicação regular, já para as empresas transnacionais o objetivo é expandir operações, aumentar a participação no mercado global, otimizar custos e maximizar lucros, buscando eficiência e competitividade em um ambiente econômico globalizado.

Quanto à estrutura, a das famílias transnacionais, de acordo com Schiller (2005), é geralmente informal e baseada em laços afetivos, com interações que podem ser flexíveis e adaptáveis às circunstâncias de cada membro. No entanto, nas empresas transnacionais a estrutura é formal e hierárquica, com uma organização complexa que inclui filiais, subsidiárias e unidades de negócios em diferentes países e as decisões são tomadas com base em estratégias de negócios e análises de mercado.

Por fim, quanto às dinâmicas de interação, afirma Schiller (2005), que nas famílias transnacionais as interações são baseadas em relações pessoais, afetivas e sociais, envolvendo comunicação regular e apoio emocional, já nas empresas transnacionais as interações são orientadas por objetivos comerciais e estratégias de mercado, envolvendo negociações, parcerias e gestão de operações.

5. METODOLOGIA

Foi utilizada nesta pesquisa uma estratégia de investigação de tipo qualitativa, de cunho exploratório, descritivo e principalmente explanatório.

A pesquisa explanatória, para Marshall e Rossman (2006), examina a relação de causa e efeito entre dois ou mais fenômenos. É usada para determinar se uma explicação é válida ou se uma entre várias explicações é mais válida. Tem caráter explicativo, pois visa determinar os fatores que contribuem para a ocorrência de um fenômeno e aprofunda o conhecimento da realidade porque explica o porquê das coisas.

Foi realizado neste estudo um levantamento de referencial teórico, mediante pesquisa bibliográfica na literatura das Ciências Sociais e das Ciências Sociais Aplicadas, dentro do campo de estudo das migrações internacionais, da transnacionalidade e da antropologia das coisas, bens e objetos, de teóricos contemporâneos e de pesquisadores da atualidade em livros e artigos publicados.

Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Esta etapa compreende o levantamento, análise e compilação em ordem cronológica de assuntos a serem abordados dos respectivos autores, seus contextos, concordâncias e/ou diferenças.

Foi necessário ainda para esta pesquisa caracterizar os fluxos migratórios laborais de bolivianos na cidade de São Paulo nas últimas duas décadas. Para tal, este estudo considerou necessário utilizar a pesquisa de campo exploratória, que de acordo com Gil (2002), no primeiro caso permeia proporcionar maior familiaridade com determinado problema, com vistas a construir hipóteses ou torná-lo mais explícito.

É ao mesmo tempo a pesquisa descritiva, pois ainda Gil (2002), afirma que este tipo de pesquisa possui como objetivo primordial a descrição de determinada população, fenômeno ou ainda, estabelecer relação entre as variáveis.

O contexto populacional da pesquisa acontece na cidade de São Paulo a partir de uma amostra intencional, não probabilística, de dois grupos: indivíduos trabalhadores e famílias de comerciantes transnacionais bolivianos, bem como seus respectivos vínculos no País de origem. Para analisar e compreender o fluxo de bens e objetos que caracterizam os vínculos transnacionais foi necessário conhecer as circunstâncias, rotas e o significado cultural e social em que estes bens circundam de sua origem ao destino.

Para que a pesquisa “em campo” seja possível foi utilizada a entrevista, pois facilita em sua estrutura levantar informações de maior cunho qualitativo, o que é de grande relevância

para tratar os dados e posteriormente indagar sobre questões comportamentais. As visitas de campo ocorreram ao longo do período em que foi proposto este estudo, nas cidades de São Paulo (Brasil), La paz e Cochabamba (Bolívia) e, por último Puerto Suarez, Puerto Quijarro (Bolívia) e Corumbá (Brasil), todas elas realizadas mediante entrevistas, com roteiro semiestruturado e colhidos depoimentos dos comerciantes em São Paulo e das famílias, amigos ou contatos de confiança destes comerciantes, nas cidades bolivianas, para compreender o fluxo de bens e mercadorias, bem como seu valor cultural ou suas percepções de relações e vínculos transnacionais. O corpus de dados foi transcrito para uma análise mais profunda do fenômeno migratório e transnacional.

Marconi e Lakatos (2010) afirmam que as vantagens de se utilizar esta técnica de coleta de dados se dá porque não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever; oferece flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista e também possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas, o que neste caso é essencial pois permeia analisar indivíduos que, em alguns casos possam ainda não estar familiarizados com a língua portuguesa.

Outra técnica utilizada neste projeto foi a observação. Ainda Marconi e Lakatos (2010), a descrevem como uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e que utiliza todos os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.

Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. *“La observación participante puede aplicarse al estudio de todas las actividades y agrupamientos de los seres humanos, sobre todo cuando se quiere descubrir desde dentro la visión de su mundo”*. (BATTHYÁNY e CABRERA, 2011, p. 87).

De acordo com os autores, a observação pode se transformar em uma técnica de pesquisa muito interessante. Para que se constitua em uma técnica esta deve ser:

“i) orientada y enfocada a un objetivo de investigación; ii) planificada de acuerdo a fases, lugares, y aspectos que se desee conocer; iii) controlada y relacionada con algunos elementos de la investigación; y iv) someterla a controles de veracidad, precisión y fiabilidad” (BATTHYÁNY e CABRERA, 2011, p. 87).

Para Valles (2000, *apud* Batthyány e Cabrera 2011), existem diferentes papéis que o pesquisador pode assumir no momento da realização da pesquisa utilizando a técnica da observação. Estes papéis diferenciais dependem do grau de ocultação ou revelação da identidade do pesquisador, e do seu grau de participação ou distanciamento.

La distinción entre observación y observación participante es clara: la primera indica la técnica para la recopilación de datos sobre el comportamiento no verbal, mientras que la segunda hace referencia a algo más que una mera observación, e incluye la intervención directa del investigador en el objeto estudiado. Por consiguiente, podemos definir la observación participante como una técnica en la que el investigador se adentra en un grupo social determinado: a) de forma directa; b) durante un período de tiempo relativamente largo; c) en su medio natural; d) estableciendo una interacción personal con sus miembros; y, e) para describir sus acciones y comprender, mediante un proceso de identificación, sus motivaciones (CORBETTA, 2007, p. 305, apud BATTHYÁNY e CABRERA 2011, p. 87).

As informações e dados coletados durante a pesquisa exploratória foram analisados à luz do marco teórico proposto, após tratados e descritos, de maneira a facilitar a compreensão, de modo a caracterizar os processos e vínculos transnacionais existentes nesta população estudada. Ainda foi necessário transcrever as entrevistas narradas, coletadas e observadas para posteriormente passarem por um crivo de análise de discurso no intuito de aprofundar nas questões norteadoras objeto desta pesquisa.

A proposta da técnica de observação ocorreu na cidade de São Paulo, num período de duas visitas durante a pesquisa, principalmente no que diz respeito a compreender os elementos que compõem os elos transnacionais familiares e comerciais, mediante o fluxo de bens e mercadorias, bem como as remessas monetárias.

Foram ainda visitadas as cidades de Corumbá no Estado de Mato Grosso do Sul e as cidades bolivianas de Puerto Suarez e Puerto Quijarro, ambas na fronteira; e as capitais de departamentos Cochabamba e La Paz, esta última, capital da Bolívia. Estas cidades foram escolhidas por comporem a rota de mercadorias e bens, assinaladas pelos entrevistados nas primeiras visitas realizadas em São Paulo, no ano de 2022.

Paralelamente e no intuito de descrever metodologicamente o comércio transnacional como uma categoria de estudo complementar ou paralela à transnacionalidade familiar ou empresarial foi complementada a pesquisa com técnica bibliométrica que, na visão de Ensslin *et al* (2010), tem como objetivo realizar o levantamento do “estado da arte” na construção do conhecimento para identificar oportunidades (lacunas) nas pesquisas de um determinado tema.

Consiste, segundo Ensslin *et al* (2010), num processo de evidenciação quantitativa dos dados estatísticos de um conjunto definido de artigos (portfólio bibliográfico), para a gestão da informação e do conhecimento científico de um dado assunto, realizado por meio da contagem de documentos.

Quanto aos métodos de sistematização de literatura é possível dividi-los em duas abordagens: (1) quantitativa e (2) qualitativa (Donthu et al., 2021). Para Chueke e Amatucci, (2022), as principais tipologias quantitativas usadas são as bibliometrias e

as metanálises ou meta-análises. Entretanto, ao contemplar a abordagem qualitativa, a mais usual é a revisão sistemática de literatura. Ainda, conforme Sousa, Bezerra e Egypto (2023), é possível acrescentar as integrativas enquanto outro tipo de revisão qualitativa. (SOUSA et al, 2024. p. 5-6).

Para Sousa *et al* (2024), a bibliometria é descrita como um método de levantamento das atividades científicas e correlatas, mediante a análise de dados que compartilham de características semelhantes. Neste sentido, contribui com esta tese um dos objetivos da bibliometria que é, segundo Donthu *et al.* (2021), identificar, medir e quantificar a produção científica em um determinado campo de conhecimento.

Ao mesmo tempo, descrevem Prado e Nogueira (2020), que a bibliometria permite mensurar o crescimento de uma nova área e o surgimento de novos termos, bem como prever as tendências de proliferação e de lacunas temáticas, o que será de grande importância para o alcance dos objetivos específicos desta pesquisa proposta.

Ao utilizar a pesquisa bibliométrica é possível reunir um compilado de artigos, teses e dissertações, livros e demais produção científica a partir de um assunto ou de palavras-chave que serão definidas e utilizadas para realizar os filtros necessários e específicos, dentro de banco de dados, nos quais repousa a literatura a ser investigada.

Neste momento da pesquisa foram realizados os tratamentos dos dados levantados de termos em português, espanhol e inglês, com palavras-chave que permitam, não apenas identificar o volume da produção científica destes termos levantados, mas também as possíveis lacunas quanto a comércio transnacionais, a diferença de negócios ou empresas transnacionais.

Os bancos de dados consultados resultam de pesquisa paralela, com averiguação dos mais relevantes ou de maior impacto, dentre eles o repositório de periódicos da Capes, catálogos de Teses e Dissertações, Web of Science, Scopus, Google Scholar e Scielo.

Os termos escolhidos consistem em combinações como comércio transnacional; comércio transnacionais - em português e espanhol e *transnational business*; *transnational commerce*, em inglês. Foi necessário ainda filtrar por áreas de concentração em Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas. Para esta estratégia metodológica, segundo Ensslin *et al* (2010), as etapas mais comuns são: definição do tema e questão de pesquisa; seleção das bases de dados; coleta de dados; filtragem e refinamento dos dados; análise dos dados; interpretação dos Resultados.

A metodologia bibliométrica prevê análises tanto quantitativas, quanto qualitativas. Apresenta-se como uma ferramenta valiosa para pesquisadores, instituições acadêmicas e

formuladores de políticas, pois fornece uma visão clara sobre a dinâmica da produção científica e seu impacto na sociedade, segundo Donthu *et al.* (2021).

A premissa para este projeto de pesquisa é mais qualitativa do que quantitativa, pois pretende-se um foco maior na identificação de tendências, ajudando a identificar áreas de crescimento e declínio na pesquisa. Trata-se de uma abordagem qualitativa, com revisão sistemática de literatura para averiguação do surgimento de novos termos, das tendências de proliferação e de possíveis lacunas temáticas.

Ao levantar os termos de pesquisa, foi possível observar que existe literatura considerável quando, após análise, surgem fortes tendências para classificar os termos *Transnacional* ou *Transnacionalidade* no que se refere a perspectivas: laboral, estudantil, de serviços, de pessoas, familiar e de comércio.

Esta última perspectiva, a de comércio, foi a de maior atenção desta pesquisa, pois é a base da hipótese, de que se trata de uma das características da transnacionalidade menos abordada na literatura, gerando assim, uma possível lacuna quanto às categorias analíticas da terminologia, conforme observa-se em alguns levantamentos a seguir.

Serão apresentados em seguida, os quadros comparativos dos buscadores: repositório de periódicos da Capes, catálogos de Teses e Dissertações, Web of Science, Scopus, Google Scholar e Scielo, em que os termos comércio transnacionais foram citados de maneira quantitativa, para posteriormente apresentar uma análise, dentre estas citações, com filtros nas áreas das Ciências Sociais e Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas, de maneira qualitativa, para aquelas citações em que o termo de comércio transnacional tenha uma conotação não empresarial, mas que abordasse principalmente os comércio informais e os fluxos de bens e mercadorias (muitas vezes com vínculos familiares), que viriam a caracterizar a categoria proposta.

Pode-se observar que, a exemplo da análise realizada no buscador Scielo, quando do termo “Comércio Transnacional”, foram encontradas trinta e cinco referências, mas mantiveram-se somente seis após os filtros aplicados, que referendam as características citadas no parágrafo anterior, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1 – Pesquisa do termo Comércio Transnacional no buscador Scielo

Título	Disponível em:
1. Introducción Espacios Transfronterizos de Los Andes: Regímenes de regulación, acumulación y distribución entre el Estado y los grupos Aymara y Quechua.	https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-26812021000300249&lang=pt
2. Tres movibilidades para una ruta. Espacio, comercio y transnacionalidad boliviana en Tarapacá.	https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-10432016000200011&lang=pt
3. Comércio informal, transfronteiriço e transnacional: que articulações? Estudo de caso no mercado de S. Pedro (Huambo) e nos mercados dos Kwanzas e Roque Santeiro (Luanda).	https://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-74442007000300004&lang=pt
4. El Movimiento Doble: actores insiders y outsiders en la emergencia de una sociedad civil transnacional en las Américas.	http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-56122006000100003&lang=pt
5. La desmercantilización de los alimentos por una regulación internacional pro-acceso.	https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-51362024000200303&lang=pt
6. Ensamblajes transnacionales de la colectividad boliviana en Buenos Aires	https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-26812021000300337&lang=pt

Fonte: O autor da pesquisa, 2025.

Similarmente ocorre ao observar a análise realizada no catálogo de teses e dissertações da Capes, utilizando este mesmo termo “Comércio Transnacional” em que foram encontradas oitenta e nove teses e dissertações, porém somente duas que caracterizam os comércios informais e transnacionais, conforme o quadro a seguir.

Quadro 2 – Pesquisa do termo Comércio Transnacional no catálogo de teses e dissertações da Capes

Título	Disponível em:
1. Aqui parece a minha terra": Vivências de comerciantes senegaleses em Salvador.	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11335362
2. Outras globalizações: as “rabidantes” cabo-verdianas e o comércio popular transnacional entre as cidades de Fortaleza (CE) e Praia (Cabo Verde).	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9880589

Fonte: O autor da pesquisa, 2025.

O mesmo ocorreu, quando da análise realizada no portal de periódicos da Capes, utilizando o termo “Comércio Transnacional”, foram encontrados apenas dois artigos que corroboram com esta tese, dos trinta analisados e filtrados pela ferramenta de busca.

Quadro 3 – Pesquisa do termo Comércio Transnacional no portal de Periódicos da CAPES

Título	Disponível em:
1. Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde.	https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2784302051
2. Mundo do comércio, um mundo das mulheres: Pensando práticas comerciais em Mindelo, Cabo Verde.	https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W2953632682

Fonte: O autor da pesquisa, 2025.

Cada uma destas citações, assim mesmo como de outras plataformas de busca, estão sendo analisadas ao longo da tese, para observar os pontos de concordância e inflexão e buscar trazer assim, um mapa comparativo da literatura registrada quanto aos termos, mas principalmente quanto às possíveis lacunas da categoria dos comércios transnacionais.

8. IDENTIDADE, CAPITAL SOCIAL E EMPREENDEDORISMO IMIGRANTE

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em diversos locais e em diferentes momentos, nos quais foi possível conhecer, mediante observações nos diversos espaços de convívio de famílias bolivianas, seja na cidade de São Paulo, foco principal desta pesquisa, ou nas cidades de origem dos imigrantes, as mesmas pelas quais ocorrem os fluxos de bens e mercadorias, elementos essenciais para compreensão do fenômeno da transnacionalidade comercial, cuja hipótese busca ser demonstrada neste estudo. Assim mesmo em cidades fronteiriças entre Brasil e Bolívia, cujo propósito foi descrever de que maneira acontecem os traslados destes bens e mercadorias, como capital social de valores econômicos, mas principalmente simbólicos e emocionais.

Por outro aspecto, compreendeu também a pesquisa várias etapas e momentos, em que se desenvolvem as entrevistas, as conversas descontraídas, estas para a familiarização com os entrevistados, mas principalmente a observação do pesquisador, nos diversos ambientes de convívio, trabalho e desenvolvimento da vida cotidiana dos imigrantes, em condição de comerciantes e/ou empreendedores imigrantes, para descrever a sua trajetória, especialmente no intuito de compreender como se manifesta o fenômeno social da transnacionalidade familiar, e neste caso de comércio.

A realização do doutorado e da tese ocorreu alguns anos depois do mestrado, época em que também foi realizada pesquisa empírica, junto a bolivianos em São Paulo, mas daquela feita com foco nas condições de precarização do trabalho, principalmente em oficinas de costura. Naquele momento, foi possível perceber um outro aspecto da realidade dos imigrantes bolivianos em São Paulo, aqueles que haviam iniciado estabelecimentos comerciais e de serviços como meio de seu sustento.

Este fenômeno causou curiosidade, ao perceber-se a quantidade, variedade e importância que estes estabelecimentos comerciais significavam para a cidade de São Paulo, especialmente nos bairros em que se constituem comunidades bolivianas, cuja força ocorre na manutenção dos vínculos com a sua terra natal, pelas atividades culturais, pelo meio social e pelo fluxo de bens e mercadorias oriundas do seu país, com significados identitários que se traduzem em capital social. (Portes, 2000).

Para Souchaud (2010), a realidade dos imigrantes bolivianos em São Paulo compreende vários aspectos do cotidiano deste grupo: tem-se a sua condição de imigrante, seus direitos, suas atividades e, principalmente, suas condições de trabalho, com ênfase na indústria da

confeção, levando em conta ainda a sua inserção na cidade, suas particularidades e manifestações culturais.

A pesquisa *in lócus* ocorreu assim, primeiramente no retorno do pesquisador à cidade de São Paulo, no mês de julho de 2022, com o levantamento de dezessete estabelecimentos comerciais e de serviços, nos quais foram entrevistados os proprietários ou um de seus colaboradores (geralmente membros da família). Tudo para compreender o processo migratório, o tempo de residência no Brasil, as dificuldades vividas, a ideia do comércio, sua situação socioeconômica atual, seus vínculos transnacionais e outros elementos importantes, percebidos pelo pesquisador, enfim, as práticas sociais, laborais e culturais.

A seguir os relatos dos entrevistados, para os quais utilizou-se um roteiro de perguntas semiestruturado, com a participação direta do pesquisador, ao desenvolver uma certa intimidade com os entrevistados, pelo convívio e ambientação no local, seja pelo consumo dos alimentos ou compras de produtos ofertados pelos entrevistados.

Importante observar que uma das características mais relevantes deste estudo, percebidas nas entrevistas e na observação participante, é como essas famílias não apenas estabelecem negócios, mas também criam um espaço cultural e identitário significativo para a comunidade boliviana em São Paulo.

A maioria dessas famílias, doze das entrevistadas, está aqui há mais de dez anos, e, além de trazer produtos da Bolívia, elas desempenham um papel vital na manutenção das tradições culturais. Grande parte das mercadorias parte de cidades como La Paz, Cochabamba e Santa Cruz. As famílias organizam o envio de produtos como alimentos típicos, roupas e artesanato. Essas mercadorias seguem um fluxo terrestre, atravessando a fronteira entre a Bolívia e o Brasil.

Geralmente, um membro das famílias é que atua como intermediário, coordena a compra e o envio. Eles utilizam transportes coletivos que fazem o trajeto até São Paulo. O tempo de viagem varia, mas costuma levar entre cinco e sete dias, conforme relato de sete famílias que utilizam este trajeto. As mercadorias têm seu maior fluxo pela rodovia BR-262, passando por cidades como Corumbá e Campo Grande.

Os produtos não são apenas bens comerciais, eles têm um valor simbólico. Por exemplo, a venda de comida típica, como *salteñas* e *anticuchos*, não só gera renda, mas também cria um espaço de encontro para a comunidade. Esses alimentos trazem memórias e tradições da Bolívia, fortalecendo a identidade cultural. Neste sentido, as mercadorias se tornam um elo entre os dois países.

Uma dessas famílias entrevistadas é a família Mamani, que veio de La Paz. Eles recebem produtos a cada três meses. O patriarca, Don Miguel, é o proprietário, mas seu sobrinho, que vive entre a Bolívia e o Brasil, é quem organiza tudo. Comenta ele que mesmo vivendo aqui, ele sempre se sente conectado à sua terra natal. As *salteñas* que eles vendem são feitas com uma receita da avó dele, e isso atrai muitos clientes que desejam sentir um pedaço da Bolívia.

8.1. Espaços de Expressão, Identidade e Cultura

Dentre os produtos mais comercializados estão os alimentícios, sendo estes vendidos em datas e locais específicos, como nas feiras, eventos socioculturais, datas comemorativas, festividades e festas pátrias e religiosas. Ocorrem festivais em bairros específicos da cidade de São Paulo, como o Brás, Pari, Bom Retiro e a Zona Norte, principalmente Vila Guilherme, Vila Medeiros e Vila Mariana. São, inclusive em locais tradicionais de festividade latino-americana na grande metrópole, como é o caso da Avenida Paulista e o MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand e o Memorial da América Latina, espaços de expressão cultural e social de muitos imigrantes no Brasil.

De acordo com o portal de notícias Diário da Zona Norte (2024), em São Paulo, várias apresentações culturais bolivianas celebram a rica tradição do país, com destaque para a Praça Kantuta, um importante ponto de encontro da comunidade boliviana. Eventos como o Carnaval Boliviano, a festa de *Alasitas* e o "Fé & Cultura" apresentam danças folclóricas, música, gastronomia e artesanato típicos, promovendo a integração e o intercâmbio cultural entre a comunidade boliviana e a cidade.

Dentre as apresentações culturais, destacam-se dentre as danças os grupos como o *Caporales San Simón* filial São Paulo Brasil, o Ballet Folclórico Boliviano e a agrupação *Salay Tiraque* SP, entre outros, que apresentam danças tradicionais como *Caporales*, *Tinku*, *Diablada* e *Salay*, com trajes e músicas vibrantes.

Outros eventos que já fazem parte do calendário cultural da cidade de São Paulo, no que se refere aos imigrantes bolivianos é o dia da pátria, comemorado no seis de agosto, as festividades são marcadas por manifestações de música, dança, gastronomia e lazer nos diversos espaços geográficos da capital paulista, denotando a forte presença destes imigrantes que, com suas cores, trajes e instrumentos típicos se apresentam “orgulhosos de suas raízes”, em meio aos moradores locais, bem como outros imigrantes, na maioria latino-americanos.

Assim destaca o Diário Zona Norte (2022), na sua portada: “Os bolivianos tomam a Praça Heróis da FEB e comemoram a independência do país”, com uma intensa programação,

com apresentações de diversos grupos folclóricos representativos de regiões da Bolívia e com descendentes de imigrantes em São Paulo. Ao lado, muito artesanato e o lado bom da gastronomia boliviana, conforme ilustram as imagens abaixo.

Figura 2 – Imagens das festas pátrias da Bolívia em São Paulo



Fonte: Diário Zona Norte, 2022.

As apresentações culturais dependem em sua maioria da produção local de trajes típicos, mas com matérias primas que são trazidas da Bolívia, na sua maioria pelos comerciantes locais, assim mesmo os instrumentos musicais típicos dos países Andinos e, como nunca faltam em suas festividades, comidas e bebidas oriundas de seu querido país.

Charango, zampoña, bombo, quena... nos ritmos da morenada, tinku, diablada, caporales... com muita alegria e danças! Santana vira território boliviano, neste sábado (06/08/2022), na Praça Heróis da FEB, ao lado do Campo de Marte, em Santana. É a 14ª Festa Fé e Cultura da Bolívia, em comemoração aos 197 anos da Independência do país vizinho. (DIÁRIO ZONA NORTE, 2022).

Outro ponto importante dos redutos culturais de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, são as festividades religiosas. “Na fé, a devoção às virgens de *Copacabana*, *Urcupiña* e do *Socavón*, que unem a maior comunidade de imigrantes do Brasil, entre as 70 diferentes nacionalidades. [...] mais de 100 mil bolivianos vivem em São Paulo”. (DIÁRIO ZONA NORTE, 2022).

O folclore boliviano, declarado há mais de dez anos como patrimônio oral e imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), da Organização das Nações Unidas (ONU), expressa em suas multifacetadas manifestações, alegria contagiante, com amostra de cores vibrantes nas vestimentas e nas

danças, ritmos frenéticos com os diversos estilos, sempre acompanhados com os instrumentos andinos.

Parte importante destes elementos culturais, que fazem parte há muito tempo das atividades não apenas dos imigrantes bolivianos, mas de muitos cidadãos locais da cidade de São Paulo, são as organizações sociais e culturais de grupos bolivianos que se estruturam em associações, grupos e fraternidades de dança, dentre outros.

Desta forma os imigrantes bolivianos se integram numa série de atividades festivas, entre ensaios e apresentações, a partir dos ciclos de atividades religiosas, festas nacionais e calendários de eventos marcados pela sua presença massiva. A exemplo do que relata De Souza Mendes (2021).

Eles se inserem, seja como fraternos, músicos ou como público, no entremeado de celebrações que preenchem os calendários festivos das fraternidades folclóricas e que se movem pelo tempo e pelo espaço da metrópole em regimes, fluxos e formas diferentes das usuais, como o movimento de trabalhadores das oficinas de costura ou do comércio informal, ou em direção aos espaços de lazer, como parques e praças. Essas festas existem em paralelo a outro ciclo, que tem início para todas elas em a cada mês de janeiro e dura até agosto. Ele é gerido pela Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB), entidade política criada há uma década e meia para organizar as demandas desses conjuntos e representá-las em articulações com outros atores, como o Estado. (DE SOUZA MENDES, 2021, p. 90).

Afirma de Souza Mendes (2021), que é comum que as fraternidades se encontrem, no tempo e no espaço, entre seus distintos ciclos festivos. “Acontece em datas que tendem a mobilizar a “comunidade” boliviana, como a própria festa religiosa do *Chijipata*, o Carnaval, os eventos que antecedem a entrada da Fé e Cultura ou os aniversários de fundação dos próprios conjuntos ou dos seus blocos, caso das morenadas”. (DE SOUZA MENDES, 2021, p. 92).

Novamente observa-se nestas festividades todo um movimento social e cultural de pessoas, bens, objetos e mercadorias, que transitam fisicamente entre fronteiras reais e, ao mesmo tempo no imaginário dos imigrantes, pois remetem a diversas percepções temporais e atemporais, da cultura, da vivência, de suas raízes, agora também com seus descendentes, a maioria já nascidos no Brasil, mas que levam em suas origens todos estes elementos culturais, mesmo alguns deles, sem nunca terem ido na Bolívia.

Assim firma ainda de Souza Mendes (2021), quanto à trajetória logística de objetos e pessoas para atender e configurar todas estas festividades na capital paulista.

[...] tão relevante quanto, é notar que toda essa mobilidade das fraternidades bolivianas não acontece sem que uma miríade de **objetos³, ideias, imagens, narrativas e capitais também se insira em fluxos diversos, em diferentes regimes e por distintos espaços,**

³ Grifos do autor da tese, (2025).

sempre respondendo às demandas propriamente festivas. Mesmo as escalas em que eles circulam são amplas: **vão dos trajes das cholas e dos morenos, produzidos em La Paz**, na Bolívia, com **tecidos importados da China**, e **levados ao Brasil cruzando fronteiras terrestres e aéreas nas mãos de viajantes** contratados especialmente para o serviço, até a produção e distribuição de convites digitais que, nas vésperas dos eventos, circulam intensamente por redes sociais, aplicativos de mensagens e veículos de uma imprensa dedicada à comunidade boliviana. (DE SOUZA MENDES, 2021, p. 94).

Ao mesmo tempo, o fluxo ocorre não somente pelos objetos, mas também por um novo perfil de imigrante, o que está em frequente trânsito, já caracterizado anteriormente na literatura desta tese, e que se confirma e configura como um novo elemento, diferente e típico da globalização nestes últimos tempos.

Também podem ser as **viagens dos instrumentos musicais** que, acompanhados dos **seus músicos**, chegam à cidade vindos de países como a Argentina, o Peru, o México e a própria Bolívia para apresentações únicas nas celebrações religiosas ou cívicas, ou então dos **adereços, decorações, as comensalidades e até mesmo os objetos devocionais** que devem obrigatoriamente marcar presença nas festividades, como as imagens das virgens marianas, que em muitos **casos “migram” provisoriamente de suas capelas bolivianas** por meio de prestes que, alçando todo o **capital de rede** que possuem (Urry, 2013), fazem com que elas cheguem até os locais onde serão devidamente homenageadas por seus fiéis. (DE SOUZA MENDES, 2021, p. 94).

Outro aspecto importante que caracteriza o fenômeno das migrações contemporâneas é a ocupação dos espaços, marcados por uma territorialidade no espaço e imaginário de imigrantes, que no caso de muitos, mesmo em situações de precariedade laboral, ainda assim expressam mediante a cultura a alegria e de certa forma o orgulho de ocupar locais que antigamente seriam restritos apenas aos moradores locais, o que exemplifica de Souza Mendes (2021), no texto a seguir.

[...] não é à toa que, uma vez organizadas, essas festas são narradas pelos seus protagonistas como “a ocupação de novos espaços da cidade” ou, no caso da Avenida Paulista, do - orgulho em chegar ao lugar mais importante de São Paulo - como constam em postagens nas redes sociais ou em narrativas feitas em campo. (DE SOUZA MENDES, 2021, p. 106).

Da mesma forma, surge, como relatado na análise teórica da tese, importante elemento, também característico das migrações contemporâneas, que é o imigrante em trânsito, figura esta normalmente mais jovem, que se movimenta entre seu país de origem e o de migração em frequente deslocamento, não desenvolvendo assim, a mesma percepção identitária do imigrante anterior, que busca a sua permanência e firmação no país de destino, neste caso o Brasil, conforme relata também de Souza Mendes (2021).

Essa conquista do espaço urbano parece ocorrer, na verdade, entre os mais jovens, que preenchem as fileiras dos *caporales* e dos *tinkus*. Em seus fluxos pela cidade se destacam vários pontos fora daquele eixo de concentração boliviana – a maioria das vezes para desfiles esporádicos contratados, mas também para confraternizações e eventos. Esses são, porém, os primeiros indícios de uma pesquisa que, assim como os ciclos de festas boliviano em São Paulo, não se esgota: apesar de poucos e de determinados pela idade e pela posição social dos fraternos, a tendência é que seja cada vez mais comum se deparar com danças folclóricas em diferentes espaços da cidade onde, até alguns anos atrás, não seriam experimentados dessa forma. (DE SOUZA MENDES, 2021, p. 106).

Um dos pontos de maior percepção é a ocupação clara de dois espaços na cidade de São Paulo pelos migrantes bolivianos, como é o caso da rua Coimbra, no bairro do Brás, e a feira Kantuta no Pari, que leva o nome de uma flor típica da fauna boliviana e é um dos símbolos pátrios desta nação. Fica notório na rua Coimbra a ocupação dos comércios, dos espaços utilizados pelos ambulantes, das calçadas e das casas. Esta ocupação se estende a outras ruas próximas que têm vitalidade nos comércios de roupas e afins.

O curioso é que não é possível identificar nestes setores, ao menos não sem adentrar as oficinas de costura, um clima de exploração trabalhista; ao contrário, o que se vê são comércios abarrotados de mercadorias importadas do país vizinho (não se sabe se legalmente), produtos e serviços amplamente ofertados, restaurantes, lanchonetes, confeitarias, centros de chamadas internacionais e inumerável quantidade de transeuntes estrangeiros se deslocando e ocupando os seus espaços urbanos, como se estivessem na própria Bolívia.

Foi em todos estes espaços que a pesquisa teve o seu desenvolver de entrevistas, conversas informais e observação participante, que permitiram extrair dos imigrantes as suas histórias de vida, percepções do “mundo” e do ambiente em que hoje estão inseridos, bem como o significado que para eles tem cada objeto, alimento, bem e mercadorias, como símbolos de sua cultura e do relacionamento fortemente presente em torno deles, criando no seu imaginário popular, ambientes e espaços físicos, nos quais é possível reproduzir a sua terra natal e fortalecendo assim seus laços transnacionais.

Ao mesmo tempo, é importante observar que muitos dos descendentes dos primeiros imigrantes, seja da segunda ou da terceira geração dos que chegaram ao Brasil entre as décadas de 70 e 80, têm suas vidas totalmente estruturadas na capital paulista, indo com pouca frequência à Bolívia, e sem muitas expectativas de retorno, pois foi no Brasil que estabeleceram as suas vidas, uma vez ultrapassadas as dificuldades migratórias, de documentação, precariedade de trabalho e nacionalidade brasileira.

8.2 Empreendedorismo imigrante

Ao observar estes novos espaços ocupados pelos imigrantes bolivianos, não pode-se deixar de levar em consideração que diversas outras culturas de imigração ao Brasil, encontraram nos comércios possibilidades de subsistências e porque não dizer de geração de riqueza, como é o caso dos italianos, principalmente em bairros como o Brás, Mooca e Belenzinho, que abrigaram as primeiras vilas operárias para os imigrantes, além de áreas como o Bixiga (Bela Vista), que se tornou um reduto da comunidade italiana na cidade.

Da mesma forma, os imigrantes libaneses estabeleceram seus comércios, inicialmente, na região da Rua 25 de Março, no centro da cidade. Essa área, conhecida por seu comércio popular, oferecia aluguel mais acessível e proximidade com linhas de trem, facilitando o recebimento de mercadorias. Posteriormente, outros bairros como o Brás também se tornaram importantes centros comerciais para a comunidade árabe, incluindo libaneses

Não se pode deixar de citar os imigrantes japoneses, a maior comunidade fora do Japão, no bairro da Liberdade, no centro da cidade. A região se tornou um importante centro cultural e comercial da comunidade japonesa. Posteriormente, outros bairros como Paraíso, também passaram a ter uma concentração de comércios e restaurantes japoneses, impulsionada pela presença de executivos e descendentes na região.

Neste sentido, hoje são os bolivianos que ocupam bairros como o Brás e o Pari, além do Bom Retiro, e demonstram uma certa mudança ou um avanço, no que corresponde com o discurso dos entrevistados, na questão da liberdade de ir e vir, de poder estabelecer um contrato comercial, de possuir uma pessoa jurídica, de adquirir bens móveis e imóveis, de locar e ser locatário de estabelecimentos residenciais e comerciais e de diversas outras atividades que não poderiam ser realizadas anteriormente por grande parte deles estarem em condições análogas às de escravo.

Prova disto é que atualmente a comunidade boliviana é a que mais apresentou, conforme citado anteriormente, segundo os dados do IBGE (2022), o maior número de Microempreendedores Individuais entre estrangeiros no Brasil, correspondendo a 14,9% dos MEIs estrangeiros no país, com mais de 12,7 mil pessoas. Este dado somado a outras políticas de fomento ao empreendedorismo e a abertura de novos negócios, tem aportado para que a comunidade boliviana se torne uma forte expoente comercial na cidade de São Paulo.

Divulga o site Bolívia Cultural na sua publicação de dez de junho de 2025, na sua portada: “Oficina no Brás orienta sobre formalização e acesso a crédito, com destaque para o protagonismo feminino na quebra de ciclos de violência econômica”, cujo editorial comenta o

fato de 16 empreendedores imigrantes participarem de oficina “comece a planejar a formalização do seu negócio”, com maioria feminina na área de confecções, oferecida em parceria com o SEBRAE-SP (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

A forte presença feminina no evento destacou um movimento maior: o empreendedorismo como via de escape para as mulheres imigrantes que buscam independência econômica. Segundo organizadores, a iniciativa é também uma resposta à violência patrimonial, realidade que atinge muitas delas, seja por dependência de parceiros abusivos ou por exploração no trabalho informal. (BOLÍVIA CULTURAL, 2025).

Os espaços que servem de apoio para estes tipos de atividades são fundamentais nas parcerias para o desenvolvimento de capacitação e informação aos imigrantes, como é o caso do Centro do Imigrante, como ponto de apoio jurídico e social, que reforça, segundo o sítio Bolívia Cultural (2025), o compromisso de ampliar parcerias para oferecer mentorias personalizadas, à exemplo destas capacitações técnicas e de inclusão financeira, em conjunto com o SEBRAE-SP.

8.3 Histórias de vida de famílias e comércios transnacionais

Os laços familiares e comerciais transcendem o aspecto econômico. Diversas outras dificuldades se apresentam ao longo das trajetórias narradas pelos entrevistados, como é o caso da logística e a forma como eles lidam com os desafios de transporte.

Os comerciantes bolivianos em São Paulo enfrentam grandes desafios, como a passagem na fronteira e os custos de transporte. No entanto, foi possível observar durante a pesquisa em campo, que eles desenvolveram uma rede de confiança com alguns amigos motoristas, transportadoras e principalmente pessoas de confiança (muitos deles os próprios familiares), que atuam em regiões de fronteira. Algumas famílias até formam grupos para dividir custos e garantir que as mercadorias cheguem em segurança.

De acordo com relato do sr. Quispe, nos últimos anos, notou um aumento das redes de cooperação para solucionar parte das questões logísticas no fluxo dos bens e mercadorias oriundos da Bolívia. Assim mesmo, percebe-se no seu relato um aumento no uso de redes sociais para promover seus produtos. “Isso ajudou a expandir o alcance e a conectar-se com uma nova geração de bolivianos que vivem em São Paulo. Eles estão criando uma identidade mais forte, que mescla tradições bolivianas com a vida na cidade”. Este é um exemplo claro de como a migração e o comércio moldam identidades culturais.

As entrevistas foram conduzidas em um formato semiestruturado de questões, permitindo que se explorassem tópicos específicos, enquanto também deixavam espaço para que os entrevistados compartilhassem suas histórias pessoais. As conversas ocorreram em locais e ambientes familiares para as famílias, como seus estabelecimentos comerciais ou em residências, criando um ambiente confortável e acolhedor.

8.3.1 Família Mamani

A família Mamani chegou ao Brasil em meados da década de 90 e se estabeleceram no bairro do Brás, trabalhando inicialmente em oficinas de confecções para donos coreanos. No entanto após o nascimento do segundo filho, decidiram empreender, por compreenderem que seria uma possibilidade de melhora de vida, frente à forte precarização trabalhista imposta a ele e sua esposa, que chegou seis meses após. Estabeleceram assim sua primeira lanchonete (mais um quiosque, como ele menciona), e hoje virou um já conhecido restaurante de comida típica boliviana.

Don Miguel Mamani, o patriarca da família, é um exemplo de como a gastronomia pode servir como um elo cultural. Durante a entrevista, ele compartilhou que, ao abrir seu restaurante, seu objetivo era oferecer um "pedaço da Bolívia" para os bolivianos que vivem em São Paulo.

Ele contou que a receita das *salteñas* vem de sua avó, e cada mordida é uma viagem de volta à sua terra natal. Atualmente don Miguel, acompanhado de um dos seus filhos, visita a sua terra natal com maior frequência, fazendo um deslocamento sempre que possível, às vezes para acompanhar as mercadorias que traz para o Brasil, inclusive para comercializar com outros donos de restaurantes também. Isto ocorre, segundo ele, entre duas a três vezes ao ano.

As matérias primas para as *salteñas*, a exemplo do *aji* (uma pimenta tradicional e que dá o sabor característico do salgado, muito consumida nos países andinos), bem como outros produtos alimentícios são enviados a cada três meses, saindo de La Paz e Cochabamba. Um sobrinho de Don Miguel organiza a compra com fornecedores locais, com a ajuda de um amigo, e utiliza uma transportadora confiável até a fronteira.

Em Puerto Quijarro ele junto com um comerciante local que se encarrega de fazer o transpasse das mercadorias até o lado brasileiro, em poucas quantidades, com transporte próprio ou táxis locais, para posteriormente despachar em ônibus interestaduais, que fazem o trajeto pela BR-262. O tempo de entrega é geralmente de cinco dias.

8.3.2 Família Quispe

Localizado na 25 de Março, a família Quispe possui um comércio na afamada rua de São Paulo, frequentada por um incontável número de pessoas, com uma loja de roupas e acessórios bolivianos

A família Quispe é composta por três irmãos que decidiram abrir uma loja de roupas típicas e acessórios. Durante a entrevista, eles revelaram que a loja não é apenas um negócio, mas um espaço de encontro para a comunidade. Eles organizam eventos culturais, como danças e celebrações, que atraem tanto bolivianos quanto brasileiros.

Além do comércio, a família Quispe oferece serviços de costura, ajustando roupas tradicionais para eventos especiais. Eles mencionaram que isso ajuda a fortalecer a identidade cultural entre os jovens bolivianos, que participam de uma vida ativa de eventos paulistas, bem como das festas organizadas pela comunidade boliviana em São Paulo, nas principais festividades religiosas, pátrias e culturais, do calendário boliviano. São as duas esposas dos filhos e as filhas dos casais que fornecem a mão de obra para as costuras.

O mais velho dos irmãos e ainda solteiro, dedicou-se a conhecer e aperfeiçoar as técnicas de costura, pelas incontáveis horas em que passou trabalhando para outros imigrantes nas oficinas de costura, em condições de precariedade laboral, mas hoje, com certo orgulho, comenta: *“no podía más ver a mi familia sufrir, como lo hicieron mis hermanos mayores, por eso quise estudiar más sobre cómo podríamos tener un puesto de ventas aquí en esta calle 25 de marzo, que es tan frecuentada, y hoy eso nos mantiene económicamente, mucho mejor que antes”*.

8.3.3 Família Salazar

A família Salazar, composta pelo casal Gerardo e Rosa e dois filhos, um deles já casado e o outro em idade escolar, vieram para o Brasil ainda crianças, sendo a primeira geração de brasileiros, filhos de imigrantes bolivianos e que acabaram herdando o negócio do já falecido pai do senhor Gerardo, seu António Salazar. O mercado de produtos alimentícios hoje é o principal meio de sustento para a família, localizada no bairro do Pari.

A família Salazar se tornou bastante conhecida por seu mercado que abastece a comunidade com produtos típicos da Bolívia, como quinua, chicha e outros alimentos. Durante a entrevista, Dona Rosa Salazar explicou que muitos dos produtos são enviados diretamente de

Santa Cruz. Ela enfatizou a importância de manter a qualidade e a autenticidade dos produtos, pois isso ajuda a preservar as tradições culinárias bolivianas.

As mercadorias são enviadas por um grupo de agricultores na cidade de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, coordenado o seu transporte por um grupo de agentes informais que, mediante um contato na fronteira conseguem distribuir seus produtos em São Paulo e nas cidades fronteiriças do Estado de Mato Grosso do Sul, buscando assim garantir que os produtos cheguem com pouco tempo de viagem (entre três e cinco), para permitir que cheguem frescos e aptos para consumo. Não foi possível, por questões de preservação dos contatos, que a família promova maiores informações quanto a este grupo.

8.3.4 Família Flores

Os Flores optaram, após oito anos de trabalho em oficinas de costura, por empreender em um ramo que não lhes era familiar, mas no qual viram a possibilidade de ganhos, após uma festividade realizada no bairro em que moram, o Pari, ao perceberem que não havia ali um serviço de salão de beleza tipicamente boliviano, para fazer os penteados das mulheres que dançam, da mesma forma como são feitos na Bolívia.

Após esta constatação a mãe e a filha mais velha, dentre os cinco irmãos, dois deles nascidos no Brasil, resolveram fazer um curso no Senac, enquanto o pai buscava meios de iniciar o negócio com a locação de um ambiente que atendesse a necessidade, mas de baixo custo, para o início das atividades. A isto se passaram oito meses, para poderem atender as primeiras clientes, na festividade do Senhor de Maio, tradicional festa religiosa da Bolívia e que, em São Paulo ocorre nos arredores da praça Kantuta, no Bairro do Pari.

Atualmente, três anos após a inauguração do negócio, ampliaram a sua rede de clientes, não apenas para atender às festividades, mas incrementaram uma série de serviços, incluindo de estética básica, como maquiagem, unhas e depilação, para a cada vez mais crescente comunidade boliviana em São Paulo.

Durante a entrevista, a mãe e filha mais velha compartilharam que seu salão é um espaço seguro onde as mulheres podem se reunir, conversar e compartilhar experiências. Elas também realizam pequenos cursos sobre cuidados pessoais e beleza, promovendo a autoestima entre as clientes. Outro ponto que chama a atenção é que, como mencionou a família Flores, muitas de suas clientes vêm de diferentes partes da Bolívia e que o salão se tornou um ponto de referência para a comunidade. Elas utilizam produtos de beleza que são enviados da Bolívia, garantindo que suas clientes tenham acesso a itens que fazem parte de sua cultura, principalmente no que

diz respeito a produtos de beleza capilar e extensões de cabelo, as famosas tranças que as “*cholitas*” utilizam junto aos seus trajes típicos, nas festividades.

8.3.5 Família Ticona

A família Ticona se dedica à venda de artesanato boliviano, como cerâmicas, têxteis e joias. Durante a entrevista, eles relataram que a maioria dos produtos é feita por artesãos em sua cidade natal, Potosí. Eles organizam exposições em feiras de artesanato, promovendo a cultura boliviana e ajudando a conectar os artesãos com o mercado de São Paulo.

As mercadorias são enviadas duas vezes por ano, e o processo de transporte pode levar até vinte dias. A família é composta por dois irmãos, com as suas respectivas esposas, um com três e o outro com quatro filhos, dentre os quais, dois deles já aprenderam o ofício dos pais, que desde muito jovens, na cidade de Potosí, aprenderam a trabalhar o metal, a cerâmica e a lã junto aos seus pais, mas em total estado de precariedade.

Foi aqui no Brasil que viram uma oportunidade, não somente de um meio de sustento, após trabalharem durante mais de cinco anos em oficinas de costura, mas também de ajudar os seus familiares na Bolívia, que passaram muitas dificuldades, principalmente durante a pandemia da Covid-19 e pela difícil situação econômica que o país passa até hoje.

“ha sido realmente una gran bendición poder tener nuestro negocio aquí en São Paulo, he podido criar a mis hijitos, dándoles lo necesario para que hoy puedan estudiar en alguna facultad y que puedan tener una vida más digna. Con nuestro negocio también podemos ayudar a mi papá y mis dos hermanas que se quedaron em Potosí, a que nos manden joyitas premoldeadas y gran parte de la materia prima que necesitamos”.

A família Ticona não apenas comercializa seus produtos nas diversas feiras que existem pela cidade de São Paulo, mas também as fabrica, ou dá acabamento às peças que chegam da Bolívia, isto permite que o lucro fique apenas entre a família, sem a necessidade de intermediários. Os custos de transporte são divididos junto à família que ficou na Bolívia, sendo a responsabilidade destes até a fronteira, em Puerto Quijarro, e a parte de travessia e o restante do trajeto até São Paulo, pela família que mora aqui no Brasil.

Quando perguntados sobre a frequência em que vão para a Bolívia, comentaram os entrevistados que atualmente, somente nas férias, ou para acompanhar algum carregamento importante ou com alto valor agregado, em que seja necessária à sua ida. Isto ocorre uma ou duas vezes por ano e geralmente vai parte da família, pois a outra precisa continuar cuidando do negócio.

8.3.6 Família Rojas

Os Rojas, família composta por um casal de bolivianos e dois filhos, já nascidos em São Paulo, de oito e doze anos, respectivamente, estão no Brasil há quatorze anos. Ao chegarem, se estabeleceram inicialmente em Guarulhos, para trabalhar como costureiros, com o primo e sua esposa, numa pequena oficina de costura. Comentou a mãe que a forte valorização da cultura boliviana e sua frequente participação em eventos folclóricos, os fez perceber a possibilidade de terem um próprio negócio.

Ao se mudarem para o bairro do Brás, na capital Paulista, observaram um possível espaço compartilhado com outras famílias bolivianas, no qual poderiam iniciar a fabricar seus próprios produtos e assim não depender de trabalhar para terceiros, mas que estes sendo primos, e pelos quais, destacaram que tem muito agradecimento, ainda assim o dinheiro que sobrava era pouco. Começaram vendendo as suas roupas e artesanatos nas diversas feiras que ocorrem na capital, mas hoje, além da fabricação própria, possuem também uma barraca na Feira da Kantuta, onde vendem seus produtos.

Especialistas em roupas típicas como *polleras*, *ponchos* e acessórios artesanais, utilizam tecidos oriundos da Bolívia e técnicas tradicionais de costura, oferecendo produtos autênticos que atraem tanto bolivianos quanto brasileiros. Quanto à sua trajetória, o casal deixou o restante da família em La Paz, em busca de melhores oportunidades.

Comentam ainda que visitam com frequência a cidade de La Paz, pela facilidade com que hoje podem se locomover, como residentes com visto permanente, e pela necessidade de acompanhar as novas tendências de tecidos e cortes, nas tecelagens bolivianas em La Paz e outras cidades, para assim, segundo eles, trazerem o de mais atual no que diz respeito a moda e trajes típicos de sua terra para a comunidade boliviana em São Paulo.

8.3.7 Família Peres

A família Peres é, dentre as entrevistadas, a que menos tempo tem no Brasil, pois chegaram apenas há cinco anos, justo na pandemia da Covid-19. Com apenas um filho de três anos, nascido no Brasil, o casal chegou em São Paulo, na promessa de trabalho garantido na oficina do tio, mas infelizmente veio a falecer de covid, o que fez com que precisassem mudar suas intenções de trabalho e, sem experiência na área de costura, se viram na necessidade de pensar em outras opções.

Desta maneira o pai, com o pouco dinheiro que trouxe, comenta que pediu para um amigo do tio, que trabalha como ferragista, para montar um carrinho e comprar uma máquina descascadora de laranja, para vender nas feiras e na rua Coimbra, como ambulante. Na Bolívia são comuns os vendedores ambulantes de laranjas descascadas, pois é algo fácil, de baixo custo e que agrada à população pela facilidade de consumo, ao mesmo tempo em que é saudável, comenta o sr. Peres.

Mas para que o negócio pudesse se sustentar, precisaram esperar ao menos um ano, pois o *lockdown* imposto na época restringiu a quantidade de pessoas na rua e impediu que a sua ideia fosse adiante. Durante estes meses precisaram recorrer aos demais familiares do tio para poderem se manter no Brasil, o que foi difícil, mas não impossível, já que eram apenas um casal, ainda sem filhos.

Assim que as restrições de fluxo de pessoas nas ruas foram finalizadas, imediatamente colocaram a sua ideia em prática e, em pouco tempo, as suas laranjas começaram a fazer sucesso pelas ruas do Pari e Brás. Mas não parou por aí, nesse instante tiveram a percepção, pelo retorno dos próprios consumidores, que as frutas seriam uma excelente possibilidade de negócio. Foi assim que se juntou um recém conhecido que, em poucos meses, viria a ser seu sócio, compreendendo a possibilidade de dois negócios, a distribuição e venda de frutas frescas e uma lanchonete de sucos com frutas típicas do Brasil e da Bolívia.

O segundo negócio (da distribuição e venda de frutas), será comentado no próximo capítulo, da família Coca. Continua a relatar o sr. Peres que, após a sociedade com seu novo amigo, o sr. Coca, as possibilidades se ampliaram e ele vislumbrou neste momento um novo negócio, uma lanchonete que hoje, após alugar um pequeno espaço na rua Coimbra, virou um ponto de referência para quem quer consumir as frutas frescas no local, levar para casa, ou tomar um suco, recém preparado pela família Peres.

Sentindo procura por frutas oriundas da Bolívia, pelos residentes bolivianos em São Paulo, fez contato com um conhecido (ex-cunhado), que mora em Puerto Suarez, na Bolívia, para ver a possibilidade de que lhe enviasse algumas frutas como o *Tumbo*, o *Achachairú*, a *Granadilla*, o *Pacay* e a *Chirimoya*, esta última mais difícil de comercializar pelo breve período de durabilidade.

Assim, parte das frutas enviadas para o negócio partem da fronteira *in-natura* e parte delas congeladas em uma pequena fábrica em Puerto Quijarro, ainda na Bolívia. Não demorou muito, comenta o entrevistado, para que as suas frutas ganhassem popularidade entre a comunidade boliviana, pela sua raridade e a possibilidade de consumi-las aqui no Brasil. Consumo tanto da fruta, como da base delas congelada, para usar outros produtos como doces,

sorvetes ou em produtos de confeitaria. Foi quando despertou também uma curiosidade de brasileiros que, ao provarem os produtos, se encantaram com o sabor e a textura diferentes das frutas existentes no Brasil.

Atualmente, a sua lanchonete é uma das mais frequentadas no bairro e paralelamente teve também a possibilidade de gerar um outro negócio, que envolve outra família, a Coca.

8.3.8 Família Coca

Há doze anos e meio no Brasil, a família Coca, composta por um casal de Bolivianos, nascidos em Cochabamba que, assim como muitos outros, vieram ao Brasil atrás da possibilidade de melhoria de vida e que ao chegar se depararam com uma realidade muito cruel, a da precariedade laboral nas oficinas de costura em São Paulo. Assim, o casal decidiu buscar outras oportunidades de vida e trabalho, sem ter a possibilidade de filhos por questões de saúde da esposa.

Comenta o casal que, mesmo em meio às dificuldades, sempre procuraram participar da vida social, junto à comunidade boliviana em São Paulo, principalmente nas proximidades à Rua Coimbra, ponto de referência para a aquisição de produtos bolivianos, para “matar um pouco a saudade do nosso país”, e foi aí que perceberam uma possibilidade de negócio.

Outro acaso importante que contribuiu para a sua ideia de negócio foi o dia em que visitaram o CEAGESP - Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, e ficaram deslumbrados com a quantidade de produtos, especialmente de frutas e verduras que eram distribuídos ali, durante a madrugada. Assim, tiveram a ideia de adquirir frutas, verduras e legumes na madrugada e distribuir para os diversos restaurantes e lanchonetes existentes nos bairros em que a comunidade boliviana se concentra, a preços que sejam mais atrativos para os comerciantes locais.

Com um pouco das economias realizadas pelo casal, compraram suas primeiras frutas, legumes e verduras para, em veículo emprestado de um amigo, começarem a fazer as suas primeiras vendas, especialmente na Rua Coimbra. Foi neste momento que perceberam a necessidade de ter um veículo próprio, e após utilizarem o carro emprestado do amigo por quatro meses, conseguiram comprar um veículo seminovo, como comenta o casal como fruto de muito esforço e trabalho intenso.

Obviamente os relatos são mais amplos e cheios de detalhes, pois tratam-se de históricos de vida de cada uma das famílias entrevistadas, mas que serão transcritas aqui de maneira resumida, para tentar captar a essência do que contribui com a compreensão da questão de

pesquisa tese, por falta de tempo de pormenorizar os detalhes. Continuando o relato, comenta o casal que foi numa dessas entregas de frutas que conheceram a família Peres, e vislumbraram juntos uma possibilidade maior, a de ter um local fixo para armazenamento, tratamento e distribuição das frutas, mais próximo à sua comunidade.

Atualmente, junto com a família Peres, os Coca continuam “madrugando” para buscar seus produtos muito frescos na CEAGESP e levar para seu pequeno depósito localizado no Pari, para daí iniciarem, ainda cedo pela manhã, a entrega de seus produtos para os diversos restaurantes e lanchonetes da comunidade boliviana em São Paulo.

8.3.9 Família Tejada

Nascidos no interior do departamento de Oruro, logo cedo o casal de irmãos - há época com treze e dezesseis, hoje com 18 e 21 anos - imigraram para o Brasil junto com os pais e mais um irmão mais velho, que faleceu à causa de um latrocínio em São Paulo. A família que veio ao Brasil, composta pelo casal e os três filhos, após a morte do irmão mais velho resolveu voltar à Bolívia, ficando em São Paulo apenas os dois irmãos, trabalhando com um amigo dos pais com produtos artesanais em lã de alpaca, tapeçarias e itens de decoração.

O ofício foi apreendido junto aos amigos dos pais, durante os anos em que os pais ainda moravam no Brasil, pois sempre foram fomentados a preservar a cultura através do artesanato, e da participação em feiras e eventos culturais. Foi nestes espaços que perceberam uma oportunidade de desenvolver as suas técnicas aprendidas na entrega de itens que compõem o visual artístico dos dançarinos em diversas festividades da comunidade boliviana, bem como mantendo um posto (quiosque) nas feiras tradicionais para revender os seus artesanatos feitos à mão, combinando técnicas tradicionais bolivianas com design contemporâneo.

Atualmente os irmãos, além de criar peças originais, trabalham com o ajuste de roupas em geral, tanto para os festivais, quanto num ateliê de costura e ajustes de roupas de uso comum aberto ao público em geral.

8.3.10 Família Añez

A família Añez chegou ao Brasil em 2017 composta pelo casal e dois filhos, ambos nascidos no Brasil. Ao chegarem, o casal iniciou a sua trajetória no Brasil, trabalhando em uma pequena oficina clandestina de costura, de proprietários sul coreanos, mas com pouco tempo e

pela precariedade de trabalho, se mudaram para a zona leste, para trabalhar na oficina de uma família de bolivianos, que conheceram numa festividade.

Após mais de cinco anos trabalhando em costura, o casal percebeu uma oportunidade de abrir um pequeno negócio. Quando o pai de um deles faleceu, ficando a mãe viúva, decidiram trazê-la ao Brasil para morar como eles. Foi neste momento que, ao passear por uma das feiras tradicionais da comunidade boliviana, a sogra do Sr. Añez percebeu que havia poucas barracas de *Api*, um produto tradicional dos andes, feito à base de milho roxo e comumente consumido à noite e em dias frios, acompanhado de pasteis de queijo ou buñuelo (massa frita parecida com o pastel brasileiro).

Neste momento iniciaram contato com alguns parentes da cidade de Cochabamba, na Bolívia, para verem as possibilidades de envio deste produto para a comercialização de sua bebida típica. Paralelamente o pai de família iniciou a busca por um posto fixo na praça Kantuta, junto à Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana "Padre Bento" que é responsável pelas mais de 90 barracas e frequentada a todo domingo por mais de 3000 pessoas, segundo o site da própria associação.

Assim, surge um novo negócio que, durante a semana elaboram os produtos para serem comercializados na pequena loja no Bairro do Pari, principalmente ao final da tarde, com o seu tradicional *api*, *buñuelos*, pasteis de queijo e ainda a *chicha* (suco feito também a partir do milho roxo), e aos domingos, nos quais tem sua maior venda, na feira Kantuta.

Hoje em dia a família não traz mais a matéria prima para seus produtos, já que podem ser encontrados em alguns pontos de distribuição de bolivianos e peruanos que se encarregam desta importação, na cidade de São Paulo.

8.3.11 Família Choque

Chegados a início dos anos dois mil, a família choque, com sete membros: o casal de pais, três filhos, um sobrinho e a irmã da mulher do casal, se estabeleceram no bairro do Brás, junto a outras duas famílias vindas todas de La Paz, mais especificamente de El Alto, tendo junto com eles as famílias Huanca e Ayaviri, cujos relatos serão contados mais adiante.

A família Choque sentiu logo no início de sua chegada um ambiente de bastante dificuldades econômicas, de moradia e de muito trabalho. Eram em torno de 18 horas de trabalhos diários, incluindo a todos os membros da família, inclusive as crianças, em ambientes com muitas pessoas e pouco espaço. Ao não se contentar com a situação e, logo após terem obtido a permissão de moradia permanente no País, graças ao processo de legalização dos

imigrantes ocorrido em 2002 no governo Lula, puderam aceder não somente à documentação de legalização, mas também à abertura de contas bancárias e inclusive microcréditos. A partir deste momento o pensamento foi em abrir um negócio para todos eles.

Desta forma se inicia a sociedade composta pelas famílias Huanca, Choque e Ayaviri. Todos oriundos de La Paz, e dentre as mulheres, várias delas com dotes culinários, resolveram abrir a “Penha Los Alamos”, hoje tradicional restaurante da Zona Norte da capital paulista, cujo início se deu com um pequeno restaurante de comidas típicas da Bolívia, que atendiam principalmente aos finais de semana, mas que hoje se tornou referência gastronômica para a comunidade boliviana em São Paulo.

Dentre os pratos que são servidos no restaurante, o destaque é para as *planchitas*, chapas de ferro em que são assados carnes, linguiças bolivianas, mandioca, ovos, etc. e que são levadas à mesa no mesmo recipiente, para compartilhar, bem ao estilo de comidas de boteco no Brasil, mas com temperos e produtos bolivianos.

Comenta a dona que nos finais de semana chegam a vender mais de duzentos destes pratos, principalmente quando existe alguma atividade ou evento festivo da comunidade boliviana em São Paulo.

8.3.12 Família Huanca e Ayaviri

Estas duas famílias, compostas por casal de pais, três filhos e dois filhos, respectivamente, chegaram ao Brasil, vindos de El Alto, La Paz, e assim como a maioria tiveram seu início nas precárias condições de trabalho e renda nas oficinas de costura da capital paulista.

Assim como comentado nos parágrafos anteriores, a sociedade empresarial se deu no sentido de sair dessa precariedade laboral, encontrando em seus talentos a possibilidade de abrir um negócio alimentício, já que as duas matriarcas haviam trabalhado com alimentação no seu país natal. Todos os membros da família Huanca trabalham no restaurante, tanto na parte de alimentação, quanto no serviço às mesas e atendimento ao público.

Da mesma forma, o pai e dois filhos da família Ayaviri foram músicos na Bolívia, um deles inclusive professor em escola primária. Este talento também foi aproveitado, pois neste tipo de restaurante que abriram, denominado de *Penha* na Bolívia, tem-se o costume de almoços aos finais de semana com música ao vivo. Explica o sr. Ayaviri que:

Na Bolívia, um restaurante “peña” refere-se a um local onde se pode desfrutar de música tradicional, danças e culinária boliviana, muitas vezes com um ambiente

animado e festivo. É um espaço cultural onde a identidade boliviana é celebrada, com apresentações ao vivo de grupos folclóricos e artistas locais. O termo "peña" em si pode se referir a um grupo de amigos ou a um local de encontro informal, mas, no contexto boliviano, assume um significado mais amplo de celebração cultural.

Hoje em dia, não somente pai e filhos da família Ayaviri se apresentam no restaurante, mas diversos outros grupos convidados a cada final de semana, alguns inclusive vem da Bolívia para se apresentar neste local e em outros, trazidos por empresários e agentes locais, que veem na comunidade Boliviana uma possibilidade de ganhos, bem como de fortalecimento da identidade cultural boliviana no Brasil.

Outro projeto muito interessante da família Ayaviri é a pequena escola de música que abriram, principalmente para que filhos de imigrantes bolivianos aprendam a tocar instrumentos nativos dos andes como o *charango*, a *zampoña*, a *quena* e outros, mas que ainda se encontra em fase inicial e com poucos alunos.

8.3.13 Família Vargas

Assim como as três famílias anteriores, o ramo alimentício foi uma opção muito importante para a família Vargas, hoje uma das mais antigas a migrar da Bolívia, chegaram ainda nos anos setenta e hoje são os netos do patriarca da família que cuidam dos diversos negócios estabelecidos pelos pioneiros.

Dentre os comércios que possuem são dois restaurantes, um no Pari e um no Bom retiro, duas lanchonetes, ambas na rua Coimbra, no Brás e mais duas confeitarias, uma especializada em pães e similares e a outra especializada em bolos e tortas de aniversário. Todos os produtos alimentícios desta família remetem às tradições e costumes alimentícios da Bolívia.

Importante observar que os alimentos representam para os imigrantes uma opção a mais de conexão com sua terra natal, no sentido de além dos costumes, trazerem significados emocionais que vão além do sensorial. Comenta um dos netos da família Vargas, durante as entrevistas, que a primeira vez que foi na Bolívia ficou tão impactado com os sabores e aromas dos alimentos que, quando voltou ao Brasil sabia que os empreendimentos da família não se atinham somente ao comércio alimentício em si, mas possibilitam que o imigrante se sinta como se estivesse na sua própria terra.

Relata que as tortas de aniversário, por exemplo, continuam com os mesmos formatos e sabores de décadas atrás, permanecendo como uma tradição que não se influencia facilmente com a cultura da globalização, constantemente “bombardeada” pela “cultura ianque”. Um

exemplo disto é que o único país do mundo em que a gigante de comida *fast food* Mc. Donalds não prosperou, foi na Bolívia. Chegaram a abrir diversas franquias no país, mas todas elas fecharam, devido ao fato de que o boliviano é muito fiel às suas raízes culinárias.

8.3.14 Família Espinoza

O senhor Espinoza é figura muito conhecida no meio da comunidade boliviana em São Paulo. Ele e sua esposa chegaram ao Brasil nos anos oitenta e desde os primeiros anos de sua chegada foram importantes partícipes na cultura local e no desenvolvimento da sua comunidade. Um dos fundadores dos primeiros movimentos culturais de bolivianos em São Paulo, o senhor Espinoza, professor e advogado de formação, lutou e continua lutando pelo bem-estar dos imigrantes recém-chegados na capital, no intuito de lhes dar informações relevantes e seguras para que possam se adaptar melhor às dificuldades de todo imigrante.

Assim, abriu uma das primeiras estações de rádio que comunicam e informam à comunidade boliviana em São Paulo, quanto a atividades culturais, oportunidades de emprego, compra e venda de bens móveis e imóveis, aluguéis e informações ao imigrante, bem como assessoria jurídica para lidar com documentação e oportunidade de trabalho.

Ainda têm na família, dentre os filhos e netos, diversos atores sociais que participam de manifestações folclóricas e culturais, nas fraternidades de música e dança das festividades bolivianas em São Paulo. Partícipes ativos da organização dos eventos festivos, mas principalmente das relações junto a órgãos de governo e atores políticos, como vereadores e deputados, em favor de sua comunidade, um deles foi inclusive assessor e candidato a vereador. Mas, por motivos de necessidade de tempo para os estudos, estando hoje formado em medicina, se afastou da carreira política, comenta o senhor Espinoza.

Além da rádio, à qual se dedica até os dias de hoje, o senhor Espinoza possui diversos outros negócios, que são gerenciados pelos filhos e um neto. Dentre eles, uma oficina de mecânica automotiva, dois pequenos caminhões que fazem frete para famílias bolivianas em mudança e duas oficinas de costura localizadas em outros municípios da grande São Paulo.

8.3.15 Família Quiroga

Ainda no ramo alimentício, entrevistamos a família Quiroga, composta por quatro membros, o pai e os três filhos; a esposa/mãe faleceu há dois anos atrás, mas a família soube continuar com o negócio que a mãe iniciou. Assim como as demais famílias, chegaram no Brasil

para trabalhar nas oficinas de costura e encontraram no comércio de rua uma oportunidade para se desvincular do trabalho precário e mal remunerado.

Assim iniciaram o negócio, com a mãe à frente, enquanto o pai ainda trabalhava com costura, decidindo iniciar a venda de *salteñas*, um salgado muito tradicional da Bolívia, servido no meio da manhã, seria o equivalente às empanadas argentinas e chilenas, mas com bastante mais caldo no seu interior.

Entre uma *salteña* e outra, um dos filhos comenta durante a entrevista que o seu preparo é muito difícil, pois requer uma massa bastante homogênea para o caldo não vazar enquanto está sendo assada. Ao mesmo tempo, afirma que possui um segredo para que isto não aconteça, mas entre risadas, não quis comentar qual seria, pois revelaria o segredo. “Começamos vendendo umas 30 a 50 por dia, apenas com um carrinho na rua Coimbra, as levávamos já assadas”. Hoje possuem uma cozinha industrial, com fornos de alta potência e conseguem produzir e vender em 4 locais ao mesmo tempo algo em torno de 350 empanadas por dia, isto é, pelas manhãs, fora os pedidos nas festas de aniversário ou outras comemorações, em que famílias da comunidade boliviana encomendam para eles.

Durante a parte da tarde o filho é o responsável pelas compras e pelo controle da produção, que emprega cinco pessoas, sendo um deles brasileiro apaixonado pelas *salteñas*. Inclusive é responsável por divulgar este delicioso salgado entre os brasileiros e tem levado a iguaria para outros bairros, onde brasileiros e estrangeiros de outras nacionalidades já o apreciam durante as manhãs.

O filho do meio é o responsável por ir e vir da Bolívia, acompanhando em muitos casos o traslado das mercadorias que são necessárias para elaborar os salgados. Inclusive, aproveita para trazer também outros produtos que servem para comercializar entre a comunidade de bolivianos em São Paulo e além.

Comenta o filho que viaja frequentemente (entre três e quatro vezes ao ano), às vezes somente até a fronteira, mas que gosta mesmo de ir até Cochabamba, a terra da sua mãe e a sua própria, na qual tem ainda muitos familiares e amigos, comentando que nunca perdeu o vínculo com eles, talvez pela própria facilidade de ir e vir com frequência.

8.3.16 Família Solis⁴

Esta pequena família de mãe e filho chegou há duas décadas, mas com o pai acometido por uma doença terminal, parte da família decidiu voltar para a Bolívia, ficando os dois para trabalhar numa fábrica de roupas, enviando parte do que recebiam para ajudar a manter o restante da família e o pai doente. “Infelizmente meu pai morreu”, comenta o filho com os olhos marejados de lágrimas, “ele não conseguiu resistir à doença”. Mesmo após o falecimento, mãe e filho decidiram permanecer no Brasil e viram a possibilidade de abrir um pequeno comércio de produtos industrializados, mas que não existem no Brasil, dentre eles sopas instantâneas, temperos diversos, leite evaporado, sucos, macarrões, inclusive refrigerantes já muito conhecidos no Brasil, como a “*Inka Cola*” e inúmeros produtos que vem do Peru, Bolívia e inclusive do Chile, mas que passam via fronteira terrestre e de maneira informal.

O mercado chama-se Mercado *Pachamama*, em homenagem à “mãe terra”, uma deidade da cultura andina, especialmente reverenciada em países como Bolívia, Peru, Equador e partes do Chile e Argentina. Nele, além de encontrar praticamente tudo o necessário para preparação dos principais pratos, bebidas e sobremesas bolivianas, a família aceita também encomendas de produtos, obviamente com um prazo de espera predefinido e o preço adequado para a travessia.

Foi este aspecto que chamou bastante a atenção durante as entrevistas. Surgiu uma forte curiosidade para compreender qual o fluxo destas mercadorias, para ingressarem ao País de maneira informal. Por motivos óbvios foram suprimidos os nomes e o verdadeiro sobrenome da família, para assim não comprometer os futuros negócios, caso da publicação da tese.

As mercadorias vêm de Cochabamba, mas antes de chegarem lá elas já passaram por diversas outras fronteiras, pois é muito comum encontrar produtos industrializados do Chile e do Peru, inclusive da Argentina, sendo vendidos informalmente nas ruas da Bolívia. O trajeto desde Cochabamba segue por via terrestre em ônibus de transporte de passageiros, mas como encomenda de carga a um destinatário em fronteira, (também pediram para suprimir esta parte), auxiliados por uma pessoa que se encarrega de transpor as mercadorias até a cidade fronteira de Corumbá, em Mato Grosso do Sul, com um grupo de amigos, a um valor relativamente baixo, dado o risco.

⁴ O sobrenome original da família foi substituído por um nome fictício, a pedido do filho, para preservação do negócio.

Em seguida, essas mercadorias seguem até São Paulo por viajantes (bolivianos e brasileiros) que fazem essa travessia com certa frequência, levando a mercadoria em pequenas quantidades para não levantar suspeita. Assim, não somente eles, mas diversos outros negócios conseguem ter seus locais abastecidos.

Outro fato que chamou a atenção do pesquisador é que muitos restaurantes de origem andina em outros estados brasileiros, costumam comprar esses produtos originários de locais como os da família Solis, conforme foi comentado pelo proprietário de um restaurante em Brasília, no Distrito Federal. Estávamos em uma conversa informal, no restaurante sino-peruano em Brasília, quando o questionei sobre de onde vinha o milho tostado (chamado “cancha” no Peru), que traz o sabor característico do Ceviche peruano. Ali, percebi que o alcance dos produtos ultrapassa as fronteiras da cidade e do estado de São Paulo.

8.4 Famílias transnacionais

Ao compreender a necessidade de conhecer e descrever os fluxos pelos quais os bens e mercadorias circulam desde a Bolívia para chegar em São Paulo, bem como explicar de forma empírica como ocorre o fenômeno dos vínculos transnacionais, foi necessário levar esta pesquisa até a Bolívia.

Foi assim que, entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023, foram entrevistados, em dois locais de comercialização de alimentos na cidade de La Paz, três familiares das famílias imigrantes que residem e têm comércios transnacionais em São Paulo.

O primeiro local está localizado na cidade de El Alto, próximo a uma das maiores feiras abertas do mundo, a feira “16 de Julio”, local onde se comercializam desde alimentos até todo tipo de produto novo e usado que se possa pensar. Esta feira também recebe produtos dos países fronteiriços com a Bolívia, como Chile e Peru, assim como roupas e utensílios provenientes dos Estados Unidos, em condições de seminovos.

O espaço visitado é parecido com um Ceasa brasileiro, no qual mercadorias em grandes volumes entram e saem dos galpões, nas ruas adjacentes à feira 16 de julho. Nele, foi possível observar um alto volume de entrada e saída de mercadorias, principalmente alimentos naturais e industrializados, com destinos diversos e que abastecem todo o país e fora dele.

É curioso saber que estas mesmas mercadorias estarão em São Paulo em pouco mais de um mês e que o seu fluxo passará por diversas redes de colaboração, formais ou informais, que se tornam complexas em sua logística, mas ao mesmo tempo de fácil compreensão, pela forma em que, quase sem nenhuma burocracia ou papelada, transcorrem rodovias e atravessam

fronteiras, conforme comentado por um dos caminhoneiros, responsável pelo seu transporte até a cidade de Cochabamba.

Figura 3 – Imagens dos locais de abastecimento de alimentos em La Paz - Bolívia



Fonte: Fotos do autor, 2022.

Uma das famílias entrevistadas em La Paz foi a família Peres, que possui uma lanchonete que serve sucos e vende frutas frescas, bem como uma distribuidora de frutas, legumes e verduras que abastece parte da comunidade boliviana nos bairros do Brás, Pari e Bom Retiro. A pessoa entrevistada é prima do senhor Peres, que iniciou seu comércio em São Paulo vendendo laranjas descascadas e suco de fruta na rua Coimbra. Ela relata que ficou muito feliz ao saber que o primo estava bem e por saber que seria entrevistada por alguém que o havia conhecido em São Paulo e esteve com ele, mas não tinha compreendido muito bem o motivo da entrevista.

Comentou durante a conversa que ficou muito triste pela perda do tio, durante a covid-19, pois havia muito tempo que não o via, desde que foi para o Brasil e não pode se despedir dele. No início da conversa ficou um pouco receosa por não entender o motivo da pesquisa, mas quando foi explicada sobre o que seriam as famílias transnacionais ela compreendeu e ficou feliz em poder contribuir.

Quando motivada a comentar sobre qual o tipo de relacionamento que existe entre ela e a família do seu primo contou que ele é um dos parentes que mais a ajuda em questões econômicas, até por hoje ele estar bem melhor do que quando chegou ao Brasil. Se encontraram o ano passado na visita que ele e a esposa fizeram à Bolívia, e explicou como essas mercadorias

e algumas frutas saem de Santa Cruz e chegam até São Paulo, para abastecer o negócio do primo, via fronteira Puerto Quijarro e Corumbá. Ela foi uma das primeiras pessoas a procurar e iniciar os contatos com pessoas na fronteira que pudessem ajudar o primo com o envio das mercadorias.

Comentou também que hoje, graças às tecnologias existentes, permanecem em contato frequente, por aplicativos de vídeo chamadas e assim podem participar da vida da família na Bolívia e no Brasil, mesmo que à distância.

[...] siempre que tenemos algún cumpleaños o matrimonio nos podemos felicitar, o también en cualquier fecha especial, nos mandamos mensajes o nos llamamos para charlar un ratito. Me quedo muy feliz por verlos bien a todos mis familiares en Brasil, que están estudiando y mejorando de vida, porque aquí, como puedes ver, las cosas están bien difíciles, no hay plata y nos falta mucha cosa.

Por fim, comentou que teria o desejo de ir morar no Brasil, mas que tem muito medo e receio de deixar a avó dela, de quem cuida e convive desde criança.

Já em Cochabamba, foi possível visitar o mercado de San Carlos, localizado na zona sul da cidade, com uma infinidade de produtos naturais e industrializados que abastecem toda a cidade. Este local foi indicado por uma das famílias bolivianas entrevistadas em São Paulo, os Vargas, que sinalizaram este local como um dos mais importantes no abastecimento das famílias bolivianas em Cochabamba, por sua ampla gama de produtos alimentícios, artesanais e industrializados.

Foi possível também estar em contato com um primo e seu filho, sobrinho do senhor Vargas, que foram muito receptivos ao receber o pesquisador e contar um pouco de como são as relações com a família que mora no Brasil, concordando com as demais famílias entrevistadas no que diz respeito a haver uma facilidade muito maior do que antigamente, em relação à tecnologia existente, que possibilita um contato maior, mesmo à distância.

Quando perguntados sobre os vínculos que se mantêm entre famílias que vivem em países distintos, ambos concordaram que por ser um país mais próximo é possível visitar de vez em quando. Um deles já esteve no Brasil, em visita à família; inclusive ficou com muita vontade de se mudar para lá, mas que não tinha condições atuais de fazê-lo por ter uma família numerosa. Comentaram ainda que ajudam no que é possível quando o primo lhes pede algum produto ou mercadoria, que eles procuram enviar até a fronteira por ônibus e lá algum conhecido do primo faz o traspasso.

Por fim, quando perguntados sobre o relacionamento entre as famílias, comentaram que mesmo à distância a família do primo está sempre presente, por vídeo chamadas ou ligações, especialmente nas datas festivas, nos feriados ou datas comemorativas.

Outra pessoa entrevistada foi dona Rita, irmã de uma das matriarcas da família Añez, que tem um comércio de alimentos à base de milho roxo e pastéis ou *buñuelos* bolivianos, vendidos em feiras e festividades bolivianas na cidade de São Paulo.

Muito contente de saber que a irmã a indicou para a entrevista, mesmo que bastante tímida ao início, recebeu o pesquisador no seu comércio, uma pequena copiadora localizada no centro da cidade. Comenta ela que desde que a irmã e a família foram morar no Brasil, em 2017, teve que cuidar dos pais, já idosos, mas que a irmã envia ajuda financeira com bastante frequência, principalmente para ajudar com os medicamentos e outras despesas cotidianas.

Seu vínculo familiar ainda é muito forte, se falam ao telefone (via aplicativo de chamadas), quase todos os dias, principalmente nos últimos meses, em que seu pai esteve adoentado. *“Nunca perdimos el vínculo, aun antes cuando no se podía hablar a diario, nos escribíamos o llamaba ella siempre que podía, por las cabinas públicas, pero siempre nos ayuda, con lo que puede”*, comenta a irmã.

Quanto ao envio de mercadorias necessárias para a produção do api, bebida tradicional que a irmã vende em São Paulo, comentou que apenas fez os contatos iniciais com alguns comerciantes da cidade, mas que depois que eles iniciaram os contatos com a família em São Paulo e fizeram os primeiros envios ficou mais fácil e que agora a irmã somente fala com eles. De todas maneiras, comenta a entrevistada que sempre procura saber e acompanhar se está tudo certo com eles e se as mercadorias chegam bem, se prontificando a ajudar com qualquer dificuldade que possam enfrentar.

8.5 Fronteiras e fluxo de mercadorias

A segunda visita à capital paulista ocorreu em dezembro do ano de 2024 e foi necessária para retornar e conversar com as famílias que haviam comentado que o fluxo de mercadorias vindas da Bolívia seguia por via terrestre passando por fronteira, principalmente pela cidade de Corumbá, no Estado de Mato Grosso do Sul, como é o caso das famílias Añez, Coca, Mamani, Peres, Salazar e Solis. Todos eles comentaram em seus relatos que as mercadorias seguem estes fluxos.

Outro ponto importante desta segunda visita foi confirmar os contatos das pessoas que fazem o traspasso por fronteira dos bens e mercadorias, para compreender como são os fluxos,

as dificuldades apresentadas e outras informações que tragam pontos relevantes para a tese, no sentido de compreender estes bens e mercadorias não apenas pelo seu valor econômico, mas principalmente o seu “valor social”, construído socialmente e que pode sofrer variações conforme o contexto cultural.

Ao retornar a São Paulo foi possível ainda observar de maneira mais detalhada o cotidiano das famílias que possuem comércios transnacionais, no que diz respeito aos vínculos familiares presentes em todas as famílias entrevistadas, já que além de manterem os vínculos com os parentes que ficaram na Bolívia foi possível também, observar e confirmar o fenômeno que caracteriza as novas migrações e que difere das primeiras gerações de imigrantes ao se tornarem desenraizados do seu país de nascimento, por um perfil do “transmigrante” mencionado na literatura por Schiller *et al* (1995).

Este indivíduo que se caracteriza por a sua vida diária depender de interconexões múltiplas e constantes por meio de fronteiras internacionais, construindo e reconstruindo, ainda segundo Schiller *et al* (1995), suas incorporações simultâneas em mais de uma sociedade.

Um bom exemplo deste fenômeno é o sobrinho do senhor Mamani, que está em constante deslocamento, acompanhando o preparo e envios das mercadorias desde a Bolívia e frequentemente acompanhando a carga até São Paulo. Assim como menciona a literatura, não se trata de um sujeito sem vínculo em nenhum país, mas ao contrário, que sustenta relações simultâneas que unem sua sociedade de origem e de adoção.

Isto foi possível ao ter a oportunidade de entrevistá-lo tanto na capital paulista, na primeira visita de campo, em que ainda não havia se tido essa percepção, quanto na fronteira, o que foi necessário de ocorrer em janeiro de 2025. Ao aproveitar para buscar a família de parentes do pesquisador, que vinham passar as férias com ele, se deslocando por terra, o pesquisador optou por ir de carro até a cidade de Corumbá dois dias antes, para que, previamente agendado com o senhor Mamani e seu sobrinho, pudesse ser partícipe de um processo de traspasso de mercadorias em fronteira.

Assim, a visita de campo ocorreu na cidade brasileira de Corumbá e nas cidades bolivianas de Puerto Suarez e Puerto Quijarro. Nelas foi possível, junto com o sobrinho do senhor Mamani, acompanhar o trajeto pelo qual passam as mercadorias de inúmeras famílias brasileiro/bolivianas, com comércios transnacionais.

Ao se encontrar com o jovem Mamani, de 24 anos de idade, comentou ele durante a primeira conversa, na cidade de Puerto Quijarro, que muita da mercadoria vem por via férrea, dada a economicidade no custo do frete. “*Se trata de un transporte un poco más lento, pero seguro y más barato, tenemos unos conocidos que nos envían los productos desde La Paz y*

Cochabamba por flota (ônibus) y llegando a Santa Cruz, un amigo mío recibe y lo pone al tren, que llega aquí para mí”.

A ocasião, quando perguntado sobre a questão da moradia, mencionou que ele aluga um pequeno quarto com banheiro, mas com depósito nos fundos, no qual pode guardar parte das mercadorias, quando necessário e que tem as despesas cobertas pelo seu tio, mas que ele mora mesmo em Cochabamba, local em que reside desde criança e São Paulo, sua segunda casa, que visita a cada três ou quatro meses.

Uma das questões que facilitou muito estes deslocamentos, comenta o jovem, é o fato de ter conseguido a carteira de identidade brasileira há cinco anos, pois com ela, quando solicitado pelos agentes de migração ou da polícia Rodoviária Federal do Brasil, ele pode circular livremente nos dois territórios, devido a tratados do Mercosur, acordo do qual os dois países fazem parte.

Outro fato importante que comentou durante a entrevista, é que já teve as mercadorias apreendidas em pelo menos três ocasiões, já que transportava uma quantidade grande do mesmo produto, principalmente os industrializados. Quanto aos produtos naturais, proibidos pela legislação brasileira de adentrarem ao país, não quis comentar detalhes para que não ficasse registrado na pesquisa, mas deu a entender que ele e mais uns colegas “dão seu jeito”, no sentido de levarem clandestinamente em carros particulares e bem cobertos entre as cidades de fronteira.

Assim, ele foi aprendendo as formas de conseguir transpassar por fronteiras, com maior cautela, sem o risco de ter as mercadorias apreendidas. De igual maneira muitas outras famílias utilizam estes contatos que não somente conhecem os processos e formas com que os bens e mercadorias cheguem até São Paulo, quanto são pessoas de confiança, familiares, amigos e conhecidos que formam redes de confiança e cooperação, o que se configura de fato um exemplo da transnacionalidade familiar e comercial, bem como a figura do transmigrante.⁵

Por questão de desencontros, não foi possível entrevistar outros contatos feitos previamente em São Paulo, ou talvez por receio de serem expostas, outras duas pessoas que haviam ficado de receber e ceder uma entrevista ao pesquisador desmarcaram de última hora ou apenas não aparecerem no lugar marcado.

⁵ Esta parte que revela atividades “clandestinas” será suprimida da versão final da tese. Foi mantida nesta versão de circulação restrita por ser importante para as análises. Na versão final, que eventualmente ficar pública, em bases de dados abertas, será retirada do capítulo 8, por questões de precaução ética.

9 COMÉRCIOS TRANSNACIONAIS

A hipótese aventada, que a transnacionalidade comercial pode ser considerada como uma categoria complementar de estudo, dentro do campo de estudos das migrações internacionais e contemporâneas, diferente ou complementar à transnacionalidade familiar e empresarial de imigrantes bolivianos em São Paulo, se desenhava como resposta plausível aos questionamentos do pesquisador. Para tal foram caracterizadas, mediante estudos empíricos, as diferenças e similitudes entre as transnacionalidades familiar, empresarial e comercial, esta última, como uma forma complementar ou distinta das anteriores, principalmente pela forma em como ocorre o processo pelo qual os imigrantes bolivianos constroem campos sociais e econômicos que unem São Paulo à Bolívia. Essa transnacionalidade se manifesta na circulação de bens e mercadorias, carregados de significados culturais e sociais, que representam os vínculos e a identidade dos imigrantes com seu país de origem.

9.1 Famílias transnacionais

A origem do termo transnacional, como já descrito na seção teórica da tese, surge entre meados dos anos oitenta e início dos anos noventa e denota um evidente vínculo entre estados-nações, nos quais indivíduos, objetos (mercadorias ou bens), ideias, cultura e outras intercessões se deslocam em fluxos intensos em ambas as direções, fortalecendo os laços dos imigrantes em vários sentidos.

Da mesma forma, as famílias transnacionais ocupam lugar de destaque nos últimos estudos socioantropológicos e em diversas etnografias de imigrantes, pois ajudam a compreender a indissociabilidade entre migração e transnacionalidade, porque denota uma série de possíveis análises que, isolada, paralela ou transversalmente auxiliam numa maior compreensão da complexidade que apresenta o fenômeno das migrações contemporâneas.

Por conceito, família transnacional é aquela que apresenta um tipo de estrutura familiar que se estende além das fronteiras nacionais, envolvendo membros que vivem em diferentes países e que, se caracteriza pelo fato dos laços familiares e as interações ocorrerem independentemente das distâncias geográficas. Neste sentido foi de amplo auxílio a realização de um estudo de caráter bibliométrico para compreender a abrangência de pesquisas empíricas e teóricas quanto ao termo famílias transnacionais, nos principais buscadores científicos disponíveis na rede mundial de computadores.

Assim, ao procurar termos como “famílias transnacionais” foram apresentados mais de vinte e seis mil registros, dentre os quais apontam inúmeras pesquisas empíricas sobre o fenômeno da transnacionalidade familiar, com diversos exemplos migratórios, com destaque a dois tipos de migração: a sul-norte e a sul-sul.

Dentre os conceitos apresentados na pesquisa bibliográfica foi possível descrever e caracterizar as famílias transnacionais com base em três ou quatro critérios, segundo cada autor: notória mobilidade geográfica; manutenção dos laços emocionais; constante fluxo de recursos via remessas financeiras e materiais entre os membros da família em distintos países; e manutenção de identidades culturais diversas, influenciadas pela convivência em diferentes contextos sociais e culturais.

Ao mesmo tempo é possível, conforme os autores, caracterizar as famílias transnacionais em três dimensões. Quanto à natureza e objetivos; estrutura; e dinâmicas de interação.

As famílias transnacionais quanto à natureza, têm como característica manter laços emocionais e de apoio entre os membros da família, independentemente da distância geográfica. Quanto à estrutura, as famílias transnacionais, são geralmente informais e baseadas em laços afetivos, com interações que podem ser flexíveis e adaptáveis às circunstâncias de cada membro, e por último, quanto às dinâmicas de interação, nas famílias transnacionais as interações são baseadas em relações pessoais, afetivas e sociais, envolvendo comunicação regular e apoio emocional.

Todas estas características foram possíveis de se observarem também na pesquisa de campo, junto aos sujeitos da pesquisa, composta por uma amostra de dezessete famílias que apresentam as características da transnacionalidade familiar acima citadas, mas que vão um pouco além, principalmente no que se refere às dinâmicas de interação, que não se limitam as relações sociais, mas abrangem o comercial e o econômico de maneira bilateral, isto é, existem laços econômicos não somente em um único sentido ou fluxo, como característico nas remessas financeiras de famílias transnacionais comuns, mas uma contrapartida no fluxo de materiais, bens e informações, característicos dos laços comerciais.

Por outro lado, as famílias entrevistadas confirmam todas as características de famílias transnacionais no que se referem a estruturas informais e de natureza com o objetivo de manterem laços emocionais e de apoio entre os membros da família em distintos países.

9.2 Empresas transnacionais

Sobre elas, da mesma maneira, foram realizadas pesquisas com a técnica da bibliometria em diversos buscadores científicos da rede mundial de informação e após os filtros aplicados obtiveram-se quase quinze mil referências⁶ a termos como empresas transnacionais ou comércios transnacionais. O que chamou a atenção é que, ao aprofundar em pesquisas empíricas, em poucas situações se encontra algo relativo a comércios informais ou a grupos familiares que mantenham esta dinâmica de vida. A grande maioria, quase a totalidade, se assemelham ou tem seu ponto de estudo focado em empresas multinacionais em diversos espectros de estudo, como o empresarial, jurídico, de comércio exterior e poucos relativos às ciências sociais.

Por conceito, as empresas transnacionais são organizações que operam em múltiplos países, tendo uma estrutura e um funcionamento que transcendem as fronteiras nacionais, caracterizadas por sua capacidade de integrar e coordenar atividades em diferentes mercados globais.

Quanto às suas principais características estão presentes a capacidade de operações multinacionais, que possuem filiais, subsidiárias ou joint ventures em vários países, atuam em diferentes mercados e desenvolvem estratégias que consideram as particularidades de cada mercado, ao mesmo tempo em que buscam sinergias globais. Possuem ainda capacidade de grandes movimentações de capital, tecnologia e recursos humanos entre suas operações em diferentes países, ao mesmo tempo em que buscam lidar com uma diversidade de culturas e práticas de negócios, o que influencia suas operações e estratégias.

Assim como as famílias transnacionais, as empresas transnacionais também podem ser categorizadas quanto à natureza e objetivos, estrutura e dinâmicas de interação.

Para as empresas transnacionais o objetivo de sua natureza é expandir operações, aumentar a participação no mercado global, otimizar custos e maximizar lucros, buscando eficiência e competitividade em um ambiente econômico globalizado.

Quanto à estrutura, nas empresas transnacionais ela é formal e hierárquica, com uma organização complexa que inclui filiais, subsidiárias e unidades de negócios em diferentes países e as decisões são tomadas com base em estratégias de negócios e análises de mercado.

⁶ O resultado das buscas será apresentado nos anexos da tese.

Por fim, quanto às dinâmicas de interação, nas empresas transnacionais as interações são orientadas por objetivos comerciais e estratégias de mercado, envolvendo negociações, parcerias e gestão de operações.

Da mesma maneira, foram realizados filtros e feito um detalhamento por amostragem, dentre os resultados obtidos na bibliometria e foram observadas poucas pesquisas empíricas em que a manutenção de vínculos econômicos se dê de maneira informal ou por famílias que se encontram em distintos países. Ao contrário, grande parte das pesquisas se concentra de fato em grandes operações de negócios internacionais, casos de logística e comércio internacional, estratégias de grandes mercados multinacionais e globalizados e assuntos jurídicos, do direito comercial internacional.

Este fato, somado à percepção e observação do pesquisador no campo empírico, levou a compreender que seria necessário estabelecer um vínculo relacional entre esses dois fenômenos, as famílias e as empresas transnacionais, que atendessem com as características de ou de outro, mas que fosse complementar ou distinto de ambas, o que levou à elaboração da ideia, ou hipótese do estudo, quanto aos comércios transnacionais.

9.3 Entre o familiar e o empresarial

Ao organizar mediante a técnica da pesquisa bibliométrica, utilizando o termo Comércio transnacional e aplicando os filtros para pesquisas também de cunho empírico e relacionadas com filtros nas áreas das Ciências Sociais e Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas, de maneira qualitativa, para aquelas citações em que o termo de comércio transnacional tenha uma conotação não empresarial, mas que abordasse principalmente os comércios informais e os fluxos de bens e mercadorias (muitas vezes com vínculos familiares), que caracterizam a categoria proposta, foi possível realizar uma relevante análise, no que diz respeito aos termos pesquisados, conforme segue.

Pesquisa do termo Comércio Transnacional no buscador Scielo:

- a) Introducción Espacios Transfronterizos de Los Andes: Regímenes de regulación, acumulación y distribución entre el Estado y los grupos Aymara y Quechua;
- b) Tres movibilidades para una ruta. Espacio, comercio y transnacionalidad boliviana en Tarapacá;

- c) Comércio informal, transfronteiriço e transnacional: que articulações? Estudo de caso no mercado de S. Pedro (Huambo) e nos mercados dos Kwanzas e Roque Santeiro (Luanda);
- d) El Movimiento Doble: actores insiders y outsiders en la emergencia de una sociedad civil transnacional en las Américas;
- e) La desmercantilización de los alimentos por una regulación internacional pro-acceso; e
- f) Ensamblajes transnacionales de la colectividad boliviana en Buenos Aires.

Dentre as pesquisas acima, merecem destaque as realizadas principalmente entre países que possuem fronteira terrestre ou navegável, mas de curta distância, possibilitando assim a comparação com a pesquisa empírica desta tese, a exemplo das duas primeiras, que tratam de assuntos de países andinos, suas fronteiras e os comércios existentes entre as famílias transnacionais e não necessariamente empresariais.

Da mesma maneira, existem pesquisas realizadas em Luanda, na Angola, com análise de comércios familiares, informais, de artesanatos e produtos típicos do país, bem como duas que abordam o mesmo fenômeno, mas neste caso de Bolivianos em Buenos Aires, na Argentina, muito próximo a realidade apresentada aqui nesta pesquisa, junto às famílias transnacionais e que possuem comércios.

Pesquisa do termo Comércio Transnacional no catálogo de teses e dissertações da Capes:

- a) Aqui parece a minha terra": Vivências de comerciantes senegaleses em Salvador; e
- b) Outras globalizações: as “rabidantes” cabo-verdianas e o comércio popular transnacional entre as cidades de Fortaleza (CE) e Praia (Cabo Verde).

Estas duas pesquisas se relacionam à temática central desta tese que se refere à identidade, comércio popular e informal entre cidades e países próximos, que tratam como tema de fundo a transnacionalidade familiar, como é o caso de Senegaleses em Salvador e de mulheres cabo-verdianas com seus comércios entre Fortaleza no Brasil e Praia em Cabo Verde. Assim mesmo, as duas próximas que foram analisadas tratam da temática de famílias e mulheres imigrantes e com vínculos de comércios transnacionais.

Pesquisa do termo Comércio Transnacional no portal de periódicos da Capes

- a) Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde; e

- b) Mundo do comércio, um mundo das mulheres: Pensando práticas comerciais em Mindelo, Cabo Verde.

Estas pesquisas puderam reforçar o quão próximo o tema desta tese se encontra com a transnacionalidade comercial, como uma categoria de análise do fenômeno das migrações transnacionais e contemporâneas, no sentido de ser complementar ou paralela em seus objetivos, estrutura e interações orientadas à manutenção dos vínculos, sejam estes familiares ou comerciais.

Quanto às características apresentadas pelos autores que trabalham com o conceito de famílias transnacionais, assemelham-se com a transnacionalidade comercial nos quesitos relacionados com a sua natureza e objetivos, por se manterem os laços familiares e emocionais: mesmo se tratando de comércios, a sua base é familiar.

Da mesma forma quanto à sua estrutura, que se mantém praticamente informal, dado ao fato de que os próprios familiares são os colaboradores do comércio, com algumas poucas exceções de contratações externas; mas tendo apenas poucas mudanças quanto às dinâmicas de interação, sendo pelo fato de que essas dinâmicas não serem unilaterais no que se refere a remessas e fluxos de materiais e bens, mas relações bilaterais comerciais e familiares ao mesmo tempo, por isso a hipótese deste trabalho vê a transnacionalidade comercial como complementar à familiar, mas ao mesmo tempo paralela à empresarial; já nesta, existem algumas divergências significativas.

Da categoria de transnacionalidade empresarial, se comparada com a comercial/familiar ou informal, é possível apontar algumas divergências, o que torna necessário apontar a transnacionalidade comercial como mais uma categoria de estudo, paralela.

Quanto à sua natureza e objetivos são similares, mas não iguais, porque apesar da comercial também buscar os lucros provenientes do negócio, fica muito distante da empresarial que tem como seus principais objetivos expandir operações, aumentar a participação no mercado global, otimizar custos e maximizar lucros, buscando eficiência e competitividade em um ambiente econômico globalizado. A transnacionalidade comercial informal, nestes casos estudados apresenta-se muito mais como uma possibilidade de sustento e sobrevivência, do que na versão empresarial de expansão participação global.

Assim mesmo quanto à sua estrutura ambas se distanciam bastante uma da outra pois, enquanto existe uma formalização hierárquica nas estruturas empresariais, nos comércios transnacionais familiares se observa exatamente o oposto, muita informalidade, sem estruturas

burocráticas ou gerenciais, com a maioria dos cargos sendo ocupados pelos próprios membros da família.

Por último, quanto às dinâmicas de interação, as empresas transnacionais são orientadas por objetivos e estratégias de mercado, envolvendo negociações, parcerias e gestão de operações, enquanto na transnacionalidade comercial prevalecem as interações familiares baseadas em relações pessoais, afetivas e sociais, envolvendo comunicação regular e apoio tanto emocional, como financeiro.

Desta maneira é possível afirmar que, ao menos a partir da amostragem realizada com a população das dezessete famílias transnacionais bolivianas, que possuem comércios em São Paulo, o fenômeno da transnacionalidade comercial, conceitualmente se apresenta com a necessidade de uma categoria paralela à empresarial e complementar à familiar, e ao mesmo tempo observa-se que na prática esta categoria poderá auxiliar na compreensão do fenômeno das migrações contemporâneas, como um elemento mais atual e que corrobora também com o perfil de imigrante transnacional na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da presente tese surgiu da percepção de uma lacuna na literatura sobre o fenômeno em que famílias de imigrantes se assemelham a empresas, mas com naturezas, objetivos e estruturas singulares, mediante a prática e expansão do comércio. O estudo se contextualiza na intensificação do fluxo migratório boliviano para São Paulo a partir da década de 1980. Ao analisar a interconexão contínua de fluxos de pessoas, ideias, objetos e capital através das fronteiras dos Estados-nação, buscou-se compreender como os imigrantes bolivianos constroem campos sociais e econômicos que unem São Paulo à Bolívia.

A circulação de bens e mercadorias, carregadas de significados culturais e sociais, emerge como um elo fundamental na manutenção dos vínculos e da identidade dos imigrantes com seu país de origem. Espera-se que este estudo contribua para uma compreensão mais aprofundada da complexidade do fenômeno migratório e da transnacionalidade, lançando luz sobre a experiência única dos imigrantes bolivianos em São Paulo e a centralidade do comércio informal como um pilar em sua trajetória socioeconômica e cultural, numa perspectiva multiescalar e multidimensional.

A contextualização empírica deste estudo revelou a intensificação do fluxo migratório boliviano para São Paulo a partir da década de 1980, consolidando-se como o maior grupo de imigrantes latino-americanos na cidade. Inicialmente, muitos desses imigrantes foram submetidos a condições de exploração, notadamente no setor de confecções, caracterizado por longas jornadas de trabalho, alojamentos precários e baixos salários. No entanto, a pesquisa destaca uma significativa - e surpreendente - mudança social, de "quase escravos a comerciantes", impulsionada pela busca de melhores condições de vida e pela percepção de novas oportunidades.

Essa transformação é emblematicamente visível em espaços como a Rua Coimbra, no bairro do Brás, que se tornou um ponto de referência da presença boliviana na cidade, com comércios, serviços e produtos típicos que recriam um ambiente que remete à Bolívia. Este cenário empírico fundamental permitiu a emergência da hipótese central da tese.

A partir deste panorama, o estudo aprofundou a investigação da transnacionalidade comercial como uma categoria de estudo complementar às já estabelecidas transnacionalidades familiar e empresarial. A análise empírica dos comércios transnacionais familiares, frequentemente informais, revelou a contínua interconexão de fluxos de pessoas, bens, ideias e capital através das fronteiras dos Estados-nação, unindo São Paulo à Bolívia.

A pesquisa bibliométrica, por sua vez, evidenciou uma lacuna nos estudos sobre a transnacionalidade comercial como uma categoria analítica própria, distinta das já consolidadas transnacionalidades familiar e empresarial. Contudo, é no comércio informal de bens e mercadorias que transpassam fronteiras que se manifesta a manutenção de vínculos culturais e sociais, tornando-se um pilar fundamental na trajetória socioeconômica e cultural desses imigrantes. Assim, a proposição da transnacionalidade comercial visa aprofundar a compreensão desse fenômeno, reconhecendo-a como uma dinâmica que une São Paulo à Bolívia e que vai além dos paradigmas de assimilação, evidenciando como os imigrantes constroem e sustentam seus campos sociais e econômicos transnacionais.

O aprofundamento no marco teórico, embora limitado pelas dificuldades do pesquisador em termos de tempo e espaço, conforme delineado no capítulo quatro, permitiu compreender a transnacionalidade como um fenômeno contemporâneo que transcende meras deslocações geográficas, evidenciando a interconexão contínua de fluxos de pessoas, ideias, objetos e capital através das fronteiras dos Estados-nação. As noções de vida social e biografia cultural das coisas, propostas por Appadurai e Simmel, revelaram que as mercadorias não são apenas produtos econômicos, mas portadoras de significados culturais e sociais, cujo valor é construído e ressignificado nas interações sociais. Este olhar teórico sublinha que os fluxos de bens e mercadorias, centrais para a compreensão da transnacionalidade comercial, estão intrinsecamente ligados a identidades e laços afetivos, transformando o ato de consumo em uma prática social carregada de simbolismo.

Adicionalmente, a exploração do conceito de Capital Social de Portes e da Teoria do Ator-Rede (ANT) de Latour e Callon forneceu um entendimento crucial sobre a dinâmica das redes transnacionais. O capital social, compreendido como a capacidade de atores de obter benefícios por meio de sua participação em redes sociais e outras estruturas sociais, demonstra como laços de parentesco e solidariedade comunitária são fundamentais para o desenvolvimento de atividades econômicas e políticas transnacionais. Essa perspectiva, ao considerar tanto humanos quanto não-humanos (objetos, tecnologias) como "atores" em redes complexas, elucida como as inovações e as práticas são desenvolvidas e disseminadas, através de processos de "tradução" que alinham interesses e superam fronteiras. Assim, a teoria evidenciou a interdependência entre as redes sociais e a sustentabilidade das práticas transnacionais.

Tal concepção, que se distingue do capital econômico e humano por seu caráter relacional, sublinha que o capital social reside na própria estrutura das relações entre os atores e a sociedade, e não nos indivíduos em si. Tal perspectiva é crucial para analisar como as redes

de parentesco, amizade e associação se convertem em meios essenciais para os imigrantes acessarem informações, apoio emocional, se inserindo no mercado de trabalho no novo contexto.

Aprofundando essa análise, o trabalho de Portes estabelece uma convergência significativa entre capital social e transnacionalidade. Ele concebe a transnacionalidade como um "campo de atividades sustentadas que requerem contatos regulares e contínuos além das fronteiras nacionais", desafiando os modelos clássicos de assimilação que pressupõem o abandono dos vínculos com o país de origem. As práticas transnacionais dos imigrantes, que incluem desde remessas financeiras até o envolvimento em associações e empreendimentos econômicos em múltiplos países, são fortemente sustentadas por redes sociais densas, alicerçadas em confiança, reciprocidade e lealdade. O capital social, nesse sentido, é o elemento que permite a continuidade dessas relações através do tempo e do espaço, formando os "campos sociais transnacionais".

A análise empírica, corroborada por Portes, demonstra como imigrantes utilizam essas redes transnacionais para desenvolver negócios binacionais, organizar eventos culturais e participar politicamente em seus países de origem, evidenciando que eles não rompem com laços anteriores, mas constroem novas formas de pertencimento e ação social. Contudo, é importante notar que o capital social, embora seja um recurso valioso, também pode gerar obrigações excessivas e reproduzir desigualdades internas. A articulação entre capital social e transnacionalidade, portanto, oferece uma chave interpretativa interessante para compreender a complexidade dos fenômenos migratórios contemporâneos e as trajetórias dos sujeitos em contextos de mobilidade e fronteiras permeáveis.

A análise da crise do estado-nação a partir da territorialidade (Held & McGrew) e das fronteiras e dinâmicas da sociabilidade (Nail, Kumar) enriqueceu a compreensão da complexidade das identidades em um mundo globalizado. Percebe-se que as fronteiras não são linhas fixas e imutáveis, mas processos dinâmicos, e que a cidadania não se limita exclusivamente ao estado-nação, tornando-se transnacional.

Os conceitos vinculados à noção de hibridismo cultural (Canclini, Bhabha) revelam que as identidades são fluidas e multifacetadas, constantemente negociadas em contextos diversos e influenciadas por interações culturais. Este arcabouço teórico desafia visões assimilacionistas e reforça a ideia de que os imigrantes podem manter vínculos com suas comunidades de origem ao mesmo tempo em que se integram nos países de destino, construindo narrativas que entrelaçam passado e presente.

Em síntese, o panorama teórico, fundamentado na perspectiva multifacetada de Sayad sobre o “migrante total” e na compreensão da transnacionalidade como um campo social que une países de origem e destino, salienta a necessidade de uma abordagem analítica inter-escalar e multifacetada. Este estudo teórico aprofundado valida a importância de considerar o fenômeno migratório em suas múltiplas dimensões – social, histórica, geográfica e econômica – para uma compreensão holística. A complexidade dos vínculos transnacionais, especialmente no que tange à transnacionalidade comercial, é melhor apreendida quando se empregam essas lentes teóricas, que permitem visualizar como os indivíduos constroem e mantêm suas identidades através de fluxos contínuos e laços que desafiam as categorias tradicionais. O referencial teórico, portanto, oferece as ferramentas conceituais essenciais para investigar a emergência e as características dessa nova categoria de estudo.

Esta análise se insere no contexto da transição socioeconômica de "trabalhador análogo ao escravo" a "comerciante", vivenciada por essa população, reconhecendo a precarização como um aspecto indissociável da imigração laboral contemporânea. Para abordar tal complexidade, a pesquisa adotou uma perspectiva multiescalar e multifacetada, utilizando a análise inter-escalar para contextualizar o fenômeno em níveis global, nacional, regional e local, e a abordagem do "fato social total" de Mauss, permitindo uma interpretação simultaneamente vertical e horizontal dos aspectos sociais, históricos, geográficos e econômicos que moldam a trajetória do "migrante total". Admitimos que faltou um aprofundamento maior, desejável nas análises de uma tese doutoral. Isso, tanto como uma limitação da presente pesquisa, prejudicada por contextos laborais e familiares pós-pandêmicos, como também um incentivo a retomar a questão em futuros trabalhos.

A partir da lacuna percebida na literatura que diferencia famílias que se tornam, de certa forma, empresas, mas com naturezas e objetivos distintos das empresas tradicionais, vis-a-vis com o trabalho empírico, conclui-se que sim, que a transnacionalidade comercial pode ser considerada uma categoria complementar de estudo no campo das migrações internacionais, distinta ou paralela à transnacionalidade familiar e empresarial. A pesquisa se propôs a demonstrar o potencial heurístico dessa categoria analítica ao mapear os fluxos de bens, sua representatividade e o que eles simbolizam, caracterizando os vínculos afetivos e comerciais dos imigrantes com seu país de origem.

O componente descritivo que compôs a estratégia metodológica foi fundamental para caracterizar a população de imigrantes bolivianos em São Paulo e os fenômenos observados, bem como para estabelecer relações entre as variáveis estudadas.

Por sua vez, a natureza explanatória da pesquisa buscou examinar as relações de causa e efeito, aprofundando o conhecimento sobre os fatores que impulsionam o fenômeno migratório e as dinâmicas da transnacionalidade, especialmente a comercial. A observação participante, realizada em diversos ambientes de convívio e trabalho, como a Rua Coimbra e a Feira Kantuta, foi crucial para captar as dinâmicas culturais, sociais e comerciais, e para compreender como os objetos, alimentos e mercadorias se traduzem em capital social e reforçam a identidade. Assim mesmo ocorreu nas diversas viagens de campo a cidades como La Paz e Cochabamba, redutos familiares dos comerciantes em São Paulo, e por último, nas fronteiras, em cidades da Bolívia e do Brasil.

O capítulo que transcreve as percepções dos imigrantes entrevistados, bem como a observação ativa, revela a notável transformação vivenciada pelos imigrantes bolivianos em São Paulo, que transitam de uma condição de vulnerabilidade e trabalho precário, para a de comerciantes e empreendedores. Esta transição não é apenas um deslocamento econômico, mas um processo complexo que envolve a construção de identidades em contextos sociais, econômicos e culturais multifacetados.

A pesquisa evidenciou como a precarização laboral foi um ponto de partida para muitos desses imigrantes, mas que a sua capacidade de agência e a busca por melhores condições de vida os impulsionou para novas formas de subsistência e integração na metrópole paulista.

Nesse percurso de pesquisa, os espaços de expressão, identidade e cultura desempenham um papel crucial. Ruas como a Coimbra, no Brás, e a Feira Kantuta, no Pari, tornaram-se "pequenas Bolívias", onde a cultura boliviana é vibrantemente recriada e celebrada por meio de restaurantes, comércios de produtos típicos, serviços e eventos culturais como o Carnaval Boliviano, a festa de Alasitas e o "Fé & Cultura". Tais manifestações incluem danças folclóricas, música, gastronomia e artesanato, que são não apenas expressões culturais, mas também veículos para o comércio transnacional. Os objetos, alimentos e mercadorias que circulam entre a Bolívia e São Paulo são carregados de significados culturais e sociais, tornando-se elementos vitais na manutenção dos vínculos e da identidade dos imigrantes com seu país de origem.

O empreendedorismo imigrante surge como um motor fundamental para essa ascensão social. A transição de "quase escravos a comerciantes" é corroborada pelos dados que indicam que os bolivianos são a nacionalidade com o maior número de Microempreendedores Individuais (MEIs) entre estrangeiros no Brasil. Esse movimento é impulsionado pela busca por independência econômica e melhores condições de vida, superando as condições de superexploração anteriormente enfrentadas. Os relatos das famílias Mamani, Quispe, Salazar,

Flores, Ticona, Rojas, Peres, Coca, Tejada, Añez, Choque, Huanca, Ayaviri, Vargas, Espinoza, Quiroga e Solis exemplificam essa trajetória, revelando como a abertura de negócios, muitas vezes informais no início, permitiu-lhes adquirir maior liberdade e segurança.

As histórias de vida das famílias e comércios transnacionais fornecem a evidência empírica para a proposição da transnacionalidade comercial. Essas narrativas detalham os desafios logísticos e a forma como redes de confiança, frequentemente familiares e de amigos, são estabelecidas para o transporte de bens e mercadorias entre Bolívia e Brasil. Os produtos comercializados – de alimentos típicos a artesanato e matérias-primas – possuem um duplo valor: econômico e simbólico. A circulação desses bens não é apenas um intercâmbio comercial, mas uma manifestação material dos vínculos afetivos, culturais e sociais que os imigrantes mantêm com seu país de origem, demonstrando uma dinâmica que se situa *entre* o puramente familiar e o puramente empresarial.

Por fim, a pesquisa destaca a emergência de um novo perfil de imigrante, o "transmigrante". Indivíduos como o sobrinho de Don Miguel Mamani, que se deslocam constantemente entre a Bolívia e o Brasil, gerenciando o fluxo de mercadorias e mantendo laços em ambos os países, personificam essa interconexão contínua e multifacetada. Essa realidade desafia os modelos clássicos de assimilação, ao demonstrar que os imigrantes constroem campos sociais e econômicos que unem São Paulo à Bolívia de forma duradoura, renegociando suas identidades e agindo como agentes ativos na construção de suas próprias narrativas em um contexto de fronteiras permeáveis e mobilidade constante.

Esse novo entendimento não apenas enriquece a compreensão das migrações contemporâneas, mas também oferece ferramentas analíticas mais precisas para futuras pesquisas sobre o "transmigrante", cuja vida diária depende de interconexões múltiplas e constantes através das fronteiras internacionais, unindo sua sociedade de origem e de adoção em um campo social e econômico contínuo.

A tese lança luz sobre um fenômeno complexo, mas, como todo trabalho científico, possui suas limitações e abre caminhos para futuras investigações, como já mencionado nesta conclusão. A pesquisa concentrou-se especificamente nos imigrantes bolivianos em São Paulo. Embora aprofunde a compreensão desse grupo, os resultados não são diretamente generalizáveis para outros grupos de imigrantes, outras cidades ou contextos migratórios, pois a amostra utilizada é intencional e não probabilística, focando em dezessete famílias, tendo a possibilidade de ampliar o escopo para outras populações migrantes, em estudos futuros.

Ao mesmo tempo, a tese se deparou com desafios na coleta de dados informais ou "clandestinos". A pesquisa lida com o comércio informal e, em alguns casos, com fluxos de

mercadorias que adentram o país de maneira não formalizada ou "clandestina". Devido à sensibilidade do tema e ao receio de exposição, alguns entrevistados não quiseram comentar detalhes sobre a entrada de produtos proibidos ou sobre os meios de transporte informais, e houve desencontros ou recusas de última hora em entrevistas. Essa opacidade inerente a certas dinâmicas informais pode limitar a totalidade e profundidade dos dados obtidos em alguns aspectos.

Como propostas de futuros estudos empíricos ou maiores aprofundamentos da categoria teórica, pode-se sugerir também a expansão para analisar o comércio transnacional entre outros grupos de imigrantes em São Paulo (como peruanos ou haitianos, que também são grupos significativos e mencionados nas fontes), ou em outras metrópoles brasileiras e da América do Sul (como Buenos Aires), para verificar se a categoria de transnacionalidade comercial se aplica de forma similar e quais as particularidades.

Por fim, é possível ampliar a profundidade desta pesquisa com estudos longitudinais, nos quais seria necessário acompanhar as trajetórias das famílias e comércios transnacionais ao longo de mais tempo, para observar a evolução da transnacionalidade comercial, sua sustentabilidade, as mudanças nas identidades e os desafios e oportunidades que surgem com o passar das gerações (especialmente a segunda e terceira gerações de imigrantes nascidas no Brasil). Ao mesmo tempo, seria possível investigar o impacto desse comércio transnacional nas comunidades e economias de origem na Bolívia, além das remessas financeiras, pois poderia se analisar como a demanda por produtos específicos influencia a produção local, o desenvolvimento de fornecedores e a valorização de elementos culturais bolivianos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginárias: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

AMARAL, Ana Paula Martins. BAÍIS, Mayara da Costa. SILVA, Eduardo Soares da. Autorização de residência prevista para vítimas do trabalho escravo na Lei de Migração: um estudo a partir da perspectiva dos imigrantes bolivianos. In: RAMOS, A. de C.; VEDOVATO, L. R.; BAENINGER R. (Org.). Nova Lei de Migração os três primeiros anos. São Paulo: UNICAMP, FADISP, 2020.

ANNER, Mark. Industrial structure, the state, and ideology: Shaping labor transnationalism in the Brazilian auto industry. *Social Science History*, Cambridge, 27 (4): 603-634, janeiro de 2006.

ARAÚJO, Ana Paula Correia de; FILARTIGAS, Danilo Magno Espíndola; CARVALHO, Luciani Coimbra de. Bolivianos no Brasil: migração internacional pelo corredor fronteiro Puerto Quijarro (BO)/ Corumbá (MS). *Interações*, Campo Grande, v.16 n. 1, Jan./Jun, 2015.

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução de Ágatha Bacelar. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BAENINGER, R. Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil – 1980/1996. 1999. 234f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: 1999.

BAENINGER, R. Imigração Boliviana no Brasil: NEPO/UNICAMP, Campinas, 2012.

BALIBAR, Étienne. Raça, nação, classe: as identidades ambíguas. Étienne Balibar, Immanuel Wallerstein, tradução Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2021.

BASCH, L., GLICK SCHILLER, N. e BLANC-SZANTON, C. Nations Unbound: transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nations-states. Gordon and Breach Science Publishers: New York, 2006.

BATTHYÁNY, K. e CABRERA M. (coord.) Metodología de la investigación en Ciencias Sociales. Apuntes para un curso inicial. Departamento de Publicaciones, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República (UCUR). Montevideo, 2011.

BENENCIA, R. El infierno del trabajo esclavo: la contracara de las 'exitosas' economías étnicas. *Avá*, Posadas, n. 15, dic. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18516942009000200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 01 agosto 2016.

BOLIVIA CULTURAL. Conhecimento como alavanca: imigrantes empreendem com mais segurança e independência financeira. Junho de 2025. Disponível em: <<https://www.boliviacultural.com.br/imigrantes-empreendem/>>. Acesso em: junho de 2025.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. Introduction: Migration theory: Talking across disciplines. In: Migration theory. Routledge, 2022. p. 1-43.

CALLON, M. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. Sociologias, Porto Alegre, n.19, p. 313-321, 2008.

CALLON, M. Por uma nova abordagem da ciência, da inovação e do mercado: o papel das redes sociotécnicas. In: PARENTE, A. Tramas da rede. Porto Alegre: Sulinas, 2004, p. 64-79.

CANCLINI, Néstor García. Latinoamericanos buscando lugar en este siglo. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CANCLINI, Néstor García. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução Roneide Venancio Majer. 6 Ed. A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTLES, S. Comprendiendo la migración global: una perspectiva desde la transformación social. Relaciones Internacionales, núm. 14, junio de 2010.

CAVALCANTI, L. Imigração e mercado de trabalho no Brasil: Características e tendências. Observatório das Migrações Internacionais no Brasil. Cadernos OBMigra - Revista Migrações Internacionais. v. 1, n. 2., 2015.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. Relatório Anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, Dados e Contribuições para Políticas. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. Relatório Anual OBMigra 2024. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2024.

CONCEIÇÃO Júnior, Antônio Rosa da. Uma análise das manifestações xenofóbicas na fronteira Brasil-Bolívia segundo o ordenamento jurídico brasileiro. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá/ MS, 2021.

COUTINHO, B. I. Imigração laboral e a produção de vestuário em São Paulo e Nova Iorque. Uma perspectiva comparativa sobre o trabalho de estrangeiros com a costura nas metrópoles da moda. Editora Novas Edições Acadêmicas, São Paulo: 2014.

COUTINHO, B. I. Imigração laboral e a produção de vestuário na cidade de São Paulo: entre a informalidade e a expectativa de mobilidade social ascendente. Cadernos OBMigra v.1 n.3, 2015.

DE SOUZA MENDES, Vinícius. Dançando pela cidade: fraternidades folclóricas Bolivianas em São Paulo. PERIPLOS, Revista de Investigación sobre Migraciones. V. 5, n 2, 2021. pp. 87-113.

DIARIO ZONA NORTE. Os bolivianos tomam a Praça Heróis da FEB e comemoram a independência do país. Agosto de 2022. Disponível em: <<https://www.diariozonanorte.com.br/os-bolivianos-tomam-a-praca-herois-da-feb-e-comemoram-a-independencia-do-pais>>. Acesso em: junho de 2025.

DIAS, Ramona T. R. A moradia dos bolivianos em Corumbá/MS: Singularidade do espaço fronteiriço. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá/ MS, 2010.

DONTHU, Naveen *et al.* How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. Journal of business research, v. 133, p. 285-296, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296321003155>. Acesso em: 29 de novembro de 2024.

DUNNING, J. e LUNDAN, S. M. Multinational Enterprises and the Global Economy, 2 ed. Edward Elgar Publishing, 2008.

DUNNING, J. International Production and the Multinational Enterprise (RLE International Business). London: Routledge, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203077818>.

ENSSLIN, L., ENSSLIN, S. R., LACERDA, R. T. O. & TASCA, J. E. Processo de Análise Bibliométrica. Processo técnico com patente de registro pendente junto ao INPI, BRASIL. 2010.

FAIST, T. The volume and dynamics of international migration and transnational social spaces. Oxford University Press, 2000.

FELDMAN-BIANCO, B. e GLICK SCHILLER, N. “Una conversación sobre transformaciones de la sociedad, migración transnacional y trayectorias de vida” In *Crítica y Emancipación*. Buenos Aires, vol. III, n. 5, 2011.

GARCÍA, Y. P. Migración y trabajo entre las regiones del Sur desde la perspectiva global. Un análisis del flujo de cubanos hacia Angola. Informe de Investigación, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO. Buenos Aires: CLACSO, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/becas/20150626075115/InformeFinalYulianelaPerezGarciacontapa.pdf>>. Acessado em 07 de julho de 2016.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GEREFFI, Gary; HUMPHREY, John; STURGEON, Timothy. The governance of global value chains. *Review of international political economy*, v. 12, n. 1, p. 78-104, 2005.

HELD, David e MCGREW, Anthony (Orgs.) Prós e contras da globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HELFEN, Markus e FICHTER, Michael. Building transnational union networks across global production networks: Conceptualising a new arena of labor-management relations: building transnational union networks. *British Journal of Industrial Relations*, Nova Jersey, 3 (51): 553-576, setembro de 2013.

HIRATUKA, C. Padrões de integração comercial das filiais de empresas transnacionais. In: LAPLANE, M.; COUTINHO, L.; HIRATUKA, C. (Org.). *Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil*. São Paulo: Editora da Unesp ; Campinas: IE- Unicamp, 2003. p. 165-213.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2022 – Resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KUMAR, Amitava. *A Foreigner Carrying in the Crook of His Arm a Tiny Bomb*. Durham: Duke University Press, 2010.

LATOURETTE, B. Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEVITT, Peggy e GLICK SCHILLER, Nina. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. *International Migration Review*, 2004. Vol. 38, nº3, pp. 1002-1039. 2004a.

LEVITT, Peggy e GLICK SCHILLER, Nina. Perspectivas internacionales sobre migración: conceptualizar la simultaneidad. *Migración y Desarrollo* [en línea]. 2004, (3), 60-91. Acessado em

15 de março 2023. ISSN: 1870-7599. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66000305.2004b>.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARSHALL, C; ROSSMAN, G. B. Designing Qualitative Research 4 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2006.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NAIL, Thomas. The figure of the migrant. Palo Alto: Stanford University Press, 2015.

NAIL, Thomas. Theory of the Border. Oxford: Oxford University Press, 2016.

OIM (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES). Desarrollo de Políticas sobre Migración. Migración y Trabajo. 2012. Disponível em: <www.crmsv.org/documentos/IOM_EMM_Es/intro/v3intro_cm.pdf> Acessado em 6 de julho de 2016.

OIT (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO). Erradicação do trabalho forçado. Disponível em: <http://www.oit.org.br/prgatv/in_focus/trab_esc.php>. Acessado em 01 de agosto de 2010.

OLIVEIRA, G. C. e BAENINGER, R. A interiorização das migrações internacionais: o caso dos bolivianos no Estado de São Paulo. Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población. 2014.

ONG, Aihwa. Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality. Durham: Duke University Press, 1999.

PORTES A. e BÖRÖCCZ J. Migración contemporánea. Perspectivas teóricas sobre sus determinantes y sus modalidades de incorporación. In: MALGESINI, G. (comp.) Cruzando fronteras: migraciones en el sistema mundial. Icaria. Fundación Hogar del Empleado, D. L. Barcelona. 1988. p. 43-74.

PORTES Alejandro. Capital Social: origens e aplicações na Sociologia Contemporânea. Sociologia, problemas e práticas, n. 33, 2000, p. 133-158.

PORTES Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 19, n. 51, 2004, p. 17-39.

PRADO, Marcos Aparecido Rodrigues do; NOGUEIRA, Eurides Costa Tavares. Da bibliometria à altmetria: primeiras aproximações. In: GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de; ROSAS, Fábio Sampaio (Orgs.). Tópicos da bibliometria para bibliotecas universitárias. 1. ed. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 25-48.

QUIJANO, A. Cuestiones y Horizontes. De la Dependencia Histórico-Estructural a la Colonialidad/Descolonialidad del Poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

RIBEIRO, Juliana Carvalho. Migrações Bolivianas. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2021.

RIBEIRO, Juliana Carvalho e BAENINGER, Rosana. Imigração Boliviana no Brasil no Século 21: redistribuição e "territorialização da bolivianidade". Cadernos eletrônicos direito internacional sem fronteiras, 4(2), 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7437971>.

SASSEN, Saskia. As cidades na economia mundial. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SASSEN, Saskia. La ciudad global. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

SAYAD. Abdelmalek. Uma pobreza “exótica”: a imigração argelina na França. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 17, 1991.

SAYAD. Abdelmalek. Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD. Abdelmalek. O retorno constitutivo da condição do imigrante. Travessia, Rio de Janeiro, Ano XII, 2000.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda e SZANTON BLANC, Cristina. De imigrante a transmigrantes: teorizando a migração transnacional. Anthropological Quarterly, v. 68, n. 1, p. 48-63, 1995.

SCHILLER, Nina Glick. Transnational social fields and imperialism: Bringing a theory of power to transnational studies. Anthropological theory, v. 5, n. 4, p. 439-461, 2005.

SILVA, C. F. Trabalho informal e redes de subcontratação: Dinâmicas urbanas da indústria de confecção em São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia. Programa de pós-graduação em Sociologia. Dissertação de Mestrado. São Paulo: 2008.

SILVA, S. Costurando Sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

SIMMEL, Georg. *Filosofía del Dinero*. Madrid: Gráficas Gracell, Alcobendas. 2013.

SOUSA, Milena Nunes Alves de; ALMEIDA, Elzenir Pereira de Oliveira; BEZERRA, André Luiz Dantas. Bibliometrics: what is it? What is it used for? And how to do it? *Cuadernos de Educación y Desarrollo Portugal*, v.16, n.2 p. 01-35, 2024.

ZANELLA, V. G. *Movimentos sociais de imigrantes bolivianas/os em São Paulo: uma análise cartográfica e crítica sobre as transformações recentes no campo das migrações internacionais*. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2014.

ANEXOS

Anexo I - Estrutura de tópicos para a entrevista semiestruturada

Análise comparativa internacional

- Como era o trabalho (ou atividade remunerada) ante de migrar
- Qual(ais) capacitações possuía antes de migrar
- Manutenção dos vínculos familiares

São Paulo – Bolívia

- Qual(ais) atividade(s) atualmente exerce
- Qual(ais) capacitações possui atualmente
- Ocupação na iniciativa privada ou negócio próprio

Trajetórias de vida e trabalho

- Elementos que narram as trajetórias dos imigrantes
- Dificuldades do processo migratório pelas quais passou
- Situação atual do imigrante quanto a documentação e família

Percursos comerciais

- Dificuldade em implementar seu próprio negócio
- Tipo de negócio (comércio/serviço)
- Características principais do negócio (conceito de valor)
- Locais por onde circulam os fluxos de mercadoria
- Possibilidades e projetos futuros

Migrações Sul-sul

- Porque a escolha do Brasil (São Paulo)
- Ainda se considera um imigrante?
- Fatores subjetivos (simbólicos) quanto aos produtos que comercializa
- Fatores culturais do seu país de origem
- Manutenção dos vínculos comerciais

Anexo II – Resultados quantitativos da pesquisa bibliométrica

TERMOS PESQUISADOS		ORIGEM		IDIOMAS				
PERÍODO: 1992/2025	TOTAL	NACIONAL	INTERNACIONAL	PORTUGUES	INGLES	ESPAÑHOL	FRANCES	OUTROS
comércio transnacional	186	32	154	52	19	112	1	2
comércios transnacionais	61	39	22	56	3	2	0	0
Famílias Transnacionais	26458	174	26284	21	25698	48	284	407
Empresas Transnacionais	14957	811	14146	0	3578	4	381	10994
comercios transnacionales	120	2	118	0	3	116	1	0
commerce transnationale	41	1	40	0	5	0	36	0